

# PEQUENAS EPIFANIAS

CAIO FERNANDO ABREU



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



PEQUENAS  
EPIFANIAS

PEQUENAS  
EPIFANIAS

CAIO  
FERNANDO  
ABREU

4ª EDIÇÃO



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 2104-2235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

A145p  
4. ed.

Abreu, Caio Fernando, 1948 - 1996  
Pequenas epifanias / Caio Fernando Abreu. - 4. ed. -  
Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2014.

ISBN 9788520940235

1. Crônica brasileira. I. Título.

14-14251

CDD: 869.98  
CDU: 821.134.3(81)-8

# Sumário

[As últimas palavras de Laika](#)

Antonio Gonçalves Filho

[Nota editorial](#)

[Quase prefácio](#)

Maria Adelaide Amaral

[Pequenas epifanias](#)

[Em memória de Lillian](#)

[Infinitivamente pessoal](#)

[Extremos da paixão](#)

[Deus é naja](#)

[Calamidade pública](#)

[Quando setembro vier](#)

[Zero grau de Libra](#)

[O mistério do cavalo de Édipo](#)

[O rosto atrás do rosto](#)

[Divagações na boca da urna](#)

[No centro do furacão](#)

[Ao momento presente](#)

[A mais justa das saias](#)

[Uma fábula chatinha](#)

[Anotações insensatas](#)

[As primeiras azaleias](#)

[Carlos chega ao céu](#)

[61: Verdade interior](#)

[Pálpebras de neblina](#)

[Por trás da vidraça](#)

[Uma história de fadas](#)

[Na terra do coração](#)

[Carta anônima](#)

[Lição para pentear pensamentos matinais](#)

[Se um brasileiro num dia de dezembro...](#)

[Reflexões de um fora da lei do Atrolho](#)

[Existe sempre alguma coisa ausente](#)

[A fúria dos jovens e a paz dos velhos](#)

[Primeira carta para além do muro](#)

[Segunda carta para além dos muros](#)

[Última carta para além dos muros](#)

[Hamburgo, 11 de outubro de 1994](#)

[Oito cidades alemãs e um Brasil](#)

Para ler ao som de Vinicius de Moraes  
Até que nem tão eletrônico assim  
Um uivo em memória de Reinaldo Arenas  
Breves memórias de um jardineiro cruel  
As nuvens, como já dizia Baudelaire...  
Breve introdução ao estudo do ciclo seco  
A cidade dos entretons  
Para lembrar Tia Flora  
A morte dos girassóis  
O ciclo seco ataca outra vez  
Os mistérios da Páscoa  
Novas notícias de um jardim ao sul  
O livro da minha vida  
O desejo mergulha na luz  
S.O.S. para um jardim no inverno  
Autógrafos, manias, medos e enfermarias  
Paisagens em movimento  
Sugestões para atravessar agosto  
Agostos por dentro  
Para uma companheira inseparável  
O mergulho do Príncipe Bailarino  
Aos deuses de tudo que existe  
Delírios do Puro Ódio  
Frida Kahlo, o martírio da beleza  
Entrevisão do trem que deve passar  
Os anjos da febre e a mão de Deus  
Mais uma carta para além dos muros  
No dia em que Vargas Llosa fez 59 anos  
Notas

## As últimas palavras de Laika

Caio Fernando Abreu tinha ojeriza a publicações póstumas, como lembra Marcelo Secron Bessa em seu livro *Os perigosos*, em que o ensaísta carioca analisa os efeitos da aids sobre a literatura produzida por escritores brasileiros soropositivos. O autor gaúcho queimou vários textos de seu arquivo antes de morrer, ainda de acordo com o livro de Bessa. Meticuloso, retomou o estilo epistolar para anunciar, por meio de suas crônicas no *Estadão*, que era portador do vírus HIV. Segundo Bessa, essa atitude, mais que um relato de seu martírio físico, representou a tentativa de construir um autorretrato literário para a posteridade. Impediu, enfim, que outro ousasse assumir a tarefa de revelar um rosto enigmático até para o próprio Caio. Resisto, portanto, à tentação de analisar como a soropositividade interferiu no tom da literatura do escritor gaúcho. Basta dizer que a morte, essa companheira inseparável, já marcara presença nessa literatura bem antes da série de “cartas para além dos muros” publicada no *Estadão*.

Era o editor do “Caderno 2” quando Caio voltou a colaborar como cronista do jornal, em 1993, após ter participado da primeira turma que criou o suplemento. A primeira vez que o vi na redação pareceu-me algo distante, avesso a seguir a tradição do gênero que consagrou Rubem Braga. Estava disposto a fazer da crônica uma narrativa explicitamente autobiográfica e escandalosamente literária. Ao optar pela epístola, abdicava de sua história pessoal em favor da literatura. Já na primeira carta além dos muros, publicada em 21 de agosto de 1994, o leitor mais atento percebe estar diante de um relato muito próximo à comovente carta do escritor francês Hervé Guibert ao amigo que não lhe salvou a vida. “Alguma coisa aconteceu comigo”, começa Caio. Alguma coisa tão estranha que ele não parecia à vontade para falar sobre ela com o leitor, destinatário daquela carta confessional em que a dor física do autor o impedia de revelar toda a verdade.

Na segunda carta, Caio descreve uma paisagem dantesca, repleta de querubins, serafins e arcanjos severos a guardar portões celestiais, trancando-o aqui fora junto aos de sua espécie. Guibert, Reinaldo Arenas, Renato Russo e Derek Jarman estão ao lado de anjos de jeans, couro negro e cabelos descoloridos, mas não no caminho do inferno, como supunha Caio. Pairam sobre o abismo como bons equilibristas, loucos para ser salvos pelo verbo. E, finalmente, na última epístola além dos muros, Caio decide renegar as trevas. Expulsa de seu

texto metáforas obscuras e, decidido a escrever uma crônica menos enigmática da morte anunciada, revela, no dia 18 de setembro de 1994, em plena primavera gaúcha, que voltou da Europa com manchas na pele, febres e suores. O calvário começara. Procurou um médico, fez o teste e, três dias depois, acordou de um sono drogado num leito do hospital Emílio Ribas, em São Paulo.

Como Guibert, Caio fazia tal revelação porque não sabia ser senão “pessoal, impudico”. Mudara, mas continuava o mesmo, resistindo à tentação de ser o que Hume classificaria de uma pessoa virtuosa, imediatamente agradável. Caio, o desagradável, estava mais para o construtivismo moral de Kant, que via os talentos do espírito como dons da natureza. Às portas da morte, Caio celebrava a vida, beijando-a na boca, agradecendo cada minuto de sua existência. Longe de formular uma teoria ética, ele comemorava fazendo aquilo que melhor sabia: viajar. Um mês após anunciar ser portador do vírus, já estava de malas prontas para girar por oito cidades alemãs e discutir a tradução de seus livros com Gerd Hilger, a quem, carinhosamente, chamava de Gudrun. E ainda encontrou energia para repreender o amigo por tanta lamúria, logo ele, um alemão que tinha casa, carro e vídeo, um privilegiado diante dos sofrimentos da Bósnia e da solidão de Laika uivando para o infinito em sua cápsula espacial.

Laika, aliás, é um codinome muito usado pelo escritor depois de Caio F. (homenagem a Christiane F., drogada e prostituída na estação do zoológico do metrô de Berlim). Em ambos, o desamparo é trágico. Inseguro, paranoico, só se sentia bem em trânsito, viajando com ou sem passaporte. Ao retornar ao Brasil após uma temporada europeia, em setembro de 1993, confessou numa carta (ao amigo Gerd) estar tremendamente infeliz. Dormia cedo, acordava mais cedo ainda, lavava roupa, revisava traduções para acadêmicos e, ainda por cima, começava a desconfiar que algo não andava bem com sua saúde, agravada com a chegada da primavera e uma gripe dos diabos trazida pelas chuvas amazônicas.

Assim, o que se lê neste livro são crônicas escritas em estado de urgência por alguém que não localizou a saída de emergência no inferno (ou o que ele supunha ser a casa do diabo). Tímido, com um ar de cachorro surrado, Caio, eternamente bândi, caiu na real numa São Paulo dura e hostil. Numa carta ao cineasta Guilherme de Almeida Prado, escrita dois anos antes de sua morte, queixava-se de ter sido abandonado pelos amigos à própria sorte. Sem trabalho, sem casa, sem nada, dizia ter enviado sinal de socorro a todos e por todos ter sido renegado. Mas não culpava ninguém. Como Wolinski, o chargista francês, repetia continuamente: “*Si tout le monde était comme moi, je n’aurais pas besoin de detester les autres!*” (“Se todos fossem como eu, não precisaria detestar os outros”). Dá bem a medida de como o próprio Caio se via.

Pouco satisfeito com Caio Fernando Abreu, Caio F. tratou de criar na literatura uma persona, alguém com quem conseguisse conviver. Alguém engraçado, capaz de dividir (sem

culpa) os homossexuais por categorias (de Jaciras, bichas assumidíssimas, a Telmas, que juram não ser gays). Mais niilista que um personagem de Gontcharov, o aristocrático Caio, um príncipe normando segundo Bivar, via o mundo como se, de alguma forma, nunca tivesse feito parte dele, elegendo apenas o amor como digno de reverência e devoção, uma doutrina que renegava os valores do mundo secular ao reduzi-los a cacos. Daí as pequenas epifanias. “A misericórdia, e não o sacrifício”, ensinou São Francisco aos discípulos, exortando cada um a examinar sua natureza e conceder ao corpo aquilo que lhe fosse necessário para servir ao espírito. Francisco não amava as formigas tanto como os passarinhos, que nada guardam de um dia para o outro e vivem viajando. Já as formigas, previdentes, juntam mais que o necessário para o estio do inverno, e essa ganância desagradava ao santo que, é provável, teria compreendido mais o estilo de vida de um errante pela estrada do século, derrotado pela fadiga e agonia como Caio, desesperado atrás de uma pequena epifania.

O crítico Marcelo Pen, no prefácio de *Caio 3D: O essencial da década de 1990*, chama a atenção para o fato de todos os personagens de Caio estarem quase sempre em deslocamento, em movimento. Ativo, Caio igualmente parecia caminhar com firmeza, mesmo sem saber que direção escolher. Simplesmente caminhava, à espera da graça, de uma epifania que o recompensasse pela longa caminhada no deserto bíblico, o que poderia vir tanto por meio do leitor como do sorriso de um desconhecido que lhe acenasse com um convite para um encontro.

A viagem, porém, era apenas um meio, não um fim. Em outubro de 1994, ele estava em Colônia e desistiu de seguir para Aix-en-Provence porque queria retornar ao Brasil, esquecer as gradações douradas das árvores outonais da Alemanha e voltar urgentemente para o mate epifânico com cheiro e gosto do Brasil, país que amou com paixão e raiva, a ponto de pedir que rezassem por ele (o país, não o escritor) como se reza por um doente terminal. Um homem, como diria Pasolini, se exprime sobretudo por sua ação, mas, como a essa ação falta unidade, então só lhe resta morrer. A doença do Brasil, da miséria à corrupção, também matou Caio, cuja linguagem vital, intraduzível porque feita de morte social, era um caos de possibilidades, uma busca incessante de sentido.

A ambiguidade dessa linguagem explica-se, portanto, como resultante de suas faculdades divinatórias. Caio, a exemplo de seu modelo Clarice Lispector, pertencia a um mundo ancestral de bruxos e oráculos. Sua primeira linguagem, incontaminável, foi a da sua presença real no mundo, a consciência de que teria de experimentá-lo com o corpo, escrever sua história com as chagas do laboratório linguístico em que esse foi transformado pelo próprio autor muito antes da doença terminal que o levou. Da morte mítica que o inspirou a começar um diário um mês antes de partir, só se pode assumir como modelo alguém além do mundo

secular. Mas, como os mortos não se exprimem, Caio tratou de adiantar o expediente para que não fosse malcompreendido. Aqui estão suas últimas palavras.

*Antonio Gonçalves Filho*

17 de março de 2006

## Nota editorial

Seleção de crônicas publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* de abril de 1986 a dezembro de 1995, *Pequenas epifanias* foi editado pela primeira vez em maio de 1996, três meses depois da morte de Caio Fernando Abreu.

A coletânea foi então publicada pela Editora Sulina, de Porto Alegre, sob a organização de Gil França Veloso, um dos mais estimados amigos de Caio, presente em muitos momentos difíceis vividos por ele.

## Quase prefácio

### Um leve e duradouro amor

Conheci o Caio nos corredores da Abril, em fins da década de 1970. Ele trabalhava na *Pop*, e eu, na Divisão Cultural. Escrevia na época o embrião do que viria a ser *Luísa e De braços abertos*, e o Caio foi um dos primeiros a ler. Desse convívio nasceu uma grande amizade e um apelido, que ele me deu — Levinha — e pelo qual me chamou até o fim. Alguns anos e publicações depois, Caio foi para o “Caderno 2” e começou a escrever aquelas crônicas perturbadoras onde fixou todos nós, a época, o *Zeitgeist* dos anos 1980, o permanente e o passageiro, modas e eternidades. A cada crônica, Caio me surpreendia e comovia, e num determinado momento achei que era o caso de fazer um espetáculo teatral a partir desse trabalho. Imaginava para ilustrar *Pequenas epifanias*, por exemplo, vários casais de sexos variados, sentados frente a frente, e suas vozes sucessivas em *off* dizendo as palavras dessa crônica tão pungente. Por várias razões, aquelas relacionadas à falta de tempo e às prioridades de sobrevivência, esse plano nunca chegou a se concretizar, mas *Pequenas epifanias* permaneceu na minha memória como símbolo de uma afinidade e uma intenção. Retomei o fio, com uma pequena homenagem, também numa crônica dedicada a Caio F., publicada no *Jornal da Tarde*. Era uma declaração de amor e de princípios totalmente despidorada. Se alguém não sabia o quanto a gente se amava, ficou sabendo.

Caio era fã da novela *A próxima vítima*, de Sílvio de Abreu, na qual Alcides Nogueira e eu éramos colaboradores. Não perdia um capítulo, ligava para dizer do que gostava e do que não gostava, para cumprimentar a criação ou redação de uma cena ou situação. Para nós, era o máximo ter como telespectador uma pessoa como ele, e, num momento de tietagem explícita, Alcides Nogueira fez o personagem Zé Bolacha citar Caio em grande estilo. Era um carinho, nossa mão que se estendia num afago desejando tocar sua face e sua alma.

A última vez que vi Caio F. foi no lançamento de *Ovelhas negras* na livraria Cultura, e logo depois ele me mandou um cartão: duas escovas de dentes com as cerdas interlaçadas. E sobre elas, escrito: *I love you*.

Gay Port, 3.8.95

Levíssima:

Grato pela homenagem na novela! Não tenho perdido um capítulo — chego a desligar o telefone. Estou cada vez mais encantado com a Georgiana Goes (é neta do Afrânio Coutinho) que merece mais espaço. E nunca tinha visto homossexualismo tratado com tanta dignidade na TV brasileira. Parabéns a você, ao Sílvio e ao Alcides.

Pena vê-la tão rápido em SP. Foi uma vertigem, depois outra no Rio. Voltei exausto, mas revigorado também, com tanto amor recebido. Agora me recolho para um livro — agosto chegou com tudo, é *very british* (no sentido da umidade, claro...).

Achei você linda, jovem, cheia de energia. *Et voilà!* Beijo do seu velho

Caio F.

*Continuo a pensar que quando tudo parece sem  
saída, sempre se pode cantar.  
Por essa razão escrevo.*

*O Autor*

*Canta! Ainda que se desfaçamilhargas, trilhas...  
Canta o começo e o fim. Como se fosse verdade.  
A esperança.*

*Hilda Hilst,  
in Cantares do sem nome e de partidas*

## Pequenas epifanias

*Dois ou três almoços, uns silêncios.*

*Fragmentos disso que chamamos de “minha vida”.*

Há alguns dias, Deus — ou isso que chamamos assim, tão descuidadamente, de Deus — enviou-me certo presente ambíguo: uma possibilidade de amor. Ou disso que chamamos, também com descuido e alguma pressa, de amor. E você sabe a que me refiro.

Antes que pudesse me assustar e, depois do susto, hesitar entre ir ou não ir, querer ou não querer — eu já estava lá dentro. E estar dentro daquilo era bom. Não me entenda mal — não aconteceu qualquer intimidade dessas que você certamente imagina. Na verdade, não aconteceu quase nada. Dois ou três almoços, uns silêncios. Fragmentos disso que chamamos, com aquele mesmo descuido, de “minha vida”. Outros fragmentos, daquela “outra vida”. De repente cruzadas ali, por puro mistério, sobre as toalhas brancas e os copos de vinho ou água, entre casquinhas de pão e cinzeiros cheios que os garçons rapidamente esvaziavam para que nos sentíssemos limpos. E nos sentíamos.

Por trás do que acontecia, eu redescobria magias sem susto algum. E de repente me sentia protegido, você sabe como: a vida toda, esses pedacinhos desconexos se armavam de outro jeito, fazendo sentido. Nada de mau me aconteceria, tinha certeza, enquanto estivesse dentro do campo magnético daquela outra pessoa. Os olhos da outra pessoa me olhavam e me reconheciam como outra pessoa, e suavemente faziam perguntas, investigavam terrenos: ah você não come açúcar, ah você não bebe uísque, ah você é do signo de Libra. Traçando esboços, os dois. Tateando traços difusos, vagas promessas.

Nunca mais sair do centro daquele espaço para as duras ruas anônimas. Nunca mais sair daquele colo quente que é ter uma face para outra pessoa que também tem uma face para você, no meio da tralha desimportante e sem rosto de cada dia atravancando o coração. Mas no quarto, quinto dia, um trecho obsessivo do conto de Clarice Lispector — “Tentação” — na cabeça estonteada de encanto: “Mas ambos estavam comprometidos. Ele, com sua natureza aprisionada. Ela, com sua infância impossível.” Cito de memória, não sei se correto. Fala no encontro de uma menina ruiva, sentada num degrau às três da tarde, com um cão basset também

ruivo, que passa acorrentado. Ele para. Os dois se olham. Cintilam, prometidos. A dona o puxa. Ele se vai. E nada acontece.

De mais a mais, eu não queria. Seria preciso forjar climas, insinuar convites, servir vinhos, acender velas, fazer caras. Para talvez ouvir não. A não ser que soprasse tanto vento que velejasse por si. Não velejou. Além disso, sem perceber, eu estava dentro da aprendizagem solitária do não pedir. Só compreendi dias depois, quando um amigo me falou — descuidado, também — em *pequenas epifanias*. Miudinhas, quase pífiyas revelações de Deus feito joias encravadas no dia a dia.

Era isso — aquela outra vida, inesperadamente misturada à minha, olhando a minha opaca vida com os mesmos olhos atentos com que eu a olhava: uma pequena epifania. Em seguida vieram o tempo, a distância, a poeira soprando. Mas eu trouxe de lá a memória de qualquer coisa macia que tem me alimentado nestes dias seguintes de ausência e fome. Sobretudo à noite, aos domingos. Recuperei um jeito de fumar olhando para trás das janelas, vendo o que ninguém veria.

Atrás das janelas, retomo esse momento de mel e sangue que Deus colocou tão rápido, e com tanta delicadeza, frente aos meus olhos há tanto tempo incapazes de ver: uma possibilidade de amor. Curvo a cabeça, agradecido. E se estendo a mão, no meio da poeira de dentro de mim, posso tocar também em outra coisa. Essa pequena epifania. Com corpo e face. Que reponho devagar, traço a traço, quando estou só e tenho medo. Sorrio, então. E quase paro de sentir fome.

*O Estado de S. Paulo, 22/4/1986*

## Em memória de Lilian

Mais que linda: viva, tensa, confusa. Lilian Lemmertz era meio rainha. E nobre.

Somos todos imortais. Teoricamente imortais, claro. Hipocritamente imortais. Porque nunca consideramos a morte como uma possibilidade cotidiana, feito perder a hora no trabalho ou cortar-se fazendo a barba, por exemplo. Na nossa cabeça, a morte não acontece como pode acontecer de eu discar um número telefônico e, ao invés de alguém atender, dar sinal de ocupado. A morte, fantasticamente, deveria ser precedida de certo “clima”, certa “preparação”. Certa “grandeza”.

Deve ser por isso que fico (ficamos todos, acho) tão abalado quando, sem nenhuma preparação, ela acontece de repente. E então o espanto e o desamparo, a incompreensão também, invadem a suposta ordem inabalável do arrumado (e por isso mesmo “eterno”) cotidiano. A morte de alguém conhecido ou/e amado estupra essa precária arrumação, essa falsa eternidade. A morte e o amor. Porque o amor, como a morte, também existe — e da mesma forma dissimulada. Por trás, inaparente. Mas tão poderoso que, da mesma forma que a morte — pois o amor também é uma espécie de morte (a morte da solidão, a morte do ego trancado, indivisível, furiosa e egoisticamente incomunicável) —, nos desarma. O acontecer do amor e da morte desmascaram nossa patética fragilidade.

Como amor e morte não se separam — feito quem diz “era uma vez”, conto: na tarde de sábado, estava eu assustadamente dentro do amor (eu não acreditava mais que o amor existisse, e a vida desmentia) quando o telefone tocou. Do outro lado, alguém me deu a notícia da morte de Lilian Lemmertz. E eu também não acreditava mais que a morte existisse, naquele ou neste momento, quando preciso me embriagar um pouco com urgências de vida porque se considerar a cada minuto a possibilidade da morte — então paro imediatamente de viver. Fico de olhos arregalados, imóvel, à espera do poço previsto.

Como quem muda um canal de televisão, continuei vivo. Pra rebater a morte, fui ver o show de vida de Elza Soares. E bebi e fumei e conversei e amei mais e mais ainda. Mas dentro de qualquer movimento, a morte de Lilian. E dei pra lembrar de uma única conversa nossa, quando ela fazia *Esperando Godot*, e fui entrevistá-la. Falamos uma tarde inteira. Ela era mais que linda. Era viva, sarcástica, tensa, confusa. Meio desmedida. E rainha.

Lilian era nobre. Eu pensava em atrizes, enumerava: Marília Pêra, Fernanda Montenegro. E Lilian Lemmertz, com aquela raça, aquele porte, a boca inesperadamente frágil e amarga, desmentindo o brilho às vezes frio dos olhos. Um certo ar de Jeanne Moreau, e ninguém como ela. Que nem chegou a ter seu grande papel, sua Fedra, sua Petra, seu Pixote, sua hora de estrela. Brilhante, mas, ao fundo, aquele ar de humanidade despedaçada que Marília também suporta. Ouvir Lilian falando era ficar arrepiado, olhos cheios de lágrimas: o humano excessivo aterroriza e maravilha. Igual à morte e ao amor.

Guardo Lilian na memória não como a professora de *Lição de amor*, a bêbada de *Caixa de sombras* ou a dona de casa de *Baila comigo* — escolho guardá-la metida na pele de um dos vagabundos de Samuel Beckett. Barriga falsa, suspensórios, calças pelo meio da canela, chapéu-coco. Meio *clown*, esperando por Godot. Que chegou, afinal. Lilian estava sozinha. Ele a levou consigo. Terá sido frio seu súbito abraço? Quem sabe não.

Agora, no fim da noite de domingo, longe do colo morno do amor, a morte visita o apartamento e fico pensando em como recuperar minha imortalidade após este próximo ponto final. Preciso dela, amanhã de manhã. Quando o mundo continuará igual. Só que sem Lilian. E, portanto, um pouco mais feio, um pouco mais sujo. Mais incompreensível, e menos nobre.

*O Estado de S. Paulo, 10/6/1986*

## Infinitivamente pessoal

A lua completa mais de uma volta pelo Zodíaco. E o anjo pálido troca o mel pelo sal.

Começou a amanhecer. Não sei ao certo como soubemos que tinha começado a amanhecer: era tão escuro ali dentro que noite ou dia lá fora não faria a menor diferença. Por algumas frestas, frinchas — não importa —, tivemos certeza de que começara, claramente, a amanhecer. E por condicionamento, talvez, porque sempre com o amanhecer chega a hora de ir embora, começamos a ir embora. Feito vampiros às avessas — necessitados de luz, não de sombra.

Tinha roxo e rosa no céu. Até as latas cheias de lixo na rua deserta pareciam vagamente douradas. Fez com que caminhássemos a pé, para olharmos o céu. E enquanto eu olhava o céu limpo da cidade suja, interpunha entre nós seu primeiro muro de palavras. Confusas, atormentadas, sobre tudo e sobre nada: palavras amontoadas umas sobre as outras, como se amontoam tijolos para separar alguma coisa de outra coisa. Eu, mal sabendo que esse — que parecia seu jeito mais falso de ser — seria nas semanas seguintes seu jeito mais verdadeiro, às vezes único.

Quando o tempo passasse um pouco mais, nos surpreendendo ainda juntos em outra madrugada, minha cabeça repetiria tonta e lúcida “Éramos tão pálidos, e nos queríamos tanto”. Éramos muito pálidos naquela primeira manhã entre as latas de lixo da rua deserta, caminhando em direção ao dia de hoje — mas ainda não nos queríamos com este enorme susto no fundo dos olhos despreparados de querer sem dor.

Lembro que olhando para cima descobri entre o roxo e o rosa das nuvens um anjo também pálido, magro e de barba por fazer, vestido de negro, com um leve sorriso nos lábios, vertendo uma gota de mel sobre nossas cabeças. Não prestei atenção nele. Me deixava levar, guiado apenas pelo jardim que entrevia pelas frestas dos tijolos, nos muros-palavras erguidos entre nós, com descuido e precisão. Viriam depois, mais muros que os de palavras, muros de silêncio tão espesso que nem mesmo os demorados exercícios de piano, as notas repetidas e os dedos distendidos conseguiriam derrubar.

Errei pela primeira vez quando me pediu a palavra *amor*, e eu neguei. Mentindo e blefando no jogo de não conceder poderes excessivos, quando o único jogo acertado seria não jogar: neguei e errei. Todo atento para não errar, errava cada vez mais. Mas durante as ausências,

olhando então para cima e abrindo a boca, recebia em cheio na garganta as gotas de mel do jarro de lata que aquele anjo pálido trazia ao ombro. Embora me recusasse a ver que o anjo parecia cada vez mais sombrio. Incapaz de perceber que em seu leve sorriso, bem no canto da boca, começava a surgir uma marca de sarcasmo, feito um tique cruel.

Passaram-se muitos dias. A lua deu mais de uma volta completa no Zodíaco. Ultrapassou Sagitário e caminhou até Áries, completando seu triângulo de fogo e paixão. Bati as mãos contra o muro, procurando brechas. Não havia mais. Espatifei as unhas, gritei por uma resposta qualquer. Nem uma veio de volta. Olhei para fora de mim e não consegui localizar ninguém no meio das vibrações da cidade suja. Olhei para dentro de mim e só havia sangue. Derramado, como nas cirandas.

Queria acordar, mas não era um sonho.

Então localizei outra vez aquele mesmo anjo parado entre as nuvens. Estava de branco, agora, mas nenhum sorriso nos lábios severos, em suas mãos havia um jarro de ouro. De dentro dele, chovia um mar de sal sobre a minha cabeça. Por quê?! — eu perguntei. O anjo abriu a boca. E não sei se entendo o que me diz.

*O Estado de S. Paulo, 1/7/1986*

## Extremos da paixão

Não, meu bem, não adianta bancar o distante: lá vem o amor nos dilacerar de novo...

Andei pensando coisas. O que é raro, dirão os irônicos. Ou “o que foi?” — perguntariam os complacentes. Para estes últimos, quem sabe, escrevo. E repito: andei pensando sobre amor, essa palavra sagrada. O que mais me deteve, do que pensei, era assim: a perda do amor é igual à perda da morte. Só que dói mais. Quando morre alguém que você ama, você se dói inteiro(a) — mas a morte é inevitável, e portanto normal. Quando você perde alguém que você ama, e esse amor — essa pessoa — continua vivo(a), há então uma morte *anormal*. O NUNCA MAIS de não ter quem se ama torna-se tão irremediável quanto não ter NUNCA MAIS quem morreu. E dói mais fundo — porque se *poderia* ter, já que está vivo(a). Mas não se tem, nem se terá, quando o fim do amor é: *NEVER*.

Pensando nisso, pensei um pouco depois em Boy George: meu-amor-me-abandonou-e-sem-ele-não-vivo-então-quero-morrer-e-quero-morrer-drogado. Lembrei de John Hinckley Jr., apaixonado por Jodie Foster, e que escreveu a ela, em 1981: “Se você não me amar, eu matarei o presidente.” E deu um tiro em Ronald Reagan. A frase de Hinckley é a mais significativa frase de amor do século XX. A atitude de Boy George — se não houver golpe publicitário nisso — é a mais linda atitude de amor do século XX. Penso em *Werther*, de Goethe. E acho lindo.

No século XX não se ama. Ninguém quer ninguém. Amar é *out*, é babaca, careta. Embora persistam essas estranhas fronteiras entre paixão e loucura, entre paixão e suicídio. Não compreendo como querer o outro possa tornar-se mais forte do que querer a si próprio. Não compreendo como querer o outro possa pintar como saída de nossa solidão fatal. Mentira: compreendo, sim. Mesmo consciente de que nasci sozinho do útero de minha mãe, berrando de pavor para o mundo insano, e que embarcarei sozinho num caixão rumo a sei lá o quê, além do pó. O que ou quem cruzo entre esses dois portos gelados da solidão é mera viagem: véu de maya, ilusão, passatempo. E exigimos o eterno do perecível, loucos.

Depois, pensei também em Adèle Hugo, filha de Victor Hugo. A Adèle H. de François Truffaut, vivida por Isabelle Adjani. Adèle apaixonou-se por um homem. Ele não a queria. Ela o seguiu aos Estados Unidos, ao Caribe, escrevendo cartas jamais respondidas, rastejando por

amor. Enlouqueceu mendigando a atenção dele. Certo dia, em Barbados, esbarraram na rua. Ele a olhou. Ela, louca de amor por ele, não o reconheceu. Ele havia deixado de ser ele: transformara-se no símbolo sem face nem corpo da paixão e da loucura dela. Não era mais ele: ela amava alguém que não existia mais, objetivamente. Existia somente *dentro* dela. Adèle morreu no hospício, escrevendo cartas (a ele: “É para você, para você que eu escrevo” — dizia Ana C.) numa língua que, até hoje, ninguém conseguiu decifrar.

Andei pensando em Adèle H., em Boy George e em John Hinckley Jr. Andei pensando nesses extremos da paixão, quando te amo tanto e tão além do meu ego que — se você não me ama: eu enlouqueço, eu me suicido com heroína ou eu mato o presidente. Me veio um fundo desprezo pela minha/nossa dor mediana, pela minha/nossa rejeição amorosa desempenhando papéis tipo sou-forte-seguro-essa-sou-mais-eu. Que imensa miséria o grande amor — depois do não, depois do fim — reduzir-se a duas ou três frases frias ou sarcásticas. Num bar qualquer, numa esquina da vida.

Ai, que dor: que dor sentida e portuguesa de Fernando Pessoa — muito mais sábio —, que nunca caiu nessas ciladas. Pois como já dizia Drummond, “o amor car(o, a) colega esse não consola nunca de núncaras”. E apesar de tudo eu penso sim, eu digo sim, eu quero Sins.

*O Estado de S. Paulo, 8/7/1986*

## Deus é naja

Estás desempregado? Teu amor sumiu? Calma: sempre pode pintar uma jamanta na esquina.

Tenho um amigo cujo nome, por muitas razões, não posso dizer, conhecido como *o mais dark*. Dark no visual, dark nas emoções, dark nas palavras: darkésimo. Não nos conhecemos há muito tempo, mas imagino que, quando ainda não havia darks, ele já era dark. Do alto de sua darkice futurista, devia olhar com soberano desprezo para aquela extensa legião de paz e amor, trocando flores, vestida de branco e cheia de esperança.

Pode parecer ilógico, mas o mais dark dos meus amigos é também uma das pessoas mais engraçadas que conheço. Rio sem parar do humor dele — humor dark, claro. Outro dia esperávamos um elevador, exaustos no fim da tarde, quando de repente ele revirou os olhos, encostou a cabeça na parede, suspirou bem fundo e soltou esta: — “Ai, meu Deus, minha única esperança é que uma jamanta passe por cima de mim...” — Descemos o elevador rindo feito hienas.

Devíamos ter ido embora, mas foi num daqueles dias gelados, propícios aos conhaques e às abobrinhas. Tomamos um conhaque no bar. E imaginamos uma história assim: você anda só, cheio de tristeza, desamado, duro, sem fé nem futuro. Aí você liga para o Jamanta Express e pede: — “Por favor, preciso de uma jamanta às 20h15, na esquina da rua tal com tal. O cheque vai estar no bolso esquerdo da calça”. Às 20h14, na tal esquina (uma ótima é a Franca com a Haddock Lobo, que tem aquela descidona), você olha para a esquina de cima. E lá está — maravilha! — parada uma enorme jamanta reluzente, soltando fogo pelas ventas que nem dragão de história infantil. O motorista espia pela janela, olha para você e levanta o polegar. Você levanta o polegar: tudo bem. E começa a atravessar a rua. A jamanta arranca a mil, pneus guinchando no asfalto. Pronto: acabou. Um fio de sangue escorrendo pelo queixo, a vítima geme suas últimas palavras: — “Morro feliz. Era tudo que eu queria...”

Dia seguinte, meu amigo dark contou: — “Tive um sonho lindo. Imagina só, uma jamanta toda dourada...” Rimos até ficar com dor de barriga. E eu lembrei dum poema antigo de Drummond. Aquele “Consolo na praia”, sabe qual? “Vamos não chores/ A infância está perdida/ A mocidade está perdida/ Mas a vida não se perdeu” — ele começa, antes de enumerar as perdas irreparáveis: perdeste o amigo, perdeste o amor, não tens nada além de

mágoa e solidão. E quando o desejo da jamanta ameaça invadir o poema — Drummond, o Carlos, pergunta: “Mas, e o *humour*?” Porque esse talvez seja o único remédio quando ameaça doer demais: invente uma boa abobrinha e ria, feito louco, feito idiota, ria até que o que parece trágico perca o sentido e fique tão ridículo que só sobra mesmo a vontade de dar uma boa gargalhada. Dark, qual o problema?

Deus é naja — descobrimos outro dia.

O mais dark dos meus amigos tem esse poder, esse condão. E isso que ele anda numa fase problemática. Problemas darks, evidentemente. Naja ou não, Deus (ou o Diabo?) guarde sua capacidade de rir descontroladamente de tudo. Eu às vezes, só às vezes, também consigo. Ultimamente, quase não. Porque também me acontece — como pode estar acontecendo a você que quem sabe me lê agora — de achar que tudo isso talvez não tenha a menor graça. Pode ser: Deus é naja, nunca esqueça, baby.

Segure seu humor. Seguro o meu, mesmo dark: vou dormir profundamente e sonhar com uma linda e fatal jamanta. A mil por hora.

*O Estado de S. Paulo, 15/7/1986*

## Calamidade pública

Ah, querida e heavy Sampa: a feiura desabou sobre você como uma praga bíblica...

Nunca na minha vida casei, mas — imagino — minha relação com São Paulo é igual a um casamento. Atualmente, em crise. Como conheço bem esse laço, sei que, apesar das porradas e desacatos, das queixas e frustrações, ainda não será desta vez que resultará em separação definitiva. No máximo, posso dormir no sofá ou num hotel no fim de semana, mas acabo voltando. Na segunda-feira, volto brava e masoquistamente, como se volta sempre para um caso de amor desesperado e desesperançado, cheio de fantasias de que amanhã ou depois, quem sabe, possa ter conserto. Este, amargamente, não sei se terá.

Porque está demais, querida Sampa. E sempre penso que pode ser este agosto, mês especialmente dado a essas feiuras, sempre penso que pode ser o tempo, tão instável ultimamente, sempre penso que pode ser qualquer coisa de fora, alheia à alma da cidade — para que seja mais fácil perdoar, esquecer, deixar pra lá. Não sei se é. As calçadas e as ruas estão esburacadas demais, o céu anda sujo demais, o trânsito engarrafado demais, os táxis tão hostis a pobres pedestres como eu... Cada vez é mais difícil se mexer pelas ruas da cidade — e mais penoso, mais atordoante e feio.

*Feio* é a palavra mais exata. A feiura desabou sobre São Paulo feito as pragas desabavam dos céus, bíblicamente. Uma feiura maior, mais poderosa e horrorosa que a das gentes, que a das ruas. Uma feiura que é talvez a soma de todas as pequenas e grandes feiuras aprisionadas na cidade, e que pairam então sobre ela, sobre nós, feito uma aura. Aura escura, cinza, marrom, cheia de fuligem, de pressa, miséria, desamor e solidão. Principalmente solidão, calamidade pública.

Fico fazendo medonhas fantasias futuristas. Lá pelo ano 2000, pegue *Blade runner*, elimine Harrison Ford e empobreça mais — muito, muito mais —, encha de mendigos morando pelas ruas. Encha com gangs de pivetes armados até os dentes, assaltando e matando, imagine incêndios incontrolláveis, edifícios abandonados ocupados por multidões sem casa. Por sobre tudo, espalhe um ar irrespirável, denso de monóxido de carbono, arsênico e sei lá quais outros venenos que li outro dia no jornal que o ar de São Paulo tem. Nem luz nas lâmpadas, nem água nas torneiras. E filas — muito maiores que essas de agora — para conseguir leite, carne, pão,

arroz, feijão. Imagine em cada figura cruzada em cada esquina a possibilidade de um assassino. E em cada olhar mais demorado a sombra da morte, não do encontro ou da solidariedade.

Ah, *heavy* Sampa... Vacilo um pouco em fazer aquela linha clamar-aos-poderes, pedir a ação da prefeitura e dos políticos. Pela minha cabeça passa, intuitiva e espontaneamente, que tudo só pode ficar pior, à medida que o século e a miséria avançarem. E, se vocês elegerem Maluf para governador, juro: mudo de cidade. Acabo de vez este casamento, porque acredito ainda em certas coisas bem limpinhas que quero preservar em mim. E isso eu não vou permitir, querida Sampa: que nenhuma cidade, pessoa ou instituição acabe com essas coisas muito clarinhas e muito limpinhas (talvez por isso meio bobas, mas que se há de fazer? São elas que me mantêm vivo) resistindo aqui dentro de mim.

Antes de ficar feio, violento e sujo feito você anda, peço o desquite. Litigioso, aos berros. Vou pra não voltar: falar mal de você na mesa mais esquecida daquele canto mais escuro e cheio de moscas, no bar mais vagabundo do mais brega dos subúrbios de Asunción, Paraguai.

*O Estado de S. Paulo, 20/8/1986*

## Quando setembro vier

De tão azul, o céu parecerá pintado. E nós embarcaremos logo rumo às ilhas Cíclades.

Houvesse cortinas no quarto, elas tremulariam com a brisa entrando pelas janelas abertas, de manhã bem cedo. Acordei sem a menor dificuldade, espiei a rua em silêncio, muito limpa, as azaleias vermelhas e brancas todas floridas. Parecia que alguém tinha recém-pintado o céu, de tão azul. Respirei fundo. O ar puro da cidade lavava meus pulmões por dentro. Setembro estava chegando enfim.

Na sala, encontrei a mesa posta para o café — leite e pão frescos, mamão, suco de laranja, o jornal ao lado. Comi bem devagarinho, lendo as notícias do dia. Tudo estava em paz, no Nordeste, no Oriente Médio, nas Américas Central, do Norte e do Sul. Na página policial, um debate sobre a espantosa diminuição da criminalidade. Comi, li, fumei tão devagarinho que mal percebi que estava atrasado para o trabalho. Achei prudente ligar, avisando que iria demorar um pouco.

A linha não estava ocupada. Quando o chefe atendeu, comecei a contar uma história meio longa demais, confusa demais. Só quando ele repetiu calma, calma, pela terceira vez, foi que parei de falar. Então ele disse que tinha acabado de sair de uma reunião com os patrões: tinham decidido que meu trabalho era tão bom, mas tão bom que, a partir daquele dia, eu nem precisava mais ir lá. Bastava passar todo fim de mês, para receber o salário, que havia sido triplicado.

Desliguei um pouco tonto. Então, podia voltar a meu livro? Discreta e silenciosa como sempre, a empregada tinha tirado a mesa. No centro dela, agora, sobre uma toalha de renda branca, havia rosas cor de chá, aquelas que Oxum mais gosta. No escritório, abri as gavetas e apanhei a pilha de originais de três anos, manchados de café, de vinho, de tinta e umas gotas escuras que pareciam sangue. Reli rapidamente. E a chave que faltava, há tanto tempo, finalmente pintou. Coloquei papel na máquina, comecei a escrever iluminado, possuído a um só tempo por Kafka, Fitzgerald, Clarice e Fante. Não, Pedro não tinha ido embora, nem Dulce partido, nem Eliana enlouquecido. As terras de Calmaritá realmente existiam: para chegar lá, bastava tomar a estrada e seguir em frente.

Escrevi horas. Sem sentir, cheio de prazer. Quando pensava em parar, o telefone tocou. Então uma voz que eu não ouvia há muito tempo, tanto tempo que quase não a reconheci (mas como poderia esquecê-la?), uma voz amorosa falou meu nome, uma voz quente repetiu que sentia uma saudade enorme, uma falta insuportável, e que queria voltar, pediu, para irmos às ilhas gregas como tínhamos combinado naquela noite. Se podia voltar, insisti, para sermos felizes juntos. Eu disse que sim, claro que sim, muitas vezes que sim, e aquela voz repetiu e repetia que me queria desta vez ainda mais, de um jeito melhor e para sempre agora. Os passaportes estavam prontos, nos encontraríamos no aeroporto: São Paulo/Roma/Atenas, depois Poros, Tinos, Delos, Patmos, Cíclades. Leve seu livro, disse. Não esqueça suas partituras, falei. Olhei em volta, a empregada tinha colocado para tocar *A sagração da primavera*, minha mala estava feita. Peguei os originais, a gabardine, o chapéu e a mala. Então desci para a limusine que me esperava e embarquei rumo a.

PS — Andaram falando que minhas crônicas estavam tristes demais. Aí escrevi esta, pra variar um pouco. Pois como já dizia Cecília/Mia Farrow em *A rosa púrpura do Cairo*: “Encontrei o amor. Ele não é real, mas que se há de fazer? A gente não pode ter tudo na vida...” Fred e Ginger dançam vertiginosamente. Começo a sorrir, quase imperceptível. Axé. E *The End*.

*O Estado de S. Paulo, 27/8/1986*

## Zero grau de Libra

Sobre todos aqueles que ainda continuam tentando, Deus, derrama teu Sol mais luminoso.

O Sol entrou ontem em Libra. E porque tudo é ritual, porque fé, quando não se tem, se inventa, porque Libra é a regência máxima de Vênus, o afeto, porque Libra é o outro (quando se olha e se vê o outro, e de alguma forma tenta-se entrar em alguma espécie de harmonia com ele), e principalmente porque Deus, se é que existe, anda distraído demais, resolvi chamar a atenção dele para algumas coisas. Não que isso possa acordá-lo de seu imenso sono divino, enfastiado de humanos, mas para exercitar o ritual e a fé — e para pedir, mesmo em vão, porque pedir não só é bom, mas às vezes é o que se pode fazer quando tudo vai mal.

Neste zero grau de Libra, queria pedir a isso que chamamos Deus um olho bom sobre o planeta Terra, e especialmente sobre a cidade de São Paulo. Um olho quente sobre o mendigo gelado que acabei de ver sob a marquise do cine Majestic; um olho generoso para a noiva radiosa mais acima. Eu queria hoje o olho bom de Deus derramado sobre as loiras oxigenadas, falsíssimas, o olho cúmplice de Deus sobre as joias douradas, as cores vibrantes. O olho piedoso de Deus para esses casais que, aos fins de semana, comem pizza com fanta e guaraná pelos restaurantes, e mal se olham enquanto falam coisas como “você acha que eu devia ter dado o telefone da Catarina à Eliete?” — e o outro grunhe em resposta.

Deus, põe teu olho amoroso sobre todos os que já tiveram um amor sem nojo nem medo, e de alguma forma insana esperam a volta dele: que os telefones toquem, que as cartas finalmente cheguem. Derrama teu olho amável sobre as criancinhas demônias criadas em edifícios, brincando aos berros em *playgrounds* de cimento. Ilumina o cotidiano dos funcionários públicos ou daqueles que, como funcionários públicos, cruzam-se em corredores sem ao menos se verem — nesses lugares onde um outro ser humano vai-se tornando aos poucos tão humano quanto uma mesa.

Passeia teu olhar fatigado pela cidade suja, Deus, e pousa devagar tua mão na cabeça daquele que, na noite, liga para o CVV. Olha bem pelo rapaz que, absolutamente só, dez vezes repete “Moon over Bourbon Street”, na voz de Sting, e chora. Coloca um *spot* bem brilhante no caminho das garotas performáticas que para pagar o aluguel dão duro como garçonetes pelos bares. Olha também pela multidão sob a marquise do Mappin, enquanto cai a chuva de

granizo, pelo motorista de táxi que confessa não ter mais esperança alguma. Cuida do pintor que queria pintar, mas gasta seu talento pelas redações, pelas agências publicitárias, e joga tua luz no caminho dos escritores que precisam vender barato seu texto — olha por todos aqueles que queriam ser outra coisa qualquer que não a que são e viver outra vida que não a que vivem.

Não esquece do rapaz viajando de ônibus com seus teclados para fazer show na capital, deita teu perdão sobre os grupos de terapia e suas elaborações da vida, sobre as moças desempregadas em seus pequenos apartamentos na Bela Vista, sobre os homossexuais tontos de amor não dado, sobre as prostitutas seminuas, sobre os travestis da República do Líbano, sobre os porteiros de prédios comendo sua comida fria nas ruas dos Jardins. Sobre o descaramento, a sede e a humildade, sobre todos os que de alguma forma não deram certo (porque, nesse esquema, é sujo dar-certo), sobre todos que continuam tentando por razão nenhuma — sobre esses que sobrevivem a cada dia ao naufrágio de uma por uma das ilusões.

Sobre as antas poderosas, ávidas de matar o sonho alheio — Não. Derrama sobre elas teu olhar mais impiedoso, Deus, e afia tua espada. Que no zero grau de Libra a balança pese exata na medida do aço frio da espada da justiça. Mas para nós, que nos esforçamos tanto e sangramos todo dia sem desistir, envia teu Sol mais luminoso, esse do zero grau de Libra. Sorri, abençoa nossa amorosa miséria atarantada.

*O Estado de S. Paulo, 24/9/1986*

# O mistério do cavalo de Édipo

A história de um dos maiores enigmas da História: onde Édipo amarrou o seu cavalo?

Perguntou a Medusa para Édipo:

— Escuta aqui, você viu bem *onde* amarrou seu cavalo?

(O cavalo era um Pegasozinho meio de quinta. Mas com asas.)

— Hein? — resmungou Édipo, as rédeas ainda na mão.

— Não faz o distraído comigo que eu te petrifico, viu? — gritou a Medusa, que era muito temperamental. — Te conheço não é de hoje.

— Saco — murmurou Édipo. — Sempre onipotente.

Medusa ficou uma fúria:

— Olha nos meus olhos já! — ordenou. — Direto nos meus olhos, seu panaca. — Ela olhou fundo nos olhos dele. As cobrinhas da cabeça ficaram em pé. — Considere-se petrificado.

— Naja idiota — bocejou Édipo. — Não vê que sou cego?

Medusa bateu na testa:

— É mesmo! Por Juno, eu tinha esquecido.

Sei, sei. O enigma, Tebas, Jocasta, aquela baixaria toda. Cuspiu de lado: — Tarado.

Édipo ia reagir quando chegou Perséfone: percebeu pelo excesso de perfume no ar. Sim, pensou, Perséfone tinha mesmo ficado meio tang demais depois de superada aquela horrível fase dark no Hades.

— Édipo, meu gato! — ela gritou. — Nossa, quanto tempo. Desde aquela tarde em Elêusis, quem diria? — Começou a falar outra abobrinha qualquer, mas interrompeu-se com um grito: — Por Palas-Atena, baby: você viu bem *onde* amarrou seu cavalo?

— Perua! — interrompeu a Medusa. — Eu já dei o toque pra ele.

Perséfone fez que não ouviu. Já tinham rolado uns lances entre elas no verão passado, em Creta (Medusa calçava 52, bico largo). Super-heavy: Perséfone preferiu tirar o time. Mais ainda depois que conhecera Teseu, na musculação. Insistiu, como se Medusa não existisse:

— Mas me diz, meu bem: você viu *onde* amarrou seu cavalo?

— Eu não vejo, pô — rosnou Édipo. — E você que vê, por Cronos, poderia me fazer o enorme favor de dizer, Parcas, onde...

Perséfone era muito dispersiva. Nesse momento olhou para cima e viu o inconfundível acrílico da asa-delta de Ícaro. Chamou:

— Ícaro! Ícaro, desça já-já aqui, seu piradinho!

Ícaro desceu. Não porque tivesse ouvido (ao voar, usava sempre headphones com som de Philip Glass: dava o maior clima), mas por coincidência tinha olhado para baixo e visto os três. Quatro com Pégaso.

— E aí, lasanha? Dando banda? — Perséfone era demais galinha.

— Estou procurando Apolo — respondeu Ícaro, muito digno.

Baixo-astral como era, Medusa não perdeu a oportunidade:

— Apolo? Acabei de vê-lo com Narciso, nos Jardins com as Hespérides. Aliás, nunca vi Narciso tão bonito. Herítia apresentou uns pomos pra eles, e você precisava ver, que gracinha, Apolo dando pedacinhos pra ele...

Ícaro ficou lívido. Estava a ponto de rodar a cariátide quando Perséfone, diplomatuquíssima (era Libra), cortou:

— Você conhece Édipo, Ícaro?

— Prazer — disse Ícaro, estendendo a mão. — Ícaro.

— Édipo — disse Édipo, uma mão nas rédeas, outra tateando no ar. — Escuta, você não é o filho de Dédalo?

— Você conhece meu pai? Ele... — Ícaro parecia encantado, mas interrompeu-se com um grito: — Por Vulcano, Édipo! Você viu bem *onde* amarrou seu cavalo?

Foi então que Édipo sacou que a situação era realmente grave. Solto as rédeas e disse aquela frase que acabou entrando para a História: — Por Zeus, vocês que veem querem parar com essa galinhagem e me dizer de uma vez por todas: *onde* foi que eu vim amarrar meu cavalo?

## O rosto atrás do rosto

À frente do rosto dele estava um outro rosto desconhecido. E o outro rosto não se movia.

Então ele viu o outro rosto. E era lindo o outro rosto. Ele ficou olhando, encantado com tanta beleza. Mas o outro rosto não se movia.

Era tão bonito o outro que ele não resistiu à tentação de tocá-lo. Talvez não devesse, pensou. Quando pensou, já era tarde demais. Tinha estendido a mão para tocar devagarinho na pele do outro rosto. Deslizou as pontas dos dedos pela pele macia do outro rosto. O outro rosto não se movia.

Tão bonito o outro rosto sob seus olhos e tão macia a pele do outro rosto sob seus dedos, que num impulso aproximou ainda mais seu próprio rosto. Tão próximo agora que conseguia sentir seu próprio hálito, como um vento miúdo fazendo esvoaçar os cabelos finos, perfumados, da cabeça do outro rosto. Mas o outro rosto não se movia.

Com toda a suavidade que era capaz, e era muita, tomou entre as mãos o outro rosto e foi aproximando sua boca da boca do outro rosto. Até seus lábios tocarem nos lábios do outro rosto, à espera de que a saliva da própria boca umedecesse também a boca daquele outro rosto. Com a ponta da língua, tentou abrir lentamente uma brecha entre os lábios do outro rosto. Os lábios do outro rosto estavam secos e não se abriam. E o outro rosto continuava sem se mover.

Mordeu então a boca do outro rosto. Primeiro de leve, depois mais forte. Cada vez mais faminto, arrancando pedaços de uma maçã vermelha. Mordeu os lábios, o queixo, e também as faces e o nariz e os olhos do outro rosto. Com doçura, com paixão, com ansiedade e fúria. Mas o outro rosto não se movia.

Da mesma forma como tinha aproximado do seu o outro rosto, afastou-o com as duas mãos iradas. Uma das mãos segurou com força os cabelos finos, perfumados, enquanto a outra erguia-se para esbofeteá-lo uma, duas, várias vezes. Um fio de sangue escorreu do canto da boca do outro rosto. Que mesmo assim não se movia.

Então apanhou a navalha que trazia no bolso. Um click seco libertou a lâmina. E num golpe veloz, num único gesto, com todo ódio que era capaz, e era muito, cortou a pele macia do outro rosto. E o outro rosto, lavado de sangue, ainda assim não se movia.

Então apanhou a pedra que trazia no bolso. Ergueu-a no ar e com um golpe duro bateu na boca do outro rosto, para quebrar-lhe os dentes. Os cacos escorreram pelos cantos da boca, pedras num rio de sangue. Cortado, os dentes quebrados: o outro rosto não se movia.

Então apanhou o estilete agudo que trazia no bolso. E com um golpe preciso, furou os dois olhos do outro rosto. Cortado, dentes quebrados, olhos vazados: e não — o outro rosto não se movia.

Afastou o próprio rosto e contemplou novamente o outro rosto. Embora destruído, o que restava do outro rosto continuava belo, e ainda imóvel, e também indecifrável. Então percebeu: o outro rosto não era um rosto vivo. O outro rosto era uma máscara morta sobre um outro rosto vivo. Estendeu as duas mãos e arrancou a máscara do outro rosto.

Por trás da máscara, por baixo do outro rosto estava o rosto dele mesmo. Inteiro e sem ferimento algum, o rosto dele mesmo. E era lindo, o próprio rosto vivo por trás da máscara morta do outro rosto. Ele ficou olhando o próprio rosto. Ele estendeu as mãos e tocou o próprio rosto com todo carinho — e era muito, esse carinho — que era capaz.

Foi então que o próprio rosto — que não era o outro rosto nem o rosto de outro, mas sim o próprio rosto vivo por trás da máscara morta de outro rosto — finalmente começou a se mover. E disse:

*O Estado de S. Paulo, 22/10/1986*

## Divagações na boca da urna

Mais nítido que as ruas sujas, resta o hexagrama das cores do arco-íris suspenso no céu.

Política é exercício de poder, poder é o exercício do desprezível. Desprezível é tudo aquilo que não colabora para o enriquecimento do humano, mas para a sua (ainda) maior degradação. Como se fosse possível. Pior é que sempre é.

Ah, a grande náusea desses jeitos errados que os homens inventaram para distrair-se da medonha ideia insuportável de que vão morrer, de que Deus talvez não exista, de que procurase o amor da mesma forma que Aguirre procurava o Eldorado: inutilmente.

Porque você no fundo sabe tão bem quanto eu que, enquanto a jangada precária gira no redemoinho, invadida pelos macacos enlouquecidos, e você gira sozinho dentro da jangada, ao lado da filha morta com quem daria início à primeira dinastia — mesmo assim: com a mão estendida sobre o rio, você julgará ver refletido no lodo das águas o brilho mentiroso das torres de Eldorado.

E há também aquela outra política que os homens exercitam entre si. Uma outra espécie de política ainda menor, ainda mais suja, quando o ego de um tenta sobrepor-se ao ego do outro. Quando o último argumento desse um contra aquele outro é: sou eu que mando aqui.

Ah, a grande náusea por esses pequenos poderosos, que ferem e traem e mentem em nome da manutenção de seu ego imensamente medíocre. Porque sem ferir, nem traír, nem mentir tudo cairia por terra num estalar de dedos. Eu faço assim — clack! — e você desmonta. Eu faço assim — clack! — e você desaparece. Mas você não desmonta nem desaparece: você é que manda, essa ilusão de poder te mantém. Só que você não existe, como não existe nem importa esse mundo onde você se julga senhor. O outro lado, o outro papo, o outro nível — esses, meu caro, você nunca vai saber sequer que existem. Essa a nossa vingança, sem o menor esforço.

Mais nítido, no entanto, que as ruas sujas de cartazes e panfletos, resta um hexagrama das cores do arco-íris suspenso no centro daquele céu ao fundo da rua que vai dar no mar.

É o único rosto vivo em volta, nunca me engano. Chega devagar, pede licença, sorri, pergunta: “E você acha que aqui também é um deserto de almas?” Não preciso nem olhar em volta para dizer que sim, aqui também. E os desertos, você sabe — sabe? —, não param nunca de crescer.

Ah, esses vastos desertos em torno das margens do rio lodoso e tão árido que é incapaz de fertilizá-las. Da barca girando no centro do redemoinho, se você estender a mão sobre as águas escuras e erguer bem a cabeça para olhar ao longe, julgará ver as árvores, além do deserto que circunda o rio.

Entre os galhos dessas árvores, macacos tão enlouquecidos quanto aqueles que invadem tua precária jangada, pobre Aguirre, batem-se os humanos perdidos em seus pequenos jogos que supõem grandes. Para sobrepor-se ao ego dos outros, para repetir: sou eu que mando aqui. Para fingir que a morte não existe, e Deus e o amor sim. Pulando de galho em galho, com seus gestos obscenos e gritinhos histéricos, querendo que enlouqueças também. Os dentes arreganhados, os macacos exercitam o poder. Exercitam o desprezível nos escombros da jangada que gira e gira e gira em torno de si mesma, sempre no mesmo ponto inútil, em direção a coisa alguma, enquanto o tempo passa e tudo vira nada.

Do meu apartamento no milésimo andar, bem no centro da ilha de Java, levanto ao máximo o volume do som para que o agudo solo da guitarra mais heavy arrebente todos os tímpanos, inclusive os meus.

*O Estado de S. Paulo, 19/11/1986*

## No centro do furacão

Vórtice, voragem, vertigem: qualquer abismo nas estrelas de papel brilhante no teto.

Queria tanto poder usar a palavra voragem. Poder não, não quero poder nenhum, queria saber. Saber não, não quero saber nada, queria conseguir. Conseguir também não — sem esforço, é como eu queria. Queria sentir, tão dentro, tão fundo que quando ela, a palavra, viesse à tona, desviaria da razão e evitaria o intelecto para corromper o ar com seu som perverso. Arracional, abismal. Não me basta escrevê-la — que estou escrevendo agora e sou capaz de encher pilhas de papel repetindo voragem voragem voragem voragem voragem voragem voragem sete vezes ao infinito até perder o sentido e nada mais significar — não é dessa forma que eu a desejo. Ah essa palavra de desgrenhados cabelos, enormes olhos e trêmulas mãos. Melodramática palavra, de voz rouca igual à daquelas mulheres que, como dizia John Fante, só a adquirem depois de muitos conhaques e muitos cigarros. Eu quero sê-la, voragem.

Espio no dicionário seu significado oficial, tentativa inútil de exorcizar o encantamento maligno. O que leio inquieta ainda mais: “Aquilo que sorve ou devora.” E vejo um redemoinho lamacento de areias movediças à superfície do qual uma única mão se crispa. Vórtice, penso, numa vertigem. Repito, hipnotizado: vertigem, vórtice, voragem. “Qualquer abismo” — continuo a ler. Os abismos de rosas, os abismos de urzes, e aqueles abismos à beira do qual duas crianças correm perigo, protegidas pelas asas do Anjo da Guarda. Os abismos de estrelas falsas no falso céu do teto do meu quarto, os abismos de beijos e desejos, o abismo onde se detém o rei daquela história zen para abrir o anel que lhe deu o monge, onde está guardado o condão capaz de salvá-lo — e o condão é a frase “isto também passará”. Sim, e leio então: “Tudo que subverte ou consome” — paixões, ideologias, ódios, feitiçarias, vocações, ilusões, morte e vida. Essas outras palavras de maiúsculas implícitas — vorazes, voragem —, abismais.

Eu estava lá, no centro do furacão. E repito palavras que são e não são minhas enquanto o porteiro do edifício em frente toca violão e canta, e a chuva desaba outra vez, e peço: por favor, me socorre, me socorre que hoje estou sentido e português, lusitano e melancólico. Me ajuda que hoje tenho certeza absoluta que já fui Pessoa ou Virginia Woolf em outras vidas, e filósofo em tupi-guarani, enganado pelos búzios, pelas cartas, pelos astros, pelas fadas. Me puxa para fora deste túnel, me mostra o caminho para baixo da quaresmeira em flor que eu

quero encostar em seu tronco o lótus de mil pétalas do topo da minha cabeça tonta para sair de mim e respirar aliviado de por um instante não ser mais eu, que hoje não me suporto nem me perdo de ser como sou e não ter solução. Me ajuda, peço, quando Excalibur afunda sem volta no lago.

Ela se debruça sobre mim, me beija com sua grande boca vermelha movediça. Tenho medo mas abro minha boca para me perder.

Ela repete baixinho em meus ouvidos nomes cheios de sangue — Galizia, Ana Cristina, Júlio Barroso — enquanto contemplo o céu no teto do meu quarto, girando intergaláctico em direção a ER8, a estrela de 10 bilhões de anos, o cadáver insepulto para sempre da estrela perdida nos confins do Universo. Choro sozinho no escuro, e você não enxuga as minhas lágrimas. Você não quer ver a minha infância. Solto nesse abismo onde só brilham as estrelas de papel no teto, desguardado do anjo com suas mornas asas abertas. Você não me ouve nem vê, e se ouvisse e visse não compreenderia quando eu abrir os braços para Ela e saudar, amável e desesperado como quem dá boas-vindas ao terror consentido: voragem, benvinda.

Voragem, vórtice, vertigem: ego. Farpas e trapos. Quero um solo de guitarra rasgando a madrugada. Te espero aqui onde estou, abismo, no centro do furacão. Em movimento, águas.

*O Estado de S. Paulo, 4/2/1987*

## Ao momento presente

Deixe que ele respire, como uma coisa viva. E tenha muito cuidado: ele pode quebrar.

Como um bebê ou um cristal: tome-o nas mãos com muito cuidado. Ele pode quebrar, o momento presente. Escolha um fundo musical adequado — quem sabe, Mozart, se quiser uma ilusão de dignidade. Melhor evitar o rock, o samba-enredo, a rumba ou qualquer outro ritmo agitado: ele pode quebrar, o momento presente. Como um bebê, então, a quem se troca as fraldas, depois de tomá-lo nas mãos, desembrulhe-o com muito cuidado também. Olhe devagar para ele, parado no canto do quarto ou esquecido sobre a mesa, entre legumes, ou misturado às folhas abertas de algum jornal. Contemple o momento presente como um parente, um amigo antigo, tão familiar que não há risco algum nessa presença quieta, ali no canto do quarto. Como a uma laranja, redonda, dourada — mas sem fome, contemple o momento presente. Como a cinza de um cigarro que o gesto demorou demais, caída entre as folhas de um jornal aberto em qualquer página, contemple o momento presente. E deixe o vento soprar sobre ele.

Desligue a música, agora. Seja qual for, desligue. Contemple o momento presente dentro do silêncio mais absoluto. Mesmo fechando todas as janelas, eu sei, é difícil evitar esses ruídos vindos da rua. Os alarmes de automóveis que disparam de repente, as motos com seus escapamentos abertos, algum avião no céu, ou esses rumores desconhecidos que acontecem às vezes dentro das paredes dos apartamentos, principalmente onde habitam as pessoas solitárias. Mas não sinta solidão, não sinta nada: você só tem olhos que olham o momento presente, esteja ele — ou você — onde estiver. E não dói, não há nada que provoque dor nesse olhar.

Não há memória, também. Você nunca o viu antes. Tenha a forma que tiver — um bebê, um cristal, um diamante, uma faca, uma pera, um postal, um ET, uma moça, um patim — ele não se parece a nada que você tenha visto antes. Só está ali, à sua frente, como um punhado de argila à espera de que você o tome nas mãos para dar-lhe uma forma qualquer — um bebê, um cristal, um diamante e assim por diante. E se você não o fizer, ele se fará por si mesmo, o momento presente. Não chore sobre ele. No máximo um suspiro. Mas que seja discreto, baixinho, quase inaudível. Não o agarre com voracidade — cuidado, ele pode quebrar. Não ria dele, por mais ridículo que pareça. Fique todo concentrado nessa falta absoluta de emoção.

Não espere nada dele, nenhuma alegria, nenhum incêndio no coração. Ele nada lhe dará, o momento presente.

Deixe que ele respire, como uma coisa viva. Respire você também, como essa coisa viva que você é. Contemple-o de frente, igual àquela personagem de Clarice Lispector contemplando o búfalo atrás das grades da jaula do jardim zoológico. Você pode estender a mão para ele, tentar uma carícia desinteressada. Mas será melhor não fazer gesto algum.

Ele não reagirá, mesmo todo pulsante, ali à sua frente.

Respire, respire. Conte até dez, até vinte talvez. Daqui a pouco ele vai começar a se transformar em outra coisa, o momento presente. Qualquer coisa inteiramente imprevisível? Você não sabe, eu não sei, ele não sabe: os momentos presentes não têm o controle sobre si mesmos. Se o telefone tocar, atenda. Se a campainha chamar, abra a porta. Quando estiver desocupado outra vez, procure-o novamente com os olhos. Ele já não estará lá. Haverá outro em seu lugar. E então, como a um bebê ou a um cristal, tome-o nas mãos com muito cuidado. Ele pode quebrar, o momento presente. Experimente então dizer “eu te amo”. Ou qualquer coisa assim, para ninguém.

*O Estado de S. Paulo, 11/3/1987*

## A mais justa das saias

Tem muita gente contaminada pela mais grave manifestação do vírus — a aids psicológica.

A primeira vez que ouvi falar em aids foi quando Markito morreu. Eu estava na salinha de TV do velho Hotel Santa Teresa, no Rio, assistindo ao Jornal Nacional. “Não é possível” — pensei — “Uma espécie de vírus de direita, e moralista, que só ataca aos homossexuais?” Não, não era possível. Porque homossexualidade existe desde a Idade da Pedra. Ou desde que existe a sexualidade — isto é: desde que existe o ser humano. Está na Bíblia, em Jônatas e Davi (“... a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi e Jônatas o amou como a si mesmo” — 1 Samuel, 18), nos gregos, nos índios, em toda a história da humanidade. Por que só agora “Deus” ou a “Natureza” teriam decidido puni-los?

Mas de coisa-que-se-lê-em-revista ou que só-acontece-aos-outros, o vírus foi chegando mais perto. Matou o inteligentíssimo Luiz Roberto Galizia, que eu conhecia relativamente bem (tínhamos até um vago e delirante projeto de adaptar para teatro *Orlando*, de Virginia Woolf, com Denise Stoklos no papel principal, já pensou?). Matou Fernando Zimpeck, cenógrafo e figurinista gaúcho, supertalentoso. E Flávio Império, Timochenco Wehbi, Émile Eddé — pessoas que você encontrava na rua, no restaurante, no cinema. O vírus era real. E matava.

Aí começaram as confusões. A pseudotolerância conquistada nos últimos anos pelos movimentos de liberação homossexual desabou num instantinho. Eu já ouvi — e você certamente também — dezenas de vezes frases tipo “bicha tem mesmo é que morrer de aids”. Ou propostas para afastar homossexuais da “sociedade sadia” — em campos de concentração, suponho. Como nos velhos e bons tempos de Auschwitz? Tudo para o “bem da família”, porque afinal — e eles adoram esse argumento — “o que será do futuro de nossas pobres criancinhas?”.

Só que homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade — voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade. (É curioso, e revelador, observar que quando Gore Vidal vem ao Brasil, toda a imprensa se refere a ele como “o escritor homossexual”, mas estou certo que se viesse, por exemplo, Norman Mailer, ninguém falaria do “escritor heterossexual”.) Sim, a moral & os bons costumes emboscados por trás do falso

liberalismo — e muito bem-amparados pelo mais reacionário papa de toda a (triste) história do Vaticano — arreganha agora os dentes para declarar: “Viram como este vício hediondo não só corrompe, mas mata?”

Corrompe nada, mata nada. Acontece apenas que a única forma possível de consumação do ato sexual entre dois homens é mais favorável à transmissão do vírus, que se espalhou nesse grupo devido à alta rotatividade sexual de alguns. E é aí que começa a acontecer isso que chamo de “a mais justa das saias”. Afinal é preciso que as pessoas compreendam que um homossexual não é um contaminado em potencial, feito bomba-relógio prestes a explodir. Isso soa tão cretino e preconceituoso como afirmar que todo negro é burro e todo judeu, sacana.

Héteros ou homos (?) a médio prazo iremos todos enlouquecer, se passarmos a ver no outro uma possibilidade de morte. Tem muita gente contaminada pela mais grave manifestação do vírus — a aids psicológica. Do corpo, você sabe, tomados certos cuidados, o vírus pode ser mantido a distância. E da mente? Porque uma vez instalado lá, o HTLV3 não vai acabar com as suas defesas imunológicas, mas com suas emoções, seu gosto de viver, seu sorriso, sua capacidade de encantar-se. Sem isso, não tem graça viver, concorda?

Você gostaria de viver num mundo de zumbis? Eu, decididamente, não. Então pela nossa própria sobrevivência afetiva — com carinho, com cuidado, com um sentimento de dignidade — ô gente, vamos continuar namorando. Era tão bom, não era?

*O Estado de S. Paulo, 25/3/1987*

## Uma fábula chatinha

Sentado à beira do caminho, o homem cansado ficou quieto, espiando a vida que passava.

Era uma vez um homem cansado que ia indo por um caminho. Tinha passado do meio-dia, a tarde estava ficando muito quente. No ar azul e claro não soprava nenhum vento. O homem procurou a sombra de uma árvore, sentou e ficou ali, quieto.

Até que passou um surfista. Ia de moto, sem camisa, a bermuda colorida, a prancha amarrada na garupa da moto. Abanou para o homem sentado, mas ele não se mexeu.

“Coitado” — pensou o homem. — “Vai indo assim todo animado. Parece que não sabe que vai morrer um dia.”

Remexeu a areia com um pedacinho de pau, mas sem prestar atenção. Então passou uma velhinha que parecia saída de um livro de histórias infantis. Usava um vestido escuro, comprido, e carregava no ombro uma dessas latas de metal, cheia de leite. Caminhava muito depressa.

“Coitada” — pensou o homem. — “Velha desse jeito, pra que tanta pressa? A morte vai chegar logo — e aí?”

Acendeu um cigarro, ficou soltando anéis de fumaça contra o céu cada vez mais azul. Aí passaram duas moças de braço dado. Parecia que recém-tinham tomado banho, tão fresquinhas estavam. Os cabelos ainda molhados brilhavam ao sol. Cochichavam e riam muito, olhando o homem sentado, que nem olhava para elas.

“Coitadas” — o homem pensou. — “Tão assanhadinhas. Ah, se elas soubessem que a morte existe e pode chegar a qualquer momento...”

Ficou um rastro de perfume no ar, mas ele nem respirou mais fundo nem nada. De repente um passarinho começou a cantar, no galho bem acima dele. Ouviu um pouco, depois cuspiu de lado.

“Coitado” — o homem pensou. — “Esse idiotinha fica cantando à toa, de repente vem um moleque, joga uma pedra e pronto, acabou.”

Estendeu as pernas, mas logo as recolheu assustado. De longe, vinha um barulho forte como o de um exército em marcha. O homem fixou bem os olhos na curva da estrada. Até que apontou um elefante lá longe. Depois vieram tigres, macacos, camelos, mágicos, equilibristas:

era um circo passando. Os palhaços fizeram micagens especiais para ele, mas o homem não deu atenção. A bailarina, equilibrada num pé só sobre o pônei branco, jogou uma rosa vermelha de tule a seus pés, mas ele não apanhou.

“Coitados” — pensou o homem. — “Quanta ilusão. Um dia o circo pega fogo, a morte chega e de que serviu essa alegria toda?”

Com a ponta do pé, empurrou para longe a rosa vermelha. Nesse momento, ia passando um casal de namorados. O rapaz pegou a rosa, sacudiu para afastar a poeira, depois colocou-a nos cabelos da moça. Ela sorriu, e agradeceu com um beijo. Ele respondeu com outro, ela com outro — e assim foram indo, aos beijos, até sumirem.

“Coitados” — pensou o homem. — “Amor, amor: não tem besteira maior. Casam, têm filhos, ficam velhos, doentes. Um dia morrem e pronto.”

A tarde quase já tinha virado noite, quando um vulto encapuzado veio se aproximando. Ele precisou apertar os olhos para ver melhor. Mesmo assim, não via direito a cara do vulto que se aproximava cada vez mais, até parar bem na frente dele.

— Quem é você? — o homem perguntou.

A figura afastou o capuz, mostrou os dentes arreganhados e disse:

— Sou a Morte. Posso sentar ao seu lado?

O homem deu um pulo.

— Não — ele disse. — Já está ficando tarde e eu ainda tenho muito o que fazer.

Virou as costas e saiu correndo, sem olhar para trás.

## Anotações insensatas

É para você que escrevo. Mas os escritores são muito cruéis, você me ama pelo que me mata.

Mas não se pode agir assim, a amiga avisou no telefone. Uma pessoa não é um doce que você enjoo, empurra o prato, não quero mais. Tentaria, então, com toda a delicadeza possível, sem decidir propriamente decidiu no meio da tarde — uma tarde morna demais, preguiçosa demais para conter esse verbo veemente: decidir. Como ia dizendo, no meio da tarde lenta demais, escolheu que — se viesse alguma sofreguidão na garganta, e veio — diria qualquer coisa como olha, tenho medo do normal, baby.

Só que, como de hábito, na cabeça (como que separada do mundo, movida por interiores taquicardias, adrenalinas, metabolismos) se passava uma coisa, e naquele ponto em que isso cruzava com o de fora, esse lugar onde habitam os outros, começava a região do incompreensível: Lá, onde qualquer delicadeza premeditada poderia soar estúpida como um seco: não. E soou, em plena mesa posta.

Tanto pasmo, depois. Sozinho no apartamento, domingo à noite. Todas as coisas quietas e limpas, o perfume adocicado das madressilvas roubadas e o bolo de chocolate intocado no refrigerador — até a televisão falar da explosão nuclear subterrânea. Então a suspeita bruta: não suportamos aquilo ou aqueles que poderiam nos tornar mais felizes e menos sós. Afirmou, depois acendeu o cigarro, reformulou, repetiu, acrescentou esta interrogação: não suportamos mesmo aquilo ou aqueles que poderiam nos tornar mais felizes e menos sós? Não, não suportamos essa doçura.

Puro cérebro sem dor perdido nos labirintos daquilo que tinha acabado de acontecer. Dor branca, querendo primeiro compreender, antes de doer abolerada, a dor. Doeria mais tarde, quem sabe, de maneira insensata e ilusória como doem as perdas para sempre perdidas, e portanto irremediáveis, transformadas em memórias iguais pequenos paraísos-perdidos. Que talvez, pensava agora, nem tivessem sido tão paradisíacos assim.

Porque havia o sufocamento daquela espécie de patético simulacro de fantasia matrimonial provisória, a dificuldade de manter um clima feito linha esticada, segura para não arrebentar de súbito, precipitando o equilibrista no vazio mortal. Cheio de carinho, remexeu no doce,

sem empurrar o prato. Preferia a fome: só isso. Pelo longo vício da própria fome — e seria um erro, porque saciar a fome poderia trazer, digamos, mais conforto? — ou de pura preguiça de ter que reformular-se inteiro para enfrentar o que chamam de amor, e de repente não tinha gosto?

De onde vem essa iluminação que chamam de *amor*, e logo depois se contorce, se enleia, se turva toda e ofusca e apaga e acende feito um fio de contato defeituoso, sem nunca voltar àquela primeira iluminação? Espera, vamos conversar, sugeriu sem muito empenho. Tarde demais, porta fechada. Sozinho enfim, podia remexer em discos e livros para decidir sem nenhuma preocupação de harmonia-com-o-gosto-alheio que sempre preferira Jim Morrison a Manuel Bandeira. Sid Vicious a Puccini. *A mosca* a *Uma janela para o amor*, sempre uma vodca a um copo de leite: metal drástico. Era desses caras de barba por fazer que sempre escolherão o risco, o perigo, a insensatez, a insegurança, o precário, a maldição, a noite — a Fome maiúscula. Não a mesa posta e farta, com pratos e panelas a serem lavados na pia cheia de graxa — mas um hambúrguer qualquer com coca-cola no boteco da esquina, e a vida acontecendo em volta, escrota e nua.

Não muito confuso, assim confrontado com sua explícita incapacidade de lidar com. A palavra não vinha. Podia fazer mil coisas a seguir. Mas dentro de qualquer ação, dentes arreganhados, restaria aquela sua profunda incapacidade de lidar com. Um instante antes de bater outra, colocar uma velha Billie Holiday e sentar na máquina para escrever, ainda pensou: gosto tanto de você, baby. Só que os escritores são seres muito cruéis, estão sempre matando a vida à procura de histórias. Você me ama pelo que me mata. E se apunhalo é porque é para você, para você que escrevo — e não entende nada.

*O Estado de S. Paulo, 22/4/1987*

## As primeiras azaleias

Na tarde cinza de maio, acontecem cenas por trás do vidro fechado da janela.

Sentado à escrivaninha, de frente para a janela, estou vendo uma cena. Dia cinza. Atrás do vidro da janela, estou vendo uma cena. Há um casal parado na calçada em frente. São muito jovens. Ele deve ter no máximo 25 anos, ela pouco menos. Estão bem-vestidos, devem pertencer a alguma boa família dos Jardins. Não expio nada. Estou apenas sentado aqui, onde costumo sentar para escrever. A cena acontece no meu campo de visão, só poderia evitá-la saindo daqui. Mas quero ver.

Sobem devagar a ladeira. De repente param na frente da lojinha de surf. Ele encosta no muro. Usa óculos, tem as mãos nos bolsos. Ela fica andando pela calçada em frente à casinha azul, sob o letreiro “Waimea”, com arabescos que tanto podem lembrar ondas quanto gaivotas. Começo a prestar atenção no momento em que percebo: a garota está chorando. Ela chora e fala e gesticula muito enquanto chora.

São três e meia da tarde de domingo. Há uma garota chorando na calçada em frente ao meu apartamento. Faz frio. Um grupo de senhoras muito elegantes em suas peles e lãs sai do edifício ao lado. Mas não olham para o casal. Não sei se por essa educação paulistana, meio londrina, onde a aparente frieza disfarça cumplicidade e respeito — ou mera indiferença, pode ser. Afinal que importância tem uma garota chorando e um rapaz de óculos às três e quarenta e cinco da tarde de um domingo?

O rapaz agora caminha até um carro estacionado no meio-fio. Está de costas para mim. Tira as mãos do bolso. A garota tira o casaco — um casaco de jeans, forrado de pelo de carneiro. Chega mais perto dele. Às vezes, ele ergue o rosto para o céu cinza. Há muita dor no rosto que ela ergue para o céu cinza. Ela tem o cabelo liso, comprido, castanho-claro, uma mecha mais loura do lado esquerdo. Ele tem o cabelo preto, bem curto. Ela chega mais perto dele. Ele tira os óculos, começa a limpar as lentes na barra do suéter.

Às vezes ficam parados. Quando ficam parados assim enquadrados pela moldura da minha janela, parecem uma fotografia. À esquerda esse edifício construído de perfil, com a pequena alameda que leva do portão de ferro até a portaria, muitas árvores e uma meia dúzia de azaleias bordô (das primeiras desta temporada). À esquerda, a lojinha de surf, toda azul, com um grafite ao lado da porta: o rosto que Alex Vallauri tinha. No centro, o carro onde está

encostado o rapaz vestido em tons de cinza e a garota vestida em tons de azul. Quase quatro da tarde, só há cor nas azaleias e na fachada da lojinha de artigos de surf.

Ela ronda em volta dele, falando sem parar, chegando cada vez mais perto. Eu acendo um cigarro. Ela o abraça. Ele não se move, nem descruza os braços. Ele não se move enquanto ela o abraça cada vez mais forte. Ela começa a beijá-lo. Ele não recusa, apenas vira delicadamente o rosto para o lado onde a rua desce. Assim, ela só consegue beijá-lo no pescoço e na face. Na boca, não. Ela só para de beijá-lo para afastar os cabelos do rosto e, de vez em quando, olhar o céu cinza.

Agora, ela afasta o rosto e fica abraçada nele. Da minha janela posso ver os braços dela cruzados às costas dele. Ele voltou a colocar as mãos nos bolsos. De repente, ela o toma pelo braço e começa a puxá-lo para cima, para onde a ladeira sobe. Ele caminha olhando para o chão. Ela joga o casaco nas costas, afasta os cabelos, levanta o rosto. Parece decidida. Eles começam a subir a ladeira. Até sumirem do quadrado da janela. Certamente, da minha vida também.

São quatro horas e cinco minutos. Não acontece mais cena alguma do lado de fora da minha janela. Talvez tome mais um café, fume outro cigarro, qualquer coisa assim. Foi exatamente há um ano, na lua cheia de maio. Depois, nunca mais. Por onde você tem andado, baby?

*O Estado de S. Paulo, 13/5/1987*

## Carlos chega ao céu

E olhando aquele nuvenzal todo, comenta: “Gente, não é que virei mesmo eterno?”

Lá no céu, Cecília Meireles acorda cedinho. Mais cedo ainda do que de costume, que ela gosta de espiar os querubins tontinhos de sono. Mas hoje é dia especial. Cecília prende os cabelos, depois toma sua homeopatia (será Dulcamara? Daqui não dá pra ver — pode até ser Stramonium) e lava devagar o rosto na água do arco-íris. Bebe seu chazinho de pétalas de rosa branca — amarela não, que dá azia. Escova devagar as asas, pluma por pluma. Só depois de bem bonita é que bate de leve na porta da nuvem ao lado. Dentro, um resmungo mal-humorado.

É Vinicius de Moraes, que virou a noite com o arcanjo Gabriel, conhecendo as bocas da zona da Ursa Maior, aquela louca pirada. Mesmo de ressaca, o Poetinha acorda. “É hoje” — sussurra Cecília na janela que Vinicius abre, ainda de pijama, as asas desgrenhadas, um bafo de estrelas cadentes que Cecília até disfarça, vira o rosto. Vinicius se espreguiça: “Ô xará, não é que é mesmo hoje?” E vai correndo se aprontar.

De braços dados, os dois vão bater à porta da nuvem de Manuel Bandeira. Mas nem era preciso. Manuel já está aceso, debruçado na janela, o nariz um pouco vermelho, fungando e tomando o café quente que Irene acabou de preparar. “É hoje” — dizem Cecília e Vinicius. Manuel funga: “E eu não sei, gente? Daqui a pouquinho.” Os três ficam em silêncio, o coração deles começa a bater no mesmo compasso (dodecassílabo? daqui não dá para ouvir direito). Então eles olham para baixo, em direção ao planeta Terra, que gira e gira, meio bobo de tão azul.

Aí uma nuvem dourada lá embaixo começa a ficar cada vez mais dourada, a chegar cada vez mais perto. Brilha tanto que os três quase se assustam, até reconhecerem São Pedro na direção. Que pena, não dá mais tempo de chamar Pedro Nava. A nuvem aterrissa, São Pedro abre a porta. Um pouco encabulado, atrapalhado com as asas, cabeça baixa. Carlos Drummond de Andrade desce e põe os pés no céu. “Não é que virei mesmo eterno?” — comenta, olhando aquele nuvenzal todo. Então vê os três. Tanto tempo, pois é, tanto tempo, pensei que nem vinha mais. Cecília, você não mudou nada, e essa barriga, Poetinha? Não toma jeito, curou a tosse, Bandeira? Tá mais magro, Carlos, e a Dolores? Vai bem, mandou lembrança, qualquer dia chega por aqui. Irene traz mais café, bem preto, bem forte. Vinicius dá

um jeitinho de virar no café uma talagada de uísque da garrafinha que carrega sempre, disfarçada sob a asa esquerda. Os quatro brindam, olhos molhados de saudade satisfeita.

Depois olham pro mundo aqui de baixo, que gira e gira, todo azul, assim de longe, e esperam um pouquinho, enquanto bebem o café, até conseguirem localizar, entre as nuvens, a América do Sul. Custa um pouco para encontrarem, quase no extremo sul dessa América, um pontinho luminoso chamado Porto Alegre e, bem no centro do coração dessa cidade, um velhinho de cara sapeca, parado em frente a um porta-retratos com a foto da Bruna Lombardi. É o Mário Quintana — eles sabem —, ou será o Anjo Malaquias? (isso nunca ninguém soube). Cecília, Vinicius, Manuel e Carlos sorriem mansinho, espiando Mário lá do céu, lá de cima.

Mas a Terra — tão azul assim, vista de longe, vista de cima — eles olham com pena. Sabem que pelo menos metade desse azul todo, depois que eles se foram, brota dali, do quartinho do Mário. Aí suspiram, tadinho, que barra! Um anjo torto vem pedir autógrafo de Carlos. “Desguia” — avisa Vinicius. — “Um chato, maior aluguel.” Carlos pergunta de Maria Julieta, Manuel diz que leva ele até lá. Cecília tem um almoço com Clarice e Ana Cristina. Vinicius não sabe se dorme mais um pouco ou se pega o Leon Eliachar para irem até a casa da Elis — será que já acordou, a diaba? —, tá com samba novo na cabeça, precisa cruzar com a Clementina.

Cá embaixo, no centro do coração gelado do pontinho luminoso chamado Porto Alegre, pleno agosto, Mário Quintana abre a janela, olha para cima e dá uma piscadinha.

Danados, pensa, que danadinhos. O dia parece tão cinzento que não resiste à tentação de escrever um poema. Bem curtinho, bem feliz. Entre lá e cá, girando e girando sem parar, feito louca. A Terra também não resiste. De puro gosto, fica ainda mais azul — você viu?

*O Estado de S. Paulo, 26/8/1987*

## 61: Verdade interior

O vento sopra sobre o lago e agita as águas. Barcos de papel navegam pelas sarjetas.

Você está parado na janela, atrás da vidraça. Você olha para fora. Não há nada diferente ou incomum lá fora. São os mesmos edifícios, do outro lado e mais além da rua. As mesmas árvores, poucas. Algumas vidas existindo tão discretamente quanto a sua, por trás de outras vidraças nos edifícios do outro lado e além da rua. Assim olhando, de repente você se percebe tão quieto que tem vontade de fazer alguma coisa. Qualquer coisa dessas cotidianas, anônimas, acender um cigarro, ligar o rádio, quem sabe abrir a vidraça atrás da qual você está parado. Mas não faz nada. Você prefere não fazer nada. Permanece assim: parado, calado, quieto, sozinho. Na janela, olhando para fora.

Então, o céu escurece. Não há pausa nem gradação. Súbito, o céu escurece. Começa a acontecer um vento, e você pensa: “O vento sopra sobre a superfície de um lago.” Embora não exista lago algum, só cimento, paralelepípedos. Chinês você se concentra. Repete mais claramente agora. “O vento sopra sobre o lago e agita a superfície das águas.” Você suspira. Sem dor nem inquietação. O suspiro é um sopro de ar que sai do fundo de pulmões certamente escurecidos pelos muitos cigarros e a poluição urbana, como cavernas negras. Esse ar morno vindo do fundo das cavernas embaça a vidraça atrás da qual você está parado.

Com a ponta do dedo indicador, então, sobre a vidraça embaçada, você risca um traço, aparentemente à toa. Como na infância, nos dias de tempestade. Depois você desenha outro, e outro. Não são muitos traços, assim limpos, verticais, horizontais. Duas formas, lado a lado, ideogramas — *Chung Fu*. Você contempla o que acabou de desenhar no baço. Outra vez chinês, repete: “O vento agita a água porque é capaz de penetrá-la.” E pouco importa que ninguém — de certa forma, nem mesmo você, que está inventando — entenda isso que se passa agora, amanhã ou ontem.

Então começa a chover. Gotas pesadas, esparsas. Depois elas se aglomeram, mais finas. E chove, de repente, atrás da vidraça onde você está. Parado, atento. As águas se avolumam no alto da ladeira, despencam pela rua abaixo, em frente à sua janela. Espessas, amareladas. Levam pela frente papéis amassados, poeira, pontas de cigarro, latas de coca-cola. Todos

esses restos que se amontoam pelas ruas da cidade, as águas levam. Ninguém sabe para onde. Bueiros, esgotos. Quem sabe para o mar?

É quando você pensa no mar que tem, ao mesmo tempo, vontade de descer pelo elevador até a sarjeta para soltar um barquinho de papel nessas águas. Meio tolo, você se pergunta assim: “Para onde vão os barquinhos de papel soltos na enxurrada?” Mais tolo ainda, mas justificável, porque meio criança dessa vez, você lembra do soldadinho de chumbo de Andersen, com sua espingarda em riste dentro de um barquinho de papel. Com sorte, você deseja, o barquinho chegará à outra esquina. Com mais sorte ainda, cairá em algum ralo, depois num esgoto, depois ainda, sempre inteiro, será levado até algum rio. Até o mar, quem sabe? Você imagina um barquinho de papel capaz de atravessar incólume todas as torrentes e perigos para chegar ao mar. Pouco provável. Eram tão frágeis aqueles barquinhos que as crianças antigamente soltavam nas águas sujas das sarjetas.

Frágil — você tem tanta vontade de chorar, tanta vontade de ir embora. Para que o protejam, para que sintam falta. Tanta vontade de viajar para bem longe, romper todos os laços, sem deixar endereço. Um dia mandará um cartão-postal, de algum lugar improvável. Bali, Madagascar, Sumatra. Escreverá: penso em você. Deve ser bonito, mesmo melancólico, alguém que se foi pensar em você num lugar improvável como esse. Você se comove com o que não acontece, você sente frio e medo. Parado atrás da vidraça, olhando a chuva que, aos poucos, começa a passar.

Outra vez chinês, você se afasta um pouco para ver melhor o ideograma. “Verdade interior” — você repete. E acrescenta: “Tenho uma boa taça. Quero compartilhá-la com você.” Estende as mãos para a frente, como se fosse tocar o rosto de alguém. Mas você está sozinho, e isso não chega a doer, nem é triste. Então você abre a janela para o ar muito limpo, depois da chuva. Você respira fundo. Quase sorri, o ar tão leve: *blue*.

*O Estado de S. Paulo, 21/10/1987*

## Pálpebras de neblina

Texto tristíssimo, para ser lido ao som de Giulietta Masina, de Caetano Veloso.

Fim de tarde. Dia banal, terça, quarta-feira. Eu estava me sentindo muito triste. Você pode dizer que isso tem sido frequente demais, até mesmo um pouco (ou muito) chato. Mas, que se há de fazer, se eu estava mesmo muito triste? Tristeza-garofala, fininha, cortante, persistente, com alguns relâmpagos de catástrofe futura. Projeções: e amanhã, e depois? E trabalho, amor, moradia? O que vai acontecer? Típico pensamento-nada-a-ver: sossega, o que vai acontecer acontecerá. Relaxa, *baby*, e flui: barquinho na correnteza, Deus-dará. Essas coisas meio piegas, meio burras, eu vinha pensando naquele dia. Resolvi andar.

Andar e olhar. Sem pensar, só olhar: caras, fachadas, vitrinas, automóveis, nuvens, anjos bandidos, fadas piradas, descargas de monóxido de carbono. Da praça Roosevelt, fui subindo pela Augusta, enquanto lembrava uns versos de Cecília Meireles, dos *Cânticos*: “Não digas: ‘Eu sofro.’ Que é que dentro de ti és tu?/ Que foi que te ensinaram/ que era *sofrer*?” Mas não conseguia parar. Surdo a qualquer zen-budismo o coração doía sintonizado com o espinho. Melodrama: nem amor, nem trabalho, nem família, quem sabe nem moradia — coração achando feio o não ter. Abandono de fera ferida, bolero radical. Última das criaturas, surto de lucidez impiedosa da Big Loira de Dorothy Parker. Disfarçado, comecei a chorar. Troquei os óculos de lentes claras pelos negros *ray-ban* — filme. Resplandecente de infelicidade, eu subia a rua Augusta no fim de tarde do dia tão idiota que parecia não acabar nunca. Ah! Como eu precisava tanto que alguém me salvasse do pecado de querer abrir o gás. Foi então que a vi.

Estava encostada na porta de um bar. Um bar brega — aqueles da Augusta-cidade, não Augusta-Jardins. Uma prostituta, isso era o mais visível nela. Cabelo malpintado, cara muito maquiada, minissaia, decote fundo. Explícita, nada sutil, puro lugar-comum patético. Em pé, de costas para o bar, encostada na porta, ela olhava a rua. Na mão direita tinha um cigarro; na esquerda, um copo de cerveja. E chorava, ela chorava. Sem escândalo, sem gemidos nem soluços, a prostituta na frente do bar chorava devagar, de verdade. A tinta da cara escorria com as lágrimas. Meio palhaça, chorava olhando a rua. Vez em quando, dava uma tragada no

cigarro, um gole na cerveja. E continuava a chorar — exposta, imoral, escandalosa — sem se importar que a vissem sofrendo.

Eu vi. Ela não me viu. Não via ninguém, acho. Tão voltada para sua própria dor que estava, também, meio cega. Via pra dentro: charco, arame farpado, grades. Ninguém parou. Eu, também, não. Não era um espetáculo *imperdível*, não era uma dor reluzente de neon, não estava enquadrada ou decupada. Era uma dor sujinha como lençol usado por um mês, sem lavar, pobrinha como buraco na sola do sapato. Furo na meia, dente cariado. Dor sem *glamour*, de gente habitando aquela camada casca-grossa da vida. Sem o recurso dessas benditas levezas nossas de cada dia — uma dúzia de rosas, uma música de Caetano, uma caixa de figos.

Comecei a emergir. Comparada à dor dela, que ridícula a minha, de brasileiro-médio-privilegiado. Fui caminhando, mais leve. Mas só quando cheguei à Paulista compreendi um pouco mais. Aquela prostituta chorando, além de eu mesmo, era também o Brasil. Brasil 87: explorado, humilhado, pobre, escroto, vulgar, maltratado, abandonado, sem um tostão, cheio de dívidas, solidão, doença e medo. Cerveja e cigarro na porta do boteco vagabundo: carnaval, futebol. E lágrimas. Quem consola aquela prostituta? Quem me consola? Quem consola você, que me lê agora e talvez sinta coisas semelhantes? Quem consola este país tristíssimo?

Vim pra casa humilde. Depois, um amigo me chamou para ajudá-lo a cuidar da dor dele. Guardei a minha no bolso. E fui. Não por nobreza: cuidar dele faria com que eu esquecesse de mim. E fez. Quando gemeu “dói tanto”, contei da moça vadia sozinha chorando, bebendo e fumando (como num bolero). E quando ele perguntou “por quê?”, compreendi ainda mais. Falei: “Porque é daí que nascem as canções.” E senti um amor imenso. Por tudo, sem pedir nada de volta. Não ter pode ser bonito, descobri. Mas pergunto inseguro, assustado: a que será que se destina?

*O Estado de S. Paulo, 18/11/1987*

## Por trás da vidraça

Cá entre nós: fui eu quem sonhou que você sonhou comigo? Ou teria sido o contrário?

Sonhei que você sonhava comigo. Mais tarde, talvez eu até ficasse confuso, sem saber ao certo se fui eu mesmo quem sonhou que você sonhava comigo, ou ao contrário, foi quem sabe você quem sonhou que eu sonhava com você. Não sei o que seria mais provável. Você sabe, nessa história de sonhos — falo o óbvio —, nunca há muita lógica nem coerência. Além disso, ainda que um de nós dois ou os dois tivéssemos realmente sonhado que um sonhava com o outro, também é pouco provável que falássemos sobre isso. Ou não? Sei que o que sei é que, sem nenhuma dúvida:

Sonhei que você sonhava comigo. Certo? Não, talvez não esteja nada certo. Também não era isso o que eu queria ou planejava dizer. Pelo menos, não desse jeito embaçado como uma vidraça durante a chuva. Por favor, apanhe aquele pequeno pedaço de feltro que fica sempre ali, ao lado dos discos. Agora limpe devagar a vidraça — quero dizer, o texto. Vá passando esse pedaço de feltro sobre o vidro, até ficar mais claro o que há por trás. Lago, edifício, montanha, *outdoor*, qualquer coisa. Certamente molhada, porque só quando chove as vidraças embaçam. Será? Não tenho certeza, mas o que quero dizer, disso estou certo, começa assim:

Sonhei que você sonhava comigo. Agora penso que é também provável que — se realmente fui mesmo eu a sonhar que você sonhou comigo; e não o contrário — eu não estivesse sonhando. Nada de sono, cama, olhos fechados. É possível que eu estivesse de olhos abertos no meio da rua, não na cama; durante o dia, não à noite — quando aconteceu isso que chamo de sonho. Embora saiba que — se foi dessa forma assim, digamos, consciente — então não seria correto chamá-la de sonho, essa imagem que aconteceu —, mas de *imaginação* ou *invento* até mesmo delírio, quem sabe *alucinação*. Mas não, não é isso o que quero contar. O que quero contar, sei muito bem e sem nenhuma hesitação, começa assim:

Sonhei que você sonhava comigo. Parece simples, mas me deixa inquieto. Cá entre nós, é um tanto atrevido supor a mim mesmo capaz de atravessar — mentalmente, dormindo ou acordado — todo esse espaço que nos separa e, de alguma forma que não compreendo, penetrar nessa região onde acontecem os seus sonhos para criar alguma situação onde, no fundo da sua mente, eu passasse a ter alguma espécie de *existência*. Não, não me atrevo. Então fico ainda mais confuso, porque também não sei se tudo isso não teria sido nem sonho, nem

imaginação ou delírio, mas outra viagem chamada desejo. Verdade eu queria muito. Estou piorando as coisas, preciso ser mais claro. Começando de novo, quem sabe, começando agora:

Sonhei que você sonhava comigo. Depois que sonhei que você sonhava comigo, continuei sonhando que você acordava desse sonho de sonhar comigo — e era um sonho bonito, aquele —, está entendendo? Você acordava, eu não. Eu continuava sonhando, mas na continuação do meu sonho você tinha deixado de sonhar comigo. Você estava acordado, tentando adequar a imagem minha do sonho que você tinha acabado de sonhar à outra ou à soma de várias outras, que não sei se posso chamar de *reais*, porque não foram sonhadas. Mas, se foi o contrário, então era eu, e não você, quem tentava essa adequação — nessa continuação de sonho em que ou eu ou você ou nós dois sonhamos um com o outro. Nos víamos? Quase consegui, agora. Preciso simplificar ainda mais, para começar de novo aqui:

Sonhei que você sonhava comigo. Depois, fiquei aflito. E quase certo de que isso não tinha acontecido. O que aconteceu, sim, é que foi você quem sonhou que eu sonhava com você. Mas não posso garantir nada. Sei que estou parado aqui, agora, pensando todas essas coisas. Como se estivesse — eu, não você — acordando um pouco assustado do bonito que foi ter tido aquele sonho em que você sonhava comigo. Tão breve. Mas tudo é muito longo, eu sei. Estou ficando cansativo? Cansado, também. Está bem, eu paro. Apanhe outra vez aquele pedaço de feltro: desembace, desembaco. Choveu demais, esfriou. Mas deve haver algum jeito exato de contar essa história que começa e não sei se termina ou continua assim:

Sonhei que você sonhava comigo. Ou foi o contrário? Seja como for, pouco importa: não me desperte, por favor, não te desperto.

*O Estado de S. Paulo, 9/12/1987*

## Uma história de fadas

Era comum, que nem a gente. A única diferença é que ele era um Homem Que Acreditava.

Era uma vez o País das Fadas. Ninguém sabia direito onde ficava, e muita gente (a maioria) até duvidava que ficasse em algum lugar. Mesmo quem não duvidava (e eram poucos) também não tinha a menor ideia de como fazer para chegar lá. Mas, entre esses poucos, corria a certeza que, se quisesse mesmo chegar lá, você dava um jeito e acabava chegando. Só uma coisa era fundamental (e difícilíssima): acreditar.

Era uma vez, também, nesse tempo (que nem tempo antigo era, não; era tempo de agora, que nem o nosso), um homem que acreditava. Um homem comum, que lia jornais, via TV (e sentia medo, que nem a gente), era despedido, ficava duro (que nem a gente), tentava amar, não dava certo (que nem a gente). Em tudo, o homem era assim que nem a gente. Com aquela diferença enorme: era um homem que acreditava. Nada no bolso ou nas mãos, um dia ele resolveu sair em busca do País das Fadas. E saiu.

Aconteceram milhares de coisas que não tem espaço aqui pra contar. Coisas duras, tristes, perigosas, assustadoras. O homem seguia sempre em frente. Meio de saia justa, porque tinham dito pra ele (uns amigos najas) que mesmo chegando ao País das Fadas elas podiam simplesmente não gostar dele. E continuar invisíveis (o que era o de menos), ou até fazer maldades horríveis com o pobre. Assustado, inseguro, sozinho, cada vez mais faminto e triste, o homem que acreditava continuava caminhando. Chorava às vezes, rezava sempre. Pensava em fadas o tempo todo. E sem ninguém saber, em segredo, cada vez mais: acreditava, acreditava.

Um dia, chegou à beira de um rio lamacento e furioso, de nenhuma beleza. Alguma coisa dentro dele disse que do outro lado daquele rio ficava o País das Fadas. Ele acreditou. Procurou inutilmente um barco, não havia: o único jeito era atravessar o rio a nado. Ele não era nenhum atleta (ao contrário), mas atravessou. Chegou à outra margem exausto, mas viu uma estradinha boba e sentiu que era por ali. Também acreditou. E foi caminhando pela estradinha boba, em direção àquilo em que acreditava.

Então parou. Tão cansado estava, sentou numa pedra. E era tão bonito lá que pensou em descansar um pouco, coitado. Sem querer, dormiu. Quando abriu os olhos — quem estava

pousada na pedra ao lado dele? Uma fada, é claro. Uma fadinha mínima assim, do tamanho de um dedo mindinho, com asinhas transparentes e tudo a que as fadinhas têm direito. Muito encabulado, ele quis explicar que não tinha trazido quase nada e foi tirando dos bolsos tudo que lhe restava: farelos de pão, restos de papel, moedinhas. Morto de vergonha, colocou aquela miséria ao lado da fadinha.

De repente, uma porção de outras fadinhas e fadinhos (eles também existem) despencou de todos os lados sobre os pobres presentes do homem que acreditava. Espantado, ele percebeu que todos estavam gostando muito: riam sem parar, jogavam farelos uns nos outros, rolavam as moedinhas, na maior zona. Ao toquezinho deles, tudo virava ouro. Depois de brincarem um tempão, falaram pra ele que tinham adorado os presentes. E, em troca, iam ensinar um caminho de volta bem fácil. Que podia voltar quando quisesse por aquele caminho de volta (que era também de ida) fácil, seguro, rápido. Além do mais, podia trazer junto outra pessoa: teriam muito prazer em receber alguém de que o homem que acreditava gostasse.

De repente, o homem estava num barco que deslizava sob colunas enormes, esculpidas em pedras. Lindas colunas cheias de formas sobre o rio manso como um tapete mágico onde ia o barquinho no qual ele estava. Algumas fadinhas esvoaçavam em volta, brincando. Era tudo tão gostoso que ele dormiu. E acordou no mesmo lugar (o seu quarto) de onde tinha saído um dia. Era de manhã bem cedo. O homem que acreditava abriu todas as janelas para o dia azul brilhante. Respirou fundo, sorriu. Ficou pensando em quem poderia convidar para ir com ele ao País das Fadas. Alguém de que gostasse muito e também acreditasse. Sorriu ainda mais quando, sem esforço, lembrou de uma porção de gente. Esse convite agora está sempre nos olhos dele: quem acredita sabe encontrar. Não garanto que foi feliz para sempre, mas o sorriso dele era lindo quando pensou todas essas coisas — ah, disso eu não tenho a menor dúvida. E você?

## Na terra do coração

Nave, ninho, poço, mata, luz, abismo, plástico, metal, espinho, gota, pedra, lata.

Passei o dia pensando — coração meu, meu coração. Pensei e pensei tanto que deixou de significar uma forma, um órgão, uma coisa. Ficou só som-cor, ação — repetido, invertido — ação, cor — sem sentido — couro, ação e não. Quis vê-lo, escapava. Batia e rebatia, escondido no peito. Então fechei os olhos, viajei. E como quem gira um caleidoscópio, vi:

Meu coração é um sapo rajado, viscoso e cansado, à espera do beijo prometido capaz de transformá-lo em príncipe.

Meu coração é um álbum de retratos tão antigos que suas faces mal se adivinham. Roídas de traça, amareladas de tempo, faces desfeitas, imóveis, cristalizadas em poses rígidas para o fotógrafo invisível. Este apertava os olhos quando sorria. Aquela tinha um jeito peculiar de inclinar a cabeça. Eu viro as folhas, o pó resta nos dedos, o vento sopra.

Meu coração é o mendigo mais faminto da rua mais miserável.

Meu coração é um ideograma desenhado a tinta lavável em papel de seda onde caiu uma gota d'água. Olhado assim, de cima, pode ser Wu Wang, a Inocência. Mas tão manchado que talvez seja Ming I, o Obscurecimento da Luz. Ou qualquer um, ou qualquer outro: indecifrável.

Meu coração não tem forma, apenas som. Um noturno de Chopin (será o número 5?) em que Jim Morrison colocou uma letra falando em morte, desejo e desamparo, gravado por uma banda punk. Couro negro, prego e piano.

Meu coração é um bordel gótico em cujos quartos prostituem-se ninfetas decaídas, cafetões sensuais, deusas lésbicas, anões tarados, michês baratos, centauros gays e virgens loucas de todos os sexos.

Meu coração é um traço seco. Vertical, pós-moderno, coloridíssimo de neon, gravado em fundo preto. Puro artifício, definitivo.

Meu coração é um entardecer de verão, numa cidadezinha à beira-mar. A brisa sopra, saiu a primeira estrela. Há moças nas janelas, rapazes pela praça, tules violeta sobre os montes onde o sol se pôs. A lua cheia brotou do mar. Os apaixonados suspiram. E se apaixonam ainda mais.

Meu coração é um anjo de pedra com a asa quebrada.

Meu coração é um bar de uma única mesa, debruçado sobre a qual um único bêbado bebe um único copo de bourbon, contemplado por um único garçom. Ao fundo, Tom Waits geme um único verso arranhado. Rouco, louco.

Meu coração é um sorvete colorido de todas as cores, é saboroso de todos os sabores. Quem dele provar será feliz para sempre.

Meu coração é uma sala inglesa com paredes cobertas por papel de florzinhas miúdas. Lareira acesa, poltronas fundas, macias, quadros com gramados verdes e casas pacíficas cobertas de hera. Sobre a renda branca da toalha de mesa, o chá repousa em porcelana da China. No livro aberto ao lado, alguém sublinhou um verso de Sylvia Plath: “*I’m too pure for you or anyone.*” Não há ninguém nessa sala de janelas fechadas.

Meu coração é um filme *noir* projetado num cinema de quinta categoria. A plateia joga pipoca na tela e vaia a história cheia de clichês.

Meu coração é um deserto nuclear varrido por ventos radioativos.

Meu coração é um cálice de cristal puríssimo transbordante de licor Strega. Flambado, dourado. Pode-se ter visões, anunciações, pressentimentos, ver rostos e paisagens dançando nessa chama azul de ouro.

Meu coração é o laboratório de um cientista louco varrido, criando sem parar Frankensteins monstruosos que sempre acabam por destruir tudo.

Meu coração é uma planta carnívora morta de fome.

Meu coração é uma velha carpideira portuguesa, coberta de preto, cantando um fado lento e cheia de gemidos — *ai de mim! ai, ai de mim!*

Meu coração é um poço de mel, no centro de um jardim encantado, alimentando beija-flores que, depois de prová-lo, transformam-se magicamente em cavalos brancos alados que voam para longe, em direção à estrela Vega. Levam junto quem me ama, me levam junto também.

Faquir involuntário, cascata de champanha, púrpura rosa do Cairo, sapato de sola furada, verso de Mário Quintana, vitrina vazia, navalha afiada, figo maduro, papel crepom, cão uivando pra lua, ruína, simulacro, varinha de incenso. Acesa, aceso — vasto, vivo: meu coração teu.

## Carta anônima

Para ler ao som de “Melodia sentimental”, de Villa-Lobos, cantada por Olivia Byington.

Tenho trabalhado tanto, mas penso sempre em você. Mais de tardezinha que de manhã, mais naqueles dias que parecem poeira assentada aos poucos, e com mais força enquanto a noite avança. Não são pensamentos escuros, embora noturnos. Tão transparentes que até parecem de vidro, vidro tão fino que, quando penso mais forte, parece que vai ficar assim clack! e quebrar em cacos, o pensamento que penso de você. Se não dormisse cedo nem estivesse quase sempre cansado, acho que esses pensamentos quase doeriam e fariam clack! de madrugada e eu me veria catando cacos de vidro entre os lençóis. Brilham, na palma da minha mão. Num deles, tem uma borboleta de asa rasgada. Noutro, um barco confundido com a linha do horizonte, onde também tem uma ilha. Não, não: acho que a ilha mora num caquinho só dela. Noutro, um punhal de jade. Coisas assim, algumas ferem, mesmo essas são sempre bonitas. Parecem filme, livro, quadro. Não doem porque não ameaçam. Nada que eu penso de você ameaça. Durmo cedo, nunca quebra.

Daí penso coisas bobas quando, sentado na janela do ônibus, depois de trabalhar o dia inteiro, encosto a cabeça na vidraça, deixo a paisagem correr, e penso demais em você. Quando não encontro lugar para sentar, o que é mais frequente, e me deixava irritado, agora não, descobri um jeito engraçado de, mesmo assim, continuar pensando em você. Me seguro naquela barra de ferro, olho através das janelas que, nessa posição, só deixam ver metade do corpo das pessoas pelas calçadas, e procuro nos pés delas aqueles que poderiam ser os seus. (*A teus pés*, lembro.) E fico tão embalado que chego a me curvar, certo que são mesmo os seus pés parados em alguma parada, alguma esquina. Nunca vejo você — seria, seriam?

Boas e bobas, são as coisas todas que penso quando penso em você. Assim: de repente ao dobrar uma esquina dou de cara com você que me prega um susto de mentirinha como aqueles que as crianças pregam uma nas outras. Finjo que me assusto, você me abraça e vamos tomar um sorvete, suco de abacaxi com hortelã ou comer salada de frutas em qualquer lugar. Assim: estou pensando em você e o telefone toca e corta meu pensamento e do outro lado do fio você me diz: estou pensando tanto em você. Digo eu também, mas não sei o que falamos em seguida porque ficamos meio encabulados, a gente tem muito poder de parecer ridículos melosos

piegas bregas românticos pueris banais. Mas no que eu penso, penso também que somos mesmo meio tudo isso, não tem jeito, e tudo que vamos dizendo, quando falamos no meu pensamento, é frágil como a voz de Olivia Byington cantando Villa-Lobos, mais perto de Mozart que de Wagner, mais Chagal que Van Gogh, mais Jarmush que Wim Wenders, mais Cecília Meireles que Nelson Rodrigues.

Tenho trabalhado tanto, por isso mesmo talvez ando pensando assim em você. Brotam espaços azuis quando penso. No meu pensamento, você nunca me critica por eu ser um pouco tolo, meio melodramático, e penso então tule nuvem castelo seda perfume brisa turquesa vime. E deito a cabeça no seu colo ou você deita a cabeça no meu, tanto faz, e ficamos tanto tempo assim que a terra treme e vulcões explodem e pestes se alastram e nós nem percebemos, no umbigo do universo. Você toca na minha mão, eu toco na sua.

Demora tanto que só depois de passarem três mil dias consigo olhar bem dentro dos seus olhos e é então feito mergulhar numas águas verdes tão cristalinas que têm algas na superfície ressaltadas contra a areia branca do fundo. Aqualouco, encontro pérolas. Sei que é meio idiota, mas gosto de pensar desse jeito, e se estou em pé no ônibus solto um pouco as mãos daquela barra de ferro para meu corpo balançar como se estivesse a bordo de um navio ou de você. Fecho os olhos, faz tanto bem, você não sabe. Suspiro tanto quando penso em você, chorar só choro às vezes, e é tão frequente. Caminho mais devagar, certo que na próxima esquina, quem sabe. Não tenho tido muito tempo ultimamente, mas penso tanto em você que na hora de dormir vezenquando até sorrio e fico passando a ponta do meu dedo no lóbulo da sua orelha e repito repito em voz baixa te amo tanto dorme com os anjos. Mas depois sou eu quem dorme e sonha, sonho com os anjos. Nuvens, espaços azuis, pérolas no fundo do mar. Clack! Como se fosse verdade, um beijo.

*O Estado de S. Paulo, 16/3/1988*

## Lição para pentear pensamentos matinais

Pensamentos, como cabelos, também acordam despenteados. Naquela faixa-zumbi que vai em slow motion, desde sair da cama, abrir janelas, avaliar o tempo e calçar chinelos até o primeiro jato da torneira — feito fios fora de lugar emaranham-se, encrespam-se, tomam direções inesperadas. Com água, mão, pente, você disciplina cabelos. E pensamentos? Que nem são exatamente pensamentos, mas memórias, farrapos de sonho, um rosto, premonições, fantasias, um nome. E às vezes também não há água, mão, nem pente, gel ou xampu capazes de domá-los. Acumulando-se cotidianas, as brutalidades nossas de cada dia fazem pouco a pouco alguns recuar — acuados, rejeitados — para as remotas regiões de onde chegaram. Outros, como cabelos rebeldes, renegam-se a voltar ao lugar que (com que direito?) determinamos para eles. Feito certas crianças, não se deixam engambelar assim por doce nem figurinha.

Pensamentos matinais, desgrenhados, são frágeis como cabelos finos demais que começam a cair. Você passa a mão, e ele já não está mais ali — o fio. No travesseiro sempre restam alguns, melhor não olhar para trás: vira-se estátua de cinza. Compacta, mas cinza. Basta um sopro. Pensamentos matinais, cuidado, são alterados feito um organismo mudando de fuso horário. Não deveria estar ali naquela hora, mas está. Não deveria sentir fome às três da tarde, mas sente. Não deveria sentir sono ao meio-dia, mas. Pensamentos matinais são um abrupto *mas* com ponto-final a seguir. Perigosíssimos. A tal ponto que há o risco de não continuar depois do que deveria ser curva amena, mas tornou-se abismo.

E só vamos em frente porque começam a acontecer as urgências. Enquanto a manhã dispara e o telefone toca e a campainha soa e as crianças precisam sair para a escola e o relógio de ponto ou qualquer coisa assim — incluindo os outros, sobretudo os outros — não esperam. Nada espera, ninguém. Você lava o rosto, finge não ter visto coisa alguma. É possível também ligar o rádio. Um banho frio, o café feito uma bofetada. Há pensamentos-matinais-despenteados que põem o rabo entre as pernas e dão o fora, mas outros — mulheres de Nelson Rodrigues — adoram apanhar.

Quanto mais você bate, mais ele arreganha os dentes e intica para apanhar mais. Isso magnetiza e atrai outros pensamentos, ainda mais descabelados e até então escondidos. Se era nome, vem um sobrenome. Se era rosto, vem a textura da pele, um cheiro, um jeito de olhar. Se

fantasia, ganha cor, e assim por diante. Pensamentos desse tipo são quase sempre proustianos: loucos pelo velho e bom tempo perdido.

Soluções mais grosseiras, há. Como papel higiênico, amarrotá-los, jogá-los na privada, dar a descarga. Acontece que descargas, não quero parecer alarmista, às vezes entopem. E devolvem justamente aquilo que deveriam levar embora, num comportamento que é o avesso daquele para o qual foram programadas. Ah o avesso, esse o problema. Pensamentos assim são um sintoma do avesso. E o avesso é a superfície correspondente, igual em tamanho e forma, a tudo aquilo que você considera o direito. Conhecer de-cor-e-salteado o direito absolutamente não dá direito a conhecer também o outro lado. Sinto muito, mas ele sempre está lá. Incógnito, invisível, inviável. In, enfim.

Por ser assim, desordena-se. Pelas manhãs, mesmo que o de-manhã de alguns aconteça às seis da tarde. Mesmo nos calvos, a cabeleira abstrata pode amanhecer tão eriçada quanto a da Medusa. E se em vez de veneno as cobras tiverem mel? Tudo depende não me pergunte de quê. Só sei que deve-se olhar direito nos olhos deles, tocar sem nojo nem medo suas mãos cobertas de musgo, teias de aranha. Passar num susto a mão pelos cabelos, reais ou não. Deve-se sempre com a doçura e paciência possíveis nestas situações, mudar rápido de assunto. Ou cair no poço.

*O Estado de S. Paulo, 19/9/1993*

## Se um brasileiro num dia de dezembro...

Suponha que um anjo bata à sua porta. Não se espante: é final de ano e tradicionalmente, como os balões de junho, esta data é propícia ao aparecimento de anjos. Para evitar constrangimentos ou diálogos inúteis, você está sozinho em casa. Então o anjo bate, depois você larga o que estiver fazendo, abre a porta e convida-o para entrar e sentar, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Como a coisa mais natural do mundo, quando chega visita, também porque faz calor, e ainda ou principalmente porque algo em você sempre soube que deve-se ser gentil com anjos, você pergunta se ele gostaria de beber alguma coisa. Evite fazer isso: afinal, o que um anjo bebe? Café parece inadequado, quente demais para chá, difícil imaginar refrigerante ou cerveja, uísque ainda mais, suco de frutas talvez? Não ofereça nada, sequer faça qualquer comentário sobre o tempo ou aquelas perguntas para forçar intimidades tipo então, como vai o Gabriel?

Não, não pergunte nada. Pense apenas que, se um anjo bateu exatamente à sua porta nesta época do ano, e se tão exato entrou e sentou à sua frente, ninguém melhor do que ele saberá, com exatidão, o que fazer. Então espere. Não fique tentando descobrir se seria arcanjo, querubim ou serafim, nem se barroco, gótico ou medieval. Também tente serenizar a memória que certamente vai disparar feito computador, enumerando todas as imagens angélicas arquivadas desde a infância, ou até antes. Controle a tentação de achá-lo a cara daquele anjo da guarda com as mãos estendidas sobre as crianças à beira do abismo; afugente o anjo patético de García Márquez caído num galinheiro; esqueça o anjo cego Pygar carregando Barbarela pelos céus: um anjo é todos os anjos, sobretudo em dezembro. Concentre-se neste, pousado à sua frente.

Suponha que você está sentado imóvel e calado à frente de um anjo em sua própria casa, numa manhã ou tarde ou noite deste dezembro. Isso dura algum tempo, parado feito um fotograma. E atenção: estou certo que só depois que o anjo perceber que você parou de corpo e mente, e portanto abriu-se para ele, aceitando-o sem ohs!, é que vai começar a falar. Não uma voz de som, compreenda, mas uma voz dentro de você mesmo, muito clara, embora de certa forma abstrata, porque não sonora. Com essa voz e nesse momento, o anjo vai dizer a você que pode pedir qualquer coisa. Mas qualquer, qualquer mesmo?, você pergunta ávido.

Calma, calma: chegamos ao ponto. Eu aviso porque sei que, quando o anjo falar, será muito fácil sua mente desenfrear-se desgovernada por carros, amores, apartamentos, viagens, iates e toda essa espécie de prazeres. Bastardos, bradará o anjo. Porque — atenção! — se você for pessoal, haverá em seguida um ruflar de asas, um clarão, e o anjo desaparecerá sem atender pedido algum, sem deixar nenhum sinal.

É que, a grande revelação eu faço agora, os anjos deste dezembro não são pessoais. Concentrado e fervoroso, então, peça pelo País, por este onde estamos agora os três. Eu, você, o anjo. Que se banhe de luz, peça, e não só isso, peça abstrações como justiça, paz, dignidade, honestidade, e peça ainda o concreto de estradas, escolas, trabalho, comida. Feche os olhos, enumere tudo, com todos os detalhes. Não importa que demore muito, e certamente vai demorar: o País tem todos os defeitos do mundo. Mas os anjos, eles também têm todo o tempo do mundo.

Agora abra os olhos. Suponha que você tenha terminado de ler este texto. Suponha que você não acredita em anjos. Suponha que você joga o jornal de lado aborrecido e assim nesse movimento de folhas voando, voa também entre elas uma pena pelo ar. Branca, leve, inconfundível. Que estranho, você pensa, parece de anjo. É neste momento que alguém bate à sua porta.

*O Estado de S. Paulo, 21/12/1993*

## Reflexões de um fora da lei do Atrólho

Se você, como eu, também vive em São Paulo e vem sendo acometido de crises cada vez mais frequentes de irritação, dor de cabeça, náuseas, palpitações, insônia, chiliques e achaques dos mais diversos, saiba que descobri o motivo. Não por ser gênio, mas por ser vítima. O mal que nos aflige a todos, revelo, chama-se Atrólho. A cidade de São Paulo é cada vez mais movida e regida por essa entidade invisível, insuportável e onipresente: a Lei do Atrólho.

Essa lei, aprenda, dificulta, até mesmo impede todo e qualquer movimento. Telefones que nunca têm linhas (e você quer falar); caixas de supermercados lixando as unhas enquanto a fila aumenta (e você quer pagar); grupos de executivos e secretárias andando lado a lado na Paulista na hora do almoço (e você quer passar); bilheterias de cinema que jamais têm troco (e você quer sonhar), entendeu? Gente que para para conversar justamente no trecho mais estreito da calçada; adolescentes com as gigantes mochilas jogando você longe; caixas (ai, caixas!) que te dão o troco com dezenas de moedinhas inúteis; funcionários dos correios que decidem que a sua carta, depois de horas na fila, tem que ir por Sedex — tudo isso e muito mais, muito mais. É puro Atrólho.

Há um bar na esquina de casa (e bar na esquina de casa da gente é cármico, não há como evitá-lo) que é um verdadeiro Ícone Atrólhante. Estreitíssimo, sempre com o rádio aos berros, tem banquinhos colados ao balcão onde só caberiam as pernas de um pigmeu, mais uma espécie de plataforma que obriga a gente a um patético pulinho para subir e — pior — algo como um estribo de metal para apoiar os pés, perfeito para caneladas dilacerantes. Indescritível, não? Nesse bar, logo ao primeiro cafezinho do dia, você já pode contar com todos os seus impulsos homicidas plenamente despertos e ávidos de sangue.

E as embalagens? Há uma tampa de água mineral, que outro dia Ignácio de Loyola comentou aqui, capaz de estraçalhar dedos, unhas e cutículas. E as calçadas de São Paulo, também comentadas pelo mesmo Ignácio, um *expert* em Atrólhos? Desventuradas peruas de saia justa e salto alto! Mas além dos Atrólhos, digamos, espaciais, há também os olfativos e sonoros, tão odiosos quanto. Eflúvios de cebola frita e gordura amanhecida pelas portas e janelas às nove da manhã; *office-boys* batucando frenéticos em portas de elevadores, você conhece? Britadeiras, trituradoras de concreto, escapamentos abertos. E gritos, muitos gritos. Para quem tem menos de seis neurônios, como nós paulistanos, pode ser fatal.

Pois o Atrolho mata. Aos poucos, de ataque de nervos em ataque de nervos mitigados a golpes de Lexotan ou Passiflorine para não virar *serial killer* (grrrr: as caixas!). Reflita: pelo menos 90% do inferno que São Paulo tornou-se talvez seja causado pela Lei do Atrolho, que aqui impera. Precisamos urgentes campanhas, *outdoors*, cartilhas de esclarecimento. De graça, por instinto de sobrevivência, sugiro: Companheiro, facilite a vida para o ser ao lado! Não atrolhe sua vida, não atrolhe a vida alheia! Contra aids, camisinha; contra Atrolho, consciência!

Consciência — que mel de palavra! —, consciência urbana. A imensa maioria dos atrolhantes não percebe que está sendo manipulada por essa diabólica instituição. É preciso alertar logo a todos, pois a Lei do Atrolho, mãe do *stress*, traz à tona os mais baixos instintos do mais politicamente correto cidadão. Submetido a ela, em átimos de segundos qualquer um fica possuído por ferozes ímpetos neonazistas.

Quanto a mim, confesso: sou um fora da lei do Atrolho. O problema é que, quanto mais você se desatrolha, mais atrolhante torna-se a cidade. Confuso e exausto, parto para Paris dia 9 para merecida temporada intensiva de desatrolhação psicológica. Da estrada dou notícias.

*O Estado de S. Paulo, 6/3/1994*

## Existe sempre alguma coisa ausente

Paris — Toda vez que chego a Paris tenho um ritual particular. Depois de dormir algumas horas, dou uma espanada no *rodenir* terceiro-mundista e vou até Notre-Dame. Acendo vela, rezo, fico olhando a catedral imensa no coração do Ocidente. Sempre penso em Joana d’Arc, heroína dos meus remotos 12 anos; no caminho de Santiago de Compostela, do qual Notre-Dame é o ponto de partida — e em minha mãe, professora de História que, entre tantas coisas mais, me ensinou essa paixão pelo mundo e pelo tempo.

Sempre acontecem coisas quando vou a Notre-Dame. Certa vez, encontrei um conhecido de Porto Alegre que não via pelo menos há 20 anos. Outra, chegando de uma temporada penosa numa Londres congelada e aterrorizada por bombas do IRA, na época da Guerra do Golfo, tropecei numa greve de fome de curdos no jardim em frente. Na mais bonita dessas vezes, eu estava tristíssimo. Há meses não havia sol, ninguém mandava notícias de lugar algum, o dinheiro estava no fim, pessoas que eu considerava amigas tinham sido cruéis e desonestas. Pior que tudo, rondava um sentimento de desorientação. Aquela liberdade e falta de laços tão totais que tornam-se horríveis, e você pode então ir tanto para Botucatu quanto para Java, Budapeste ou Maputo — nada interessa. Viajante sofre muito: é o preço que se paga por querer ver “como um danado”, feito Pessoa. Eu sentia profunda falta de alguma coisa que não sabia o que era. Sabia só que doía, doía. Sem remédio.

Enrolado num capotão da Segunda Guerra, naquela tarde em Notre-Dame rezei, acendi vela, pensei coisas do passado, da fantasia e memória, depois saí a caminhar. Parei numa vitrina cheia de obras do conde Saint-Germain, me perdi pelos bulevares da Île de la Cité. Então sentei num banco do Quai de Bourbon, de costas para o Sena, acendi um cigarro e olhei para a casa em frente, no outro lado da rua. Na fachada estragada pelo tempo lia-se numa placa: “*Il y a toujours quelque chose d’absent qui me tourmente*” (Existe sempre alguma coisa ausente que me atormenta) — frase de uma carta escrita por Camille Claudel a Rodin, em 1886. Daquela casa, dizia a placa, Camille saíra direto para o hospício, onde permaneceu até a morte. Perdida de amor, de talento e de loucura.

Fazia frio, garoava fino sobre o Sena, daquelas garoas tão finas que mal chegam a molhar um cigarro. Copiei a frase numa agenda. E seja lá o que possa significar “ficar bem” dentro desse desconforto inseparável da condição, naquele momento justo e breve — fiquei bem.

Tomei um Calvados, entrei numa galeria para ver os desenhos de Egon Schiele enquanto a frase de Camille assentava aos poucos na cabeça. Que algo sempre nos falta — o que chamamos de Deus, o que chamamos de amor, saúde, dinheiro, esperança ou paz. Sentir sede, faz parte. E atormenta.

Como a vida é tecelã imprevisível, e ponto dado aqui vezenquando só vai ser arrematado lá na frente. Três anos depois fui parar em Saint-Nazaire, cidadezinha no estuário do rio Loire, fronteira sul da Bretanha. Lá, escrevi uma novela chamada “Bem longe de Marienbad”,<sup>1</sup> homenagem mais à canção de Barbara que ao filme de Resnais. Uma tarde saí a caminhar procurando na mente uma epígrafe para o texto. Por “acaso”, fui dar na frente de um centro cultural chamado (oh!) Camille Claudel. Lembrei da agenda antiga, fui remexer papéis. E lá estava aquela frase que eu nem lembrava mais e era, sim, a epígrafe e síntese (quem sabe epitáfio, um dia) não só daquele texto, mas de todos os outros que escrevi até hoje. E do que não escrevi, mas vivi e vivo e viverei.

Pego o metrô, vou conferir. Continua lá, a placa na fachada da casa número 19 do Quai de Bourbon, no mesmo lugar. Quando um dia você vier a Paris, procure. E se não vier, para seu próprio bem guarde este recado: alguma coisa sempre faz falta. Guarde sem dor, embora doa, e em segredo.

*O Estado de S. Paulo, 3/4/1994*

## A fúria dos jovens e a paz dos velhos

Paris — Chamam-se *ajoncs* essas flores amarelas circulando os trilhos do TGV que me leva a Bordeaux. Não há nada no mundo tão amarelo quanto um *ajonc*, penso. E estendo as pernas enquanto fica para trás uma Paris quase em chamas, com milhares de estudantes em fúria pelas ruas. “*Les jeunes, les jeunes en colère!*”, gritam os franceses, enquanto a polícia baixa o pau no Boulevard Saint-Michel, carros são queimados e esbarro numa garota com a frase “*pas de future!*” pintada na cara. O trem deixa a Gare de Montparnasse, ligo o *walkman* para ouvir Barbara cantando “Marienbad”. Viajando para a Aquitânia, perto da Espanha, me afasto cada vez mais de Marienbad, cidade checa aonde nunca fui. A cólera dos estudantes ficou longe. Sinto-me solidário, *voilà*, mas ser estrangeiro me dá a liberdade enorme de ser apenas espectador. E para falar a verdade — a esta altura da vida, pouco além do meio da estrada — estou mais interessado em encontrar velhos em paz do que jovens em fúria...

Claire Cayron, minha tradutora francesa, me espera com um convite: visitar sua amiga Hélène, também tradutora, que mora na região de Périgord. Os nomes não me dizem nada, mas tudo sempre é bom *chez* Claire, eu concordo. O crepúsculo lentíssimo de abril desce atrás dos vidros, ouvimos Chico Buarque e espiamos as corças que às vezes saem do bosque, sempre nessa hora, para chegar perto da casa. Como se confiassem em nós, humanos medonhos. Pode ser tão doce a França, sabia?

Na manhã seguinte tomamos o carro pela estrada que persegue o rio Dordogne. Faço perguntas como uma criança ignorante: Périgord é a região onde foram encontrados os restos do homem de Cro-Magnon, nosso antepassado pré-histórico. Lugar sombrio, de energia estranha brotando de rochas, furnas, casas coladas às pedras. E Hélène, nessa mania francesa de afrancesar todos os nomes, é Helen Lane, a grande tradutora dos grandes latino-americanos (Octavio Paz, Vargas Llosa, Roa Bastos, García Márquez, Juan José Saer e muitos outros) para o inglês. Vive só numa cabana modestíssima, no fundo de um vale perdido no Périgord. Perto da origem? Na frente da casa esvoaça uma bandeira vermelha com dizeres em tibetano. Helen é budista, tem 84 anos.

Mas a pessoa que nos abre a porta, pequenina e sólida, de cabelos brancos e lisos cortados curtos com uma franja, tem um sorriso de menina. Olhos negros redondos, atentíssimos. Jovens, e sem cólera alguma. Ao lado do fogão ronrona seu companheiro, o gato Dagobert.

Então, de repente, por um milagre feito faísca na cozinha dessa casa cheia de livros, ficamos subitamente os três — Helen, Dagobert, eu — amigos íntimos. Ela fala em francês, inglês, espanhol, italiano, e para minha surpresa até em português (traduziu Márcio de Souza e Nélida Piñon, de cuja generosidade lembra com carinho). Viveu no México, no Tibete, está de mudança para Albuquerque. Tem osteoporose, mostra o braço enfaixado enquanto serve o almoço que preparou e descreve rindo uma radiografia de sua própria coluna — “tão transparente, parecia de vidro”.

Na partida, ganho um presente: os poemas de Ryokan, monge budista zen do século XVIII. Desde então leio e releio este poema — no livro, em japonês e inglês — que tento precariamente traduzir para o português e deixar para vocês como outro presente, para que pensem em Helen Lane:

*“Pensar viagens  
toda noite me leva  
a um pouso diferente mas o sonho que sonho  
é sempre o mesmo: um lar.”*

Lindo, não? Ah: pelos campos da França, os *ajoncs* continuam amarelos.

*O Estado de S. Paulo, 17/4/1994*

## Primeira carta para além do muro

Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer.

É com terrível esforço que te escrevo. E isso agora não é mais apenas uma maneira literária de dizer que escrever significa mexer com funduras — como Clarice, feito Pessoa. Em Carson McCullers doía fisicamente, no corpo feito de carne e veias e músculos. Pois é no corpo que escrever me dói agora. Nestas duas mãos que você não vê sobre o teclado, com suas veias inchadas, feridas, cheias de fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que, dizem, vão me salvar.

Dói muito, mas eu não vou parar. A minha não desistência é o que de melhor posso oferecer a você e a mim neste momento. Pois isso, saiba, isso que poderá me matar, eu sei é a única coisa que poderá me salvar. Um dia entenderemos talvez.

Por enquanto, ainda estou um pouco dentro daquela coisa estranha que me aconteceu. É tão impreciso chamá-la assim, a Coisa Estranha. Mas o que teria sido? Uma turvação, uma vertigem. Uma voragem, gosto dessa palavra que gira como um labirinto vivo, arrastando pensamentos e ações nos seus círculos cada vez mais velozes, concêntricos, elípticos. Foi algo assim que aconteceu na minha mente, sem que eu tivesse controle algum sobre o final magnético dos círculos içando o início de outros para que tudo recomeçasse. Todos foram discretos, depois, e eu também não fiz muitas perguntas, igualmente discreto. Devo ter gritado, e falado coisas aparentemente sem sentido, e jogado coisas para todos os lados, talvez batido em pessoas.

Disso que me aconteceu, lembro só de fragmentos tão descontínuos que. Que — não há nada depois desse *que* dos fragmentos — descontínuos. Mas havia a maca de metal com ganchos que se fechavam feito garras em torno do corpo da pessoa, e meus dois pulsos amarrados com força nesses ganchos metálicos. Eu tinha os pés nus na madrugada fria, eu gritava por meias, pelo amor de Deus, por tudo que é mais sagrado, eu queria um par de meias para cobrir meus pés. Embora amarrado como um bicho na maca de metal, eu queria proteger

meus pés. Houve depois a máquina redonda feito uma nave espacial onde enfiaram meu cérebro para ver tudo que se passava dentro dele. E viram, mas não me disseram nada.

Agora vejo construções brancas e frias além das grades deste lugar onde me encontro. Não sei o que virá depois deste agora que é um momento após a Coisa Estranha, a turvação que desabou sobre mim. Sei que você não compreende o que digo, mas compreenda que eu também não compreendo. Minha única preocupação é conseguir escrever estas palavras — e elas doem, uma por uma — para depois passá-las, disfarçando, para o bolso de um desses que costumam vir no meio da tarde. E que são doces, com suas maçãs, suas revistas. Acho que serão capazes de levar esta carta até depois dos muros que vejo a separar as grades de onde estou daquelas construções brancas, frias.

Tenho medo é desses outros que querem abrir minhas veias. Talvez não sejam maus, talvez eu apenas não tenha compreendido ainda a maneira como eles são, a maneira como tudo é ou tornou-se, inclusive eu mesmo, depois da imensa Turvação. A única coisa que posso fazer é escrever — essa é a certeza que te envio, se conseguir passar esta carta para além dos muros. Escuta bem, vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, a única coisa que posso fazer é escrever.

*O Estado de S. Paulo, 21/8/1994*

## Segunda carta para além dos muros

No caminho do inferno encontrei tantos anjos. Bandos, revoadas, falanges. Gordos querubins barrocos com as bundinhas de fora; serafins agudos de rosto pálido e asas de cetim; arcanjos severos, a espada em riste para enfrentar o mal. Que no caminho do inferno encontrei, naturalmente, também demônios. E a hierarquia inteira dos servidores celestes armada contra eles. Armas do bem, armas da luz: *no pasarán!*

Nem tão celestiais assim, esses anjos. Os da manhã usam uniforme branco, máscaras, toucas, luvas contra infecções, e há também os que carregam vassouras, baldes com desinfetantes. Recolhem as asas e esfregam o chão, trocam lençóis, servem café, enquanto outros medem pressão, temperatura, auscultam peito e ventre. Já os anjos debochados do meio da tarde vestem jeans, couro negro, descoloriram os cabelos, trazem doces, jornais, meias limpas, fitas de Renato Russo celebrando a vitória de Stonewall, notícias da noite (onde todos os anjos são pardos), recados de outros anjos que não puderam vir por rebordosa, preguiça ou desnecessidade amorosa de evidenciar amor.

E quando sozinho, depois, tentando ver os púrpuras do crepúsculo além dos ciprestes do cemitério atrás dos muros — mas o ângulo não favorece, e contemplo então a fúria dos viadutos e de qualquer maneira, feio ou belo, tudo se equivale em vida e movimento — abro janelas para os anjos eletrônicos da noite. Chegam através de antenas, fones, pilhas, fios. Parecem-se às vezes com Cláudia Abreu (as duas, minha brava irmã e a atriz de Gilberto Braga), mas podem ter a voz caída de Billie Holiday perdida numa FM ou os vincos cada vez mais fundos ao lado da boca amarga de José Mayer. Homens, mulheres, você sabe, anjos nunca tiveram sexo. E alguns trabalham na TV, cantam no rádio. Noite alta, meio farto de asas ruflando, liras, rendas e clarins, despenco no sono plástico dos tubos enfiados em meu peito. E ainda assim eles insistem, chegados desse Outro Lado de Todas as Coisas. Reconheço um por um. Contra o fundo blue de Derek Jarman, ao som de uma canção de Freddy Mercury, coreografados por Nureiev, identifico os passos bailarinos-nô de Paulo Yutaka. Com Galizia, Alex Vallauri espia rindo atrás da Rainha do Frango Assado e ah como quero abraçar Vicente Pereira, e outro Santo Daimé com Strazzer e mais uma viagem ao Rio com Nelson Pujol Yamamoto. Wagner Serra pedala bicicleta ao lado de Cyril Collard, enquanto Wilson Barros esbraveja contra Peter Greenaway, apoiado por Nelson Perlongher. Ao som de Lóri Finokiario,

Hervé Guibert continua sua interminável carta para o amigo que não lhe salvou a vida. Reinaldo Arenas passa a mão devagar em seus cabelos claros. Tantos, meu Deus, os que se foram. Acordo com a voz safada de Cazuzza repetindo em minha orelha fria: “Quem tem um sonho não dança, meu amor.”

Eu desperto, e digo sim. E tudo recomeça.

Às vezes penso que todos eles parecem vindos das margens do rio Narmada, por onde andaram o menino cego cantor, a mulher mais feia da Índia e o monge endinheirado de Gita Mehta. Às vezes penso que todos são cachorros com crachás nos dentes, patas dianteiras furadas por brasas de cigarro para dançar melhor, feito o conto<sup>2</sup> que Lygia Fagundes Telles mandou. E penso junto, sem relação aparente com o que vou dizendo: sempre que vejo ou leio Lygia, fico estarecido de beleza.

Pois repito, aquilo que eu supunha fosse o caminho do inferno está juncado de anjos. Aquilo que suja treva parecia, guarda seu fio de luz. Nesse fio estreito, esticado feito corda bamba, nos equilibramos todos. Sombrinha erguida bem alto, pé ante pé, bailarinos destemidos do fim deste milênio pairando sobre o abismo.

Lá embaixo, uma rede de asas ampara nossa queda.

*O Estado de S. Paulo, 4/9/1994*

## Última carta para além dos muros

Porto Alegre — Imagino que você tenha achado as duas cartas anteriores obscuras, enigmáticas como aquelas dos almanaques de antigamente. Gosto sempre do mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim, mais claramente. Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha ou medo.

Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV positivo. O médico viajara para Yokohama, Japão. O teste na mão, fiquei três dias bem natural, comunicando à família, aos amigos. Na terceira noite, amigos em casa, me sentindo seguro — enlouqueci. Não sei detalhes. Por autoproteção, talvez, não lembro. Fui levado para o pronto-socorro do Hospital Emílio Ribas com a suspeita de um tumor no cérebro. No dia seguinte, acordei de um sono drogado num leito da enfermaria de infectologia, com minha irmã entrando no quarto. Depois, foram 27 dias habitados por sustos e anjos — médicos, enfermeiras, amigos, família, sem falar nos próprios — e uma corrente tão forte de amor e energia que amor e energia brotaram de dentro de mim até tornarem-se uma coisa só. O de dentro e o de fora unidos em pura fé.

A vida me dava pena, e eu não sabia que o corpo (“meu irmão burro”, dizia São Francisco de Assis) podia ser tão frágil e sentir tanta dor. Certas manhãs chorei, olhando através da janela os muros brancos do cemitério no outro lado da rua. Mas à noite, quando os neons acendiam, de certo ângulo a Dr. Arnaldo parecia o Boulevard Voltaire, em Paris, onde vive um anjo sufista que vela por mim. Tudo parecia em ordem, então. Sem rancor nem revolta, só aquela imensa pena de Coisa Vida dentro e fora das janelas, bela e fugaz feito as borboletas que duram só um dia depois do casulo. Pois há um casulo rompendo-se lento, casca seca abandonada. Após, o voo de Ícaro perseguindo Apolo. E a queda?

Aceito todo dia. Conto para você porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende.

Sei também que, para os outros, esse vírus de *science fiction* só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazuzza: “Vamos pedir piedade, Senhor, piedade pra essa gente careta e covarde.” Mas para você, revelo humilde: o que importa é a Senhora Dona Vida, coberta de ouro e prata e sangue e musgo do Tempo e creme chantilly às vezes e confetes de algum

Carnaval, descobrindo pouco a pouco seu rosto horrendo e deslumbrante. Precisamos suportar. E beijá-la na boca. De alguma forma absurda, nunca estive tão bem. Armado com as armas de Jorge. Os muros continuam brancos, mas agora são de um sobrado colonial espanhol que me faz pensar em García Lorca; o portão pode ser aberto a qualquer hora para entrar ou sair; há uma palmeira, rosas cor-de-rosa no jardim. Chama-se Menino Deus este lugar cantado por Caetano, e eu sempre soube que era aqui o porto. Nunca se sabe até que ponto seguro, mas — para lembrar Ana C., que me deteve à beira da janela — como não se pode ancorar um navio no espaço, ancora-se neste porto. Alegre ou não: ave Lya Luft, ave Iberê, Quintana e Luciano Alabarse, chê.

Vejo Dercy Gonçalves, na *Hebe*, assisto *A falecida* de Gabriel Villela no Teatro São Pedro; Maria Padilha conta histórias inéditas de Vicente Pereira; divido sushis com a bivariana Yolanda Cardoso; rezo por Cuba; ouço Bola de Nieve; gargalho com Déa Martins; desenho a quatro mãos com Laurinha; leio Zuenir Ventura para entender o Rio; uso a estrela do PT no peito (*Who Knows?*); abro o *I Ching* ao acaso: Shêng, a Ascensão; não perco *Éramos seis* e agradeço, agradeço, agradeço.

A vida grita. E a luta continua.

*O Estado de S. Paulo, 18/9/1994*

## Hamburgo, 11 de outubro de 1994

Caro senhor presidente eleito Fernando Henrique Cardoso:

Sei que é uma ousadia dirigir-me ao senhor assim, desta maneira meio estabanada. Aprendi na escola, há tantos anos que já esqueci, que deveria dirigir-me ao senhor como “Vossa Excelência” ou algo assim. Mas hoje, ao despertar muito cedo neste Hotel Schwanenwik, que parece saído de um filme dos anos 40, espiando pela janela as árvores começando a ficar douradas no parque em frente ao lago, me surpreendi pensando com força e fé no senhor e no Brasil.

Nos últimos dias, li nos jornais europeus que o senhor foi eleito sem necessidade de um segundo turno. Não votei no senhor. Aliás, não votei em ninguém. Estava em trânsito, em Porto Alegre, e embarquei para Frankfurt um dia após as eleições, quando a sua vitória já era dada como certa. E embora talvez o senhor não fosse o meu candidato, fico feliz. Devo dizer que o senhor me parece muitíssimo mais, digamos, preparado que todos os outros seus antecessores. Amigos europeus e desconhecidos que fazem perguntas nas leituras e debates que ando fazendo por aqui com outros escritores também parecem pensar o mesmo. Por favor, não nos decepcione.

É grande a nossa esperança, senhor presidente. E falo não como escritor ou jornalista, mas como brasileiro comum. Tão comum que nada tenho e, nos últimos anos, não fosse direitos autorais vindos do estrangeiro e a lealdade de muitos amigos, estaria desempregado e passando dificuldades. Porque ando pelas ruas, porque entro nos bares e vejo as caras sofridas das pessoas pelas esquinas, posso dizer ao senhor com segurança: estamos cansados, senhor presidente. E é no senhor que confiamos, acima de tudo, para dar jeito nesse grande cansaço que já vem de anos.

Vem do golpe militar que cortou os sonhos de uma geração inteira; vem daquela morte misteriosa de Tancredo Neves; vem do desastre de José Sarney e principalmente da vergonhosa catástrofe que foi Fernando Collor. Vem de muito antes disso, talvez desde que os colonizadores mataram nossos índios, dizimaram nossas matas, levaram nosso ouro. Há quase 500 anos, sempre fomos escravos, roubados, humilhados. Nos últimos tempos esse cansaço nosso aumentou, com a impunidade dos corruptos e o empreguismo fácil que se tornou a política. Os senhores ganham muito bem, senhor presidente, e a maioria de nós morre de fome.

O que quero pedir, quando penso no senhor, olhando pela janela aberta desta cidade estrangeira, não tem nada de extraordinário. Nós queremos comida, senhor presidente. Queremos trabalho, escolas. Queremos saúde e um mínimo de segurança para andarmos nas ruas sem o risco de sermos atingidos por alguma bala perdida. Queremos um mínimo de honestidade, e esperamos que o senhor reforce a nossa autoestima como brasileiros, não através de um nacionalismo irracional e perigoso, mas apenas por termos satisfeitas as nossas necessidades humanas básicas.

Por favor, não gaste à toa o dinheiro dos nossos impostos. Por favor, preste atenção na infinidade de mendigos que apodrecem pelas ruas de nossas cidades. Não queremos ser o Haiti nem Ruanda, mas apenas um país decente. E temos um medo enorme que logo após a sua posse, esse Plano Real que tanto ajudou a elegê-lo, desabe sobre nossas cabeças com uma inflação de 100% ao mês. Estamos tão cansados de mentiras, promessas, aparências, fraudes, ilusões. Nós queremos gostar do senhor, senhor presidente, queremos tanto confiar no senhor. Nós entregamos os nossos destinos nas suas mãos, com boa-fé e boa vontade.

E é por tudo isso e muito mais que, daqui de muito longe, quase na Escandinávia, tenho a ousadia de concluir pedindo: pense bem, senhor presidente, no que vai fazer com nossas vidas. Pode ser bom, isso a ser feito, pode ser nobre e grandioso. Depende um pouco de nós, que temos sido tão pacientes, mas depende principalmente do senhor. Seja justo, honesto, amoroso. Boa sorte.

*O Estado de S. Paulo, 16/10/1994*

## Oito cidades alemãs e um Brasil

Ser um escritor brasileiro em viagem por outro país é uma saia justa que exige muita compenetração.

Perguntaram se eu teria mesmo energia. Eu disse que sim, não acreditaram muito, insinuando que eu não conseguiria. Vocês não sabem o que é um gaúcho da fronteira, pensei, e quando ameaço fraquejar me vem sempre na mente a voz de minha mãe, também gaúcha da fronteira, repetindo “imagina se eu vou me entregar”. Oito cidades depois, missão cumprida, em frente à janela aberta sobre os telhados de Colônia, no apartamento de meu tradutor Gerd Hilger, suspiro aliviado e cheio de autoestima: consegui. Imagina se eu vou me entregar...

Foram oito cidades fazendo leituras, debates, respondendo perguntas sobre o Brasil. Enumero, consultando o bloquinho da *Haus der Kulturen der Welt*: Frankfurt, Hamburgo, Berlim, Bad Berleburg, Dortmund, Colônia, Aschen e Bonn. Sem contar aquelas pelas quais apenas passei, pensando bobagens (Hagen, terá algo a ver com Nina?), com vontade de parar (Kassel, a Documenta!) e com flashbacks na memória (Altona, *Os sequestrados de...*, não era uma peça de Sartre?). Não há tempo. Os trens jamais atrasam, implacáveis horários. Ser eficiente, milimétrico: 15 minutos para o banho, 20 para o *breakfast*, 10 para um telefonema, 20 para arrumar a mala, 10 para acertar as contas no hotel, mais 10 para chegar à estação com meia hora livre para o que chamo de “espaço de bobeira”.

Fumando sem pressa agora, enquanto Gerd ouve Caetano Veloso em espanhol, sinto um espanto aliviado: Deus, consegui. Ou conseguimos, suponho que todos os escritores brasileiros envolvidos nesse projeto conseguiram também. Pelo menos boto a mão no fogo pelos dois com quem dividi leituras em algumas cidades. Sérgio Sant’Anna e Ignácio de Loyola Brandão. E ser escritor brasileiro em outro país é uma saia justa que exige muita compenetração. Afinal, ele não é apenas ele mesmo, mas a encarnação de toda a literatura e do próprio Brasil. Que, acreditem, os alemães amam e querem compreender.

Mas como compreender um país maior que a Europa inteira, com tantos contrastes e contradições? Eles perguntam, tentamos responder. O que vai acontecer com o Brasil de Fernando Henrique Cardoso? Não tenho bola de cristal, diz Ignácio de Loyola. Só esperança, como qualquer brasileiro. É possível a “arte pela arte” numa nação de analfabetos? Se for

boa, eu digo, é possível até em Ruanda. Literatura não tem a obrigação de servir para nada, às vezes é inútil e bela como os poemas de Konstantinos Kaváfis no Cairo miserável — e isso basta. Sérgio Sant’Anna conta que precisa fechar as janelas do apartamento em Laranjeiras para poder escrever sem ser perturbado pelos tiroteios nas favelas. Há um fascínio horrorizado no ar, mas então falamos também do nosso humor, e da fé irracional que habita o brasileiro, essa mistura de catolicismo, candomblé, kardecismo, orientalismo, naturalismo e o que mais pintar. O horror diminui, aumenta o fascínio. Como explicar o Brasil a quem nunca esteve lá? Os escritores tentam. Gosto deles — gosto de nós e de mim mesmo — nesse suave esforço de revelação.

Eterno rejeitado, o Brasil nem suspeita do interesse e do carinho que desperta. Todos querem que o Brasil dê certo, nessas noitadas de fragmentos solidários pelas cidades alemãs, todos queremos que tudo dê certo para todos nós, terráqueos. Ruanda, Haiti, Iugoslávia. E é pensando nisso que subitamente, na cozinha branca de Colônia, desisto de seguir viagem para Aix-en-Provence e Arles — mais encontros, mais escritores, mais perguntas sobre o Brasil. Quero voltar já: as respostas para o Brasil estão pelas esquinas do próprio Brasil.

O céu tão azul sobre Colônia, eu ficaria uma vida contemplando as gradações douradas nas árvores de outono. Mas eu quero ir, minha gente, eu não sou daqui. Prepara o mate que estou voltando, tchê.

*Zero Hora, 22/10/1994*

## Para ler ao som de Vinicius de Moraes

Conheci o Rio de Janeiro em 1968. Tarde demais, pensei na época. Já não havia o Cassino da Urca, estrelas de cinema deixando o decote cair nos bailes do Copa ou reuniões de bossa nova na rua Nascimento e Silva cento e sete cantadas por Vinicius de Moraes. Troppo, troppo tardi, eu pensava em italiano por influência talvez de Gina Lollobrigida, vadiando encantado por Ipanema com Maria Helena Cardoso, a Leleninha, irmã do Lúcio Cardoso e autora de uma das mais belas autobiografias publicadas neste país (*Por onde andou meu coração?*, quem lembra?).

O que eu não sabia nem poderia saber — em parte porque aos 20 anos a gente pouco sabe além da própria fome, em parte porque não podia, nem posso ou podemos, prever o futuro — é que embora parecesse tarde, era ainda cedo. Que paraíso aquela cidade maravilhosa pouco antes da paranoia do AI-5, quando era possível passar noites a fio bebendo chope no Zeppelin vendo entrar Leila Diniz, nossa, como ela é baixinha, olha, meu Deus, a Nara Leão! E quem chegou de jipe com Betty Faria não será o Arduíno Colassanti? Possível sentar à noite no murinho da Alberto de Campos fumando com Isabel Câmara, varar madrugada nas galerias de Copacabana com meu primo e guru Francisco Bittencourt (onde andaré Zama, a surrealista da Zona Norte?), largar roupa e dinheiro na areia para mergulhar nas ondas verdes — e limpas — do Leblon. Era possível sim, tudo de bom lá naquele tempo e naquela cidade.

Foi nessa mesma época que Gilberto Gil enviou aquele puta abraço pra todo mundo, garantindo que o Rio de Janeiro continuava lindo. Era cedo portanto, e eu não sabia. Ninguém sabia. Afinal, estávamos ainda mergulhados na poetização da miséria pelo cinema novo (preciso rever *Cinco vezes favela*) deflagrada por *Orfeu negro*, no charme da lata d'água na cabeça que dera lugar ao cantinho, ao violão, garotas de Ipanema ondulantes e Brigitte Bardot tomando água de coco em Búzios. Ó Deus, como é triste lembrar do bonito que algo ou alguém foram quando esse bonito começa a se deteriorar irremediavelmente.

Irremediável — eu sei que é uma palavra terrível, mas é a que me vem quando comparo aquele Rio a este de agora, e isso me dói tanto quanto uma doença fatal — irremediável irremediável repito sem vírgula sentindo saudade prévia do Rio como de um amigo em fase terminal. E sem ser sociólogo nem historiador, tento entender como tudo começou. Quem sabe com a própria poetização da miséria, o câncer medonho crescendo escondido enquanto todo o

mundo achava *bonitinho* o moleque de morro pedindo dinheiro. Nem escola, saúde ou comida, um troquinho, quem sabe um sambinha e tudo bem, um barquinho a deslizar. Até que o moleque armou-se até os dentes para comandar arrastões outros que não os de Elis. O único parâmetro de dar-certo-na-vida que um moleque favelado tem atualmente é ser traficante, e ser então bacana: vídeo, CD e metralhadora para matar, que a vida não vale nada. Chacrinha já não balança a pança e o Rio de Janeiro virou um horror, graças aos governantes que não investiram no trabalho básico de educar, dar opções de vida além da marginalidade sangrenta. Graças também a nós, que não vimos a tempo.

O que querem agora, quando é tarde demais, esses que pretendem “dar um jeito na situação”? Tanques nas favelas, quem sabe napalm? Telefona aí pro Bill Clinton e pede uma intervençãozinha rápida, garanto que ele vai achar o Haiti moleza... Como nas doenças incuráveis, só resta rezar? Ou cantar, que é quase a mesma coisa. Então por favor rezem, cantem pela cidade do Rio, leiam *Cidade partida* de Zuenir Ventura, com a assustadora epígrafe de Arnaldo Jabor: “O Rio é o trailer do Brasil.” Façamos coisas inúteis e delicadas, suspirando em memória de Vinicius: “que tempo feliz, ai que saudade, esse Rio que se perdeu, mesmo a tristeza da gente era mais bela, era como se o amor doesse em paz.”

*Zero Hora, 5/11/1994*

## Até que nem tão eletrônico assim

Estou me sentindo o próprio Robocop. Pois não é que ganhei um microcomputador de presente? E desafiando o narrador alter ego de *Onde andaré Dulce Veiga?*, que com certa arrogância ao mesmo tempo complexada e enfrentativa declara-se pré-informático, resolvi encarar a fera. Afinal, sou um homem anos 90, embora sempre tenha sido artesanal, do tempo da caneta Parker 51 melando dedos e papéis, manchas indeléveis nas camisas brancas do uniforme. Mais tarde, a esferográfica viria revolucionar minha vida (ao contrário de Nélida Piñon, que orgulha-se de jamais ter empunhado uma Bic), passei por máquinas comuns, elétricas, eletrônicas, pelo PC tipo Fusca de Pedrinho Tornaghi, traduzindo o *Tao Te King* — e tudo sem renunciar jamais ao sagrado ato da escrita manual, cada letra desenhada, pensada, sofrida. Agora tudo mudou.

Pois Robocop, eu ia dizendo, baixou de frente no meu terreiro particular, por artes de duas das fadas que graças a Deus sempre tenho por perto: Vânia Toledo e Regina Valladares. Certa tarde de agosto, hospitalizado e lamuriento, me queixando da dificuldade e dor para escrever deitado, as duas tiveram a ideia: organizar uma “vaquinha” entre amigos para me dar um computador de presente. Fiquei na minha, encabulado e expectante. Bom, as duas moveram céus e terras, dólares e cruzados, faxes e secretárias eletrônicas, agendas e seduções — até que outra tarde, esta de setembro, já em Porto Alegre, recebi um telefonema de Celsinho Curi. Estava na cidade e trouxera este AST (a semelhança com AZT será mera coincidência, suponho, ou haverá micros positivos?) 486SX/33, mais uma impressora Canon BJ200, siglas e números misteriosíssimos até hoje. Medo: adiei a instalação, viajei, voltei, fugi, neguei. Até que relaxei *et voilà*, eis-me aqui tatibitateando nas teclas.

São agora quatro da tarde, entrei e saí de vários labirintos, cometi desastres tipo apertar uma maligna tecla Delete, que vertiginosa e frenética apaga tudo, fumei um maço inteiro, quase joguei a coisa pela janela, como Jane Fonda fazendo Lillian Hellman em *Julia* — mas hei de vencer! Agora mesmo aconteceu um ruído moderníssimo avisando que o documento está salvo. Ok, baby, vamos em frente. Ou íamos: apertei um Backspace em vez do Enter e aconteceram barbaridades inconfessáveis. E de onde saiu essa janela doida que se meteu no meio do texto?

A verdade é que sinto assim como uma saia justa pairando no ar aqui em volta, quando penso se não será o computador uma espécie de traição à tradição, compreende? Marcel Proust nunca teve um. E García Márquez, ao publicar se não me engano *O amor nos tempos do cólera*, foi acusado de ter “esfriado” seu estilo após a máquina. Lembro ainda do espanto tupiniquim quando Ana Miranda declarou publicamente que havia escrito *Boca do Inferno* num micro, acrescentando modestamente que era um bastante chinfrim. Bem, imagino que depois do sucesso (merecido) de sua obra tenha adquirido um poderosíssimo. Quanto a este, todos afirmam ser uma maravilha contemporânea, garantem até que disponho de um modem com fax, pode? Logo eu, eternamente Laika... Anyway, a dúvida bizarra persiste: até que ponto o método de executar a escrita modifica a “alma” da escrita? Cartas para a redação.

Enfim, agradeço a Vânia, Regina, Celso e a todos os outros bem-intencionados anjos que colaboraram para que minha porção Robocop finalmente viesse à tona. Não sei o nome de todos, mas agradeço a chave para este admirável mundo novo cheio de pixels e bits. Sem conseguir, confesso, evitar uma súbita suspeita paranoica: será que querem mesmo me enlouquecer?

E agora Help, apertei um Exit! Manhê, cadê o mouse que tava aqui?

*O Estado de S. Paulo, 13/11/1994*

## Um uivo em memória de Reinaldo Arenas

Acaba de ser lançado no Brasil um dos livros mais belos que conheço: *Antes que anoiteça* (Editora Record), autobiografia do cubano Reinaldo Arenas. “Belo” não seria o adjetivo exato. Pungente talvez, pois comove e rasga. Destemido, dilacerado, desesperado e sobretudo vivo de vida pulsante, sangrenta. Em chagas, tão impudicamente exposto. Mas adjetivos pouco importam. Importa o livro, a vida crua que ele revela.

Encontrei Reinaldo numa madrugada de novembro de 1992 em Saint-Nazaire, cidade francesa entre Nantes e Brest, exatamente onde o rio Loire chega ao mar, fronteira sul da Bretanha. Aparentemente anódina, *sinistrée* durante a Segunda Guerra (numa noite, restaram cinco mil dos 80 mil habitantes), depois reconstruída pelos americanos, Saint-Nazaire é, contudo, mágica a ponto de ter um dólmen druídico na praça central. Num décimo segundo andar, a prefeitura socialista e a editora Arcane 17 mantêm a Maison des Écrivains Étrangers, que oferece bolsas a escritores do mundo todo durante dois ou três meses, para que deixem um livro à memória da cidade. Por lá passaram o argentino Ricardo Piglia, o búlgaro Victor Paskov, o espanhol Luis Goytisolo e pelo menos mais uns 20 checos, escandinavos, chineses. Nesse tempo de que falo, por partes de minha tradutora Claire Cayron, era eu o hóspede.

Foi numa noite de tempestade, loucas gaivotas batiam-se contra as vidraças do terraço. Insono fiquei lendo *Méditations de Saint-Nazaire*, de Arenas, que só vagamente conhecia (*Celestino antes del alba, El mundo alucinante*). Impressionado com o texto, decorei suas últimas palavras: “*Aún no sé si es este el sitio donde yo pueda vivir. Talvez para um desterrado — como la palabra lo indica — no haya sitio en la Tierra. Sólo quisiera pedirle a este cielo resplandeciente y a este mar, que por unos días aún podré contemplar, que acojan mi terror.*” Repeti feito oração, e dormi. Acordei ouvindo o ruído da máquina de escrever do escritório. Fui até o corredor, espiei. Em frente à janela, um homem moreno contemplava a tempestade enquanto escrevia. Parecia chorar. Estremeci, ele desapareceu. Tô pirando, pensei. E voltei a dormir.

Pela manhã contei a história a Christian Bouthemy, poeta e editor da Arcane 17. Descrevi o homem. Parece Reinaldo Arenas, ele lembrou, que ficara por lá apenas uma semana da temporada de dois meses. Estava com aids, tinha medo de se jogar pela janela. Preferiu voltar a Nova York e suicidar-se com uma overdose de barbitúricos e álcool, depois de concluir sua

autobiografia, este *Antes que anoiteça*. Consegui o livro em francês e em Paris, num quartinho alugado com Dominique Bach, produtora da cantora cabo-verdiana Cesária Évora, durante um fevereiro gelado, no coração da barra pesada de Château d'Eau, mastiguei suas últimas palavras como se fossem cacos de vidro. Não suportava ler, nem conseguia parar. Jamais sofri tanto com um livro — nem mesmo *Fome*, de Knut Hamsun, ou *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói.

Leiam também vocês se não têm medo da dor e da verdade. Censurado, perseguido e preso em Cuba por homossexualismo, Arenas fugiu para Miami, primeira estação do seu calvário de solidão e exílio, dedicando-se a desmascarar figurões tipo García Márquez, Severo Sarduy, Eduardo Galeano, Julio Cortázar e outros asseclas de Fidel Castro, que odiava. Livra a cara de poucos — Lezama Lima e Virgilio Piñera, malditos (e grandes) como ele. Transbordava amor: à vida, aos rapazes, à literatura.

Voltando ao Brasil, tentei traduzi-lo. Ninguém quis. Muito deprimente, diziam, pouco comercial. Mas como o Deus das Laikas (e Arenas foi a maior de todas) tarda, mas não falha, saiu agora. Leiam. Pelo bravo homem que ele foi, e também para aprender a valorizar o que se tem, mas não se preza. Depois uivem para o infinito em memória desse cubano lindo, desventurado, heroico.

*Requiescat in pace, hermoso compañero.*

*O Estado de S. Paulo, 27/11/1994*

## Breves memórias de um jardineiro cruel

Sempre gostei de flores. Até hoje lembro de um jardineiro na nossa casa de Santiago do Boqueirão, bem embaixo da janela de meu quarto, que nas noites de verão enlouquecia o ar com seu perfume intenso, doce e, dizem, um tanto alucinógeno. Mas durante muitos anos nunca pensei que fosse preciso cuidar das flores. Elas simplesmente estavam ali, como as pedras, as árvores. Só anos depois percebi que não era assim.

Foi em Londres, já por 1973. Homero estava indo trabalhar em Estocolmo e me passou seu trabalho preferido: jardineiro num subúrbio, muito além de Richmond. A patroa era uma maravilha: Mrs. Kuzmin, velhinha húngara refugiada na Inglaterra durante a Segunda Guerra. Tinha um sotaque fortíssimo, como o de Meryl Streep em *A escolha de Sofia*, e vivia só com uma filha gorda, solteirona e muito carente. Puxava sempre papo e, enquanto eu mourejava no jardim, ela colocava na janela a caixa de som, quase sempre Mozart. Já Mrs. Kuzmin era severa — dava ordens, fiscalizava enquanto eu cortava a grama (inglesa autêntica!) —, mas também humana. Terminado o trabalho, na cozinha limpíssima me servia chá Earl Gray com limão e *une larme* de leite, mais um daqueles alucinantes *cakes* ingleses empapuçados de geleia. Vivendo numa *squatter-house* sórdida perto de Portobello Road, vezenquando aquela era minha única refeição do dia. Material e também espiritual, pois além de comida e das histórias da guerra que as duas contavam havia as flores. Foi a primeira vez na vida em que pensei seriamente em me tornar jardineiro. Anos atrás, quando ainda era um maníaco-depressivo insaciável, Graça perguntou o que realmente eu gostaria de ser na vida. Levei uns dez minutos para responder. Ilhas gregas, iates, amores, apartamento em Paris, tudo isso pareceu nada quando veio a resposta sincera: “Jardineiro”, eu disse. “Um dia eu gostaria de plantar rosas, muitas rosas.” Mas vivendo entre os desfiladeiros de concreto de São Paulo, parecia impossível. Certa vez, dividindo uma casinha perto do Ibirapuera com Grace Gianoukas, tivemos uma estonteante roseira cor-de-rosa, mais alecrim, manjerição, arruda. Foi bom, mas durou pouco.

Pois não é que, confirmando aquele bíblico “pedi e ser-vos-á dado”, agora tenho um jardim? Bem, não exatamente meu, é da casa de meus pais. Também não é nenhum Luxemburgo, mas grande o suficiente para conter uma palmeira coberta de hera, dalias, rododendros, alamandas e outras misteriosas (um dia o vento soprou, espalhando os

pacotinhos com o nome dos bulbos). E rosas, claro. Cor-de-rosa, plantadas há tempos por meu pai; uma vermelha batizada de Odete, em homenagem a Odete Lara; outra branca ainda pagã, mas com cara de Lygia (Fagundes Telles), plantadas por mim. Também penso num cacto a chamar-se Hilda (Hilst)... Mas não pensem vocês que vida de jardineiro é mole. Além de calos nas mãos e unhas pretas de terra, há perigos medonhos rondando: formigas roedoras, gatos noturnos que quebram os talos frágeis e — argh! — caramujos canibais tarados por brotinhos tenros. O japonês da floricultura receitou Lesmol, mas odiei o nome, além de envenenar a terra; alguém sugeriu sal, mas pirei lembrando daquelas histórias bíblicas de salgar a terra para esterilizá-la. Aí descobri: pedrinhas! Você faz um círculo com elas em torno da planta, com as pontas agudas voltadas para cima. O caramujo tenta passar e crau! Crava a pedrinha na barriga. De manhã cedo, com uma pá, tenho me dedicado a recolher cadáveres de caramujos empalados. Jogo no lixo sem piedade. Cruel, mas imagino que ecológico. E tão eficiente que não sei se eles avisam uns aos outros, mas diminuíram muito. Cá entre nós, estou ficando tão sabido nessas artes que ando pensando em substituir o crédito “escritor e jornalista” por “escritor e jardineiro”. Parece chiquérrimo, não?

*O Estado de S. Paulo, 11/12/1994*

## As nuvens, como já dizia Baudelaire...

Tenho um presente para vocês, o melhor presente de Natal que posso dar: uma história bonita. E com agá mesmo, pois é real, embora pareça mais uma estória naquele sentido de Guimarães, o Rosa. Conteí-a só a duas ou três pessoas — trata-se de história meio secreta, discreta, para poucos — e se a conto hoje a vocês é não apenas porque o dia é especial, mas vocês também o são para mim. Acreditem.

Foi um sábado de setembro último. Era um daqueles dias de ventania descabelada da primavera gaúcha, e Déa Martins me convidou para ver o pôr do sol na ponta do Gasômetro, na beira do Guaíba, onde os Oxuns se encontram. Sentamos na grama, ficamos olhando o céu, o rio, o horizonte verde das ilhas. Provavelmente fumei um cigarro, Déa deve ter falado dos problemas de produção com os Paralamas do Sucesso, lembramos de nossa amiga Stella Miranda ou inventamos mais histórias sobre as irmãs Salete, Bebete e Janete. O que quero dizer é que não houve mesmo nada especialmente *prévio*. Nenhum aviso, nenhuma suspeita. “Aconteceu sem um sino pra tocar”, como no poema do príncipe Péricles Cavalcanti que Adriana Calcanhoto canta e outro dia me fez chorar de beleza. Ríamos muito, isso é sempre o melhor com Déa: ri-se sem parar.

O vento espalhava rapidamente as nuvens pelo céu. Dissolviam-se em fiapos primeiro brancos, depois rosa, depois vermelho cada vez mais púrpura, até o violeta, enquanto o Sol ia-se transformando aos poucos numa esfera rubra suspensa. De repente observei: certa nuvem não se mexia. Apenas uma. Parada, branca, enorme, eu olhei desconfiado. E tinha uma forma inconfundível, qualquer criança veria. Desviei os olhos, falei sem parar, as outras nuvens continuavam a esfiapar-se. Aquela, não. Então, com muito cuidado eu disse: “Déa, olha lá aquela nuvem.” Ela olhou. E disse: “Meu Deus, é um anjo.”

Sem gritaria, ficamos olhando a nuvem-anjo. Ninguém mais olhava para ela embora, apesar de discreta, fosse um escândalo.

Quanto às outras nuvens, continuavam a se esgaçar, virando sem parar elefantes, camelos, colinas, nuas mulheres barrocas, como é próprio da natureza das nuvens. Mas aquela, aquela uma não se transformava em nada diferente dela mesma, apenas aperfeiçoava a própria forma. Quer dizer: ficava cada vez mais anjo. Mais tarde, ao chegar em casa, tentei desenhá-la. Olho o desenho agora: a perna direita levemente dobrada, como num *plié* de dança clássica, a

esquerda alongada para trás, num perfeito *relevé*; o corpo se curvando suave para a frente, com o braço esquerdo erguido para o alto e o direito estendido em direção ao Sol. A palma aberta da mão direita se voltava para baixo, como se abençoasse o Sol que partia para o Oriente. Além de anjo, bailarino. E tinha asas, imensas, duplas, quádruplas, múltiplas, espalhadas em várias cores atrás dos cabelos longos. Estava lá parada no céu, a nuvem-anjo, abençoando o Sol, o rio, o céu sobre nossas cabeças, a cidade longe.

Quase não falamos. Ficamos até supernaturais, espiamos outras coisas, remexemos nas formigas, namoramos à toa em volta. Vezenquando um espichava o canto do olho para avisar ao outro: “Continua lá.” E assim foi, até que o Sol sumiu, o azul-marinho veio vindo das bandas dos Moinhos de Vento, apareceu a conjunção Vênus-Júpiter em Escorpião. A nuvem? Continuava lá, imóvel. E sozinha. O vento era tanto que todas as outras tinham desaparecido, sopradas para Tramandaí, Buenos Aires, Montevideú. Só restava ela, a nuvem-anjo, abençoando os últimos raios dourados. Começou a esfiapar-se também apenas quando levantamos para ir embora. Ao chegarmos ao carro, não havia mais nada além de estrelas no céu imenso da lua quase cheia em Aquário.

Pensei: “Glória a Deus sobre todas as coisas.” Foi o único pensamento que me veio. Nem era direito pensamento, parecia mais uma oração.

*O Estado de S. Paulo, 25/12/1994*

## Breve introdução ao estudo do ciclo seco

Todo mundo conhece ciclo seco, a maioria até já passou por ele. Alguns mesmo vivem desde sempre dentro dele, achando que isso é vida e eternizando o que, por ser ciclo, deveria também ser transitório. É preciso acreditar que passa, embora quando dentro dele seja difícil e quase impossível acreditar não só nisso, mas em qualquer outra coisa. Não que ciclo seco não tenha fé, o que acontece é que não podendo ver o que não é visível, fica limitado ao real.

Antes de ir em frente, é importante dizer que ciclo seco nada tem a ver com as estações do ano. É coisa de dentro do humano, não de fora, e justamente por isso não tem nenhum método: vem quando não é esperado e vai quando não se suspeita. Ciclo seco não desaba de repente sobre alguém; chega aos poucos, insidioso, lento. Quando se percebe que se instalou, geralmente é tarde demais. Já está ali. É preciso atravessá-lo como a um deserto, quando se está no meio e a água acabou. Por ser limitado ao real, o ciclo seco jamais considera a possibilidade de um oásis ou de uma caravana passando. Secamente, apenas vai em frente.

Porque o real do ciclo seco são ações, não pensamentos nem imaginações. Tanto que, visto de fora, não é visível nem identificável. Não se confunde com “depressão”, quando você deixa de fazer o que devia, ou com “euforia”, quando você faz em excesso o que não devia. Em ciclo seco faz-se exatamente o que se deve ou não, desde escovar os dentes de manhã ou beber um uísque à tardinha, mas sem prazer. Nem desprazer: em ciclo seco apenas se age, sem adjetivos. A propósito, ciclo seco não admite adjetivos — seco é apenas a maneira inexata de chamá-lo para que, dando-lhe um nome, didaticamente se possa falar nele.

E deve-se falar dele? Quero supor entusiástico que sim, mas não tenho certeza se dar nome aos bois terá alguma serventia para o dono dos bois ou sequer para os próprios bois — e essa é uma reflexão típica de ciclo seco. Mas vamos dizer que sim, caso contrário paro de escrever já. E falando-se dele, diga-se ainda que ciclo seco não é bom nem mau, feio ou bonito, inteligente ou burro — nem a Alice, de Woody Allen, nem Bette Davis em algum filme antigo, nem o Homem Elefante nem um dos irmãos Baldwin, nem Gertrude Stein nem Romário —, embora possa dar uma impressão errada a quem o vê de fora, ávido por adjetivar.

Ciclo seco, por exemplo, não se interessa por nada. Pior que não ter o que dizer, ciclo seco não tem o que ouvir, compreende? Fica na mais completa indiferença seja ao terremoto no Japão ou à demissão de Vera Fischer. No plano pessoal, tanto faz ler ou não ler um livro, ir ou

não ao cinema — ciclo seco é incapaz de se distrair, de se evadir. Fica voltado para dentro o tempo todo, atento a quê é um mistério, pois que pode um ciclo seco observar de si mesmo além da própria secura, se não há sequer temporais, ventanias, chuvaradas?

Nesse sentido, ciclo seco é forte, porque nada vindo de fora o abala, e imutável, porque de dentro nada vem que o modifique. E nesse sentido também é antinatural, pois tudo se transforma e ele não, simulando o eterno em sua, digamos, inabalabilidade. E sendo assim, com alívio vou quase concluindo, pode se deduzir que.

Não, não se pode deduzir nada. Só que passa, por ser ciclo, e por ser da natureza dos ciclos passar. Até lá, recomenda-se fazer modestamente o que se tem a fazer com o máximo de disciplina e ordem, sem querer novidades. Chatíssimo bem sei. Mas ciclo seco é assim mesmo.

Todo mundo tem os seus, é preciso paciência. E contemplá-lo distante como se se estivesse fora dele, e fazer de conta que não está ali para que, despeitado, vá-se logo embora e nos deixe em paz? Eu francamente não sei. Ainda mais francamente, nem sequer sinto muito.

*O Estado de S. Paulo, 22/1/1995*

## A cidade dos entretons

Porto Alegre é um lugar de invernos russos e verões amazônicos. Mas a primavera compensa.

“Quer dizer então que você está mesmo apaixonado por Porto Alegre?”, me perguntam longe daqui e aqui mesmo, entre espanto, ironia e inveja. Fico quieto. Primeiro que paixão deve ser coisa discreta, calada, centrada. Se você começa a espalhar aos sete ventos, crau, dá errado. Isso porque ao contar a gente tem a tendência a, digamos, “embonitar” a coisa, e portanto distanciar-se dela, apaixonando-se mais pelo supor-se apaixonado do que pelo objeto da paixão propriamente dito. Sei que é complicado, mas contar falsifica, é isso que quero dizer — e pensando mais longe, por isso mesmo literatura é sempre fraude. Quanto mais não dita, melhor a paixão. Melhor, claro, em certo sentido que significa também o pior: as mais nobres paixões são também as mais cadelas, como aquelas que enlouqueceram Adèle H., levaram Oscar Wilde para a prisão ou fizeram a divina Vera Fischer ser queimada feito Joana d’Arc por não ser uma funcionária pública exemplar.

Mas como eu ia tentando dizer para esclarecer de uma vez por todas, e duramente: não é verdade que eu esteja apaixonado por Porto Alegre. Somos apenas bons amigos. Aliás, nem moro em Porto Alegre. Moro no Menino Deus, do qual Porto Alegre é apenas o que há em volta. Além disso tenho sérias críticas à cidade, e você deve saber que quando se está apaixonado fica-se cego. Pois Porto Alegre não me causa nem mesmo certa miopia metafórica, além da minha progressiva, nenhum poético astigmatismo, além do real das minhas, como diria Drummond, retinas fatigadas. Vejo de óculos todos os seus defeitos.

Primeiro que não é uma cidade de verão. E muito menos de inverno. No verão as árvores parecem baixas demais, sobe um vapor mefítico do Guaíba e a gente se sente como dentro de uma panela de pressão. O verde fica viscoso, amazônico, as noites molhadas de suor pálido, os lençóis amanhecem encharcados de sais minerais mortos. No inverno, existem as frinchas. Por todo canto parecem existir frestas (a palavra é boa, mas “frincha” é muito mais dramático, concorda?) por onde se infiltram gélidos minuanos. E agosto, quando as paredes mofam e tudo vira uma cenografia das charnecas de Emily Brontë? Há lajotas insensatas pelas casas, não lareiras. No verão, tapetes absurdos e não tábuas no chão. No verão, Manaus; no inverno, Moscou. Pode, uma cidade assim? Pode, pois no outono e primavera ela se esmera em tons

dourados, brisas tépidas, verdes suaves, céus-de-taça-de-porcelana invertida, como diria Erico Verissimo. É preciso saber amar Porto Alegre nesses entretons, nos outros dar o fora. O próprio Erico parecia saber muito bem disso, vivia dando o fora. E voltando, claro. Pois melhor do que morar aqui, é voltar para cá. Melhor ainda do que voltar para cá é partir daqui e assim por diante, numa relação que não se resolve nunca. Vide por exemplo a Déa Martins e o Marcos Breda.

Também é machista demais, e isso eu não suporto. Minha vingança involuntária e terrível é que, literalmente traduzido para o inglês, Porto Alegre vira Gay Port. Rárárá, como diria o Zé Simão. Em cartas para o exterior, só uso Gay Port — ficam pensando que vivo assim numa espécie de *Jacira's Town, something between* São Francisco da Califórnia e Amsterdam. Rárárá *again*. Imaginem se soubessem desses festivais de canções nativas e de certas coisas — sou chique, não vou citar nomes — que se leem nos jornais e ouvem no rádio e veem na TV.

Sei, hoje estou dispersivo e até um pouco arrogante. É que estou viajando para São Paulo — a Nova Delhi e não a Nova York da América do Sul, como querem os paulistanos. Véspera de viagem me deixa sempre meio assim, antipático com o que fica. Logo passa. E torno ao Menino Deus como um beduíno que desistisse de enfrentar o deserto para voltar ao oásis de onde saiu. Morto de sede, e com a faca da nostalgia do longe cravada fundo no peito. Às vezes dói, mas logo passa também.

*Zero Hora, 18/2/1995*

## Para lembrar Tia Flora

Eu me lembro: mal apontava novembro, antigamente, eu e meus irmãos ficávamos exaltados feito as pitangueiras que dão frutos nessa época. Era quase hora de o Pai pegar o carro e partirmos em férias para Itaqui, para a casa de Vovó. Isso depois que houve carro na família (o mais famoso foi o “Morcegão”, gigantesco Chevrolet anos 50, tipo filme de gângster). Antes íamos de trem, baldeação em São Borja e vezenquando pouso na casa de Tio Marciano (Ciano), leitor e pescador inveterado, de claros olhos azuis, que morreu cedo demais. Mas isso é outra história.

Nas madrugadas de estrelas tão pálidas que, se você piscasse os olhos, de repente não estavam mais lá, saíamos cedinho de Santiago. A viagem: gauderiada braba via Alegrete, atoleiros na chuva, na seca a desértica travessia do Silvestre, muros de pedras com áridos lagartos. Pampa, budismo límpido de 360 graus de horizonte, raros capões no meio do campo, avestruzes, perdizes, preás, quero-queros, casas de João-de-barro nos fios, alvas garças pelos açudes. Na soalheira, fazíamos piquenique à sombra de algum mato, à beira de claras sangas, toalha xadrez na grama, pão feito em casa, frango, uvas, não sei mais quê. Éramos sete: Pai, Mãe, cinco irmãos — eu, Gringo, Felipe, Márcia e Cláudia, uma escadinha. Todos loucos pelo que estava chegando.

E o que estava chegando era Maçambará, onde viviam Tia Florinha e Tio Altivo, ou mais tarde a fazenda do Espinilho, da Swift, onde Tio Altivo trabalhava. Pousávamos ou mateávamos e seguíamos para Itaqui, e logo ao chegar Vovô Aparício pegava no colo o mais novo dos irmãos e fazia o clássico batizado da família, cantando: “A casaca da mulata foi comprada à prestação/ com dinheiro do meu bolso, dado de bom coração...” O taquaireiro, o poço com o ano de 1886 gravado a prego na pedra, travessias de chalana com Vovó para as compras em Alvear, cidade-fantasma, cadeiras na calçada ao anoitecer, a fresca vinda do rio. E o céu imenso, tão estrelado que bastava fixar olho num ponto negro e zás! Lá vinha estrela também onde parecia puro negro vazio.

Mais tarde Tia Florinha mudou-se para Itaqui. Trabalhadeira, andava sempre com um pano de prato no ombro, outro de limpeza na mão calejada de lavar, passar, cozinhar, costurar, bordar, arear. Numa época muito pobre chegou a morar em rancho de chão de terra batida. Comentavam com admiração: “O chão da Florinha chega a brilhar de tanto que ela varre!”

Fronhas brancas imaculadas, lençóis cheirando a ervas, o terno de linho de meu primo Sérgio, o Dedé, engomado e passado para o Carnaval num ritual de pelo menos uma semana. Bela, a Tia Flora, nariz fino, aristocrático, olhos sabidos, sempre rindo. Mas brava, uma famosa veia no longo pescoço (dizem que “das Loureiro do Iguariaçá”, estirpe tirana das mulheres da família de minha mãe) que quando latejava... Impunha respeito, até o marido só a tratava por “Dona Flora”. Quis estudar, não pôde. Não usava maquiagem, nunca pintou os cabelos. Vaidade alguma, além do sabonete Maderas do Oriente. Fé e fibra, guerreira, ficou anos na cama depois de vários derrames, sem se entregar. Além do Dedé e Joir, grande amigo de minha adolescência, tinha a Nara Claudina, que cuidou dela com amor até o fim.

Pois Tia Florinha, Ana Flora Loureiro Nunes, morreu em Itaquí na madrugada desta segunda de Carnaval, aos 74 anos. Não vai virar nome de rua nem praça. Valorosa, pertencia àquela raça da Bibiana Cambará do Erico. Por acaso ou escolha, coube a mim receber a notícia. Comecei a chorar, mas logo fui arrumar a cama, fazer café, limpar o jardim, varrer a calçada. Como ela faria. Na branca madrugada, a Oriente vi uma estrela enorme brilhando. Pisquei: já não estava mais lá. Devia ser Cronos-Saturno, o Tempo implacável ascendendo em Peixes, signo dela. Ou a própria Tia Flora, quem pode provar que não?

*Zero Hora, 4/3/1995*

## A morte dos girassóis

Anoitecia, eu estava no jardim. Passou um vizinho e ficou me olhando, pálido demais até para o anoitecer. Tanto que cheguei a me virar para trás, quem sabe alguma coisa além de mim no jardim. Mas havia apenas os brincos-de-princesa, a enredadeira subindo lenta pelos cordões, rosas cor-de-rosa, gladiolos desgrenhados. Eu disse oi, ele ficou mais pálido. Perguntei que foi, e ele enfim suspirou: “Me disseram no Bonfim que você morreu na quinta-feira.” Eu disse ou pensei em dizer ou de tal forma deveria ter dito que foi como se dissesse: “É verdade, morri sim. Isso que você está vendo é uma aparição, voltei porque não consigo me libertar do jardim, vou ficar aqui vagando feito Egum até desabrochar aquela rosa amarela plantada no dia de Oxum. Quando passar por lá no Bonfim diz que sim, que morri mesmo, e já faz tempo, lá por agosto do ano passado. Aproveita e avisa o pessoal que é ótimo aqui do outro lado: enfim um lugar sem baixo-astral.”

Acho que ele foi embora, ainda mais pálido. Ou eu fui, não importa.

Mudando de assunto sem mudar propriamente, tenho aprendido muito com o jardim. Os girassóis, por exemplo, que vistos assim de fora parecem flores simples, fáceis, até um pouco brutas.

Pois não são. Girassol leva tempo se preparando, cresce devagar enfrentando mil inimigos, formigas vorazes, caracóis do mal, ventos destruidores. Depois de meses, um dia pá! Lá está o botãozinho todo catita, parece que já vai abrir.

Mas leva tempo, ele também, se produzindo. Eu cuidava, cuidava, e nada. Viajei por quase um mês no verão, quando voltei, a casa tinha sido pintada, muro inclusive, e vários girassóis estavam quebrados. Fiquei uma fera. Gritei com o pintor: “Mas o senhor não sabe que as plantas sentem dor que nem a gente?” O homem ficou me olhando tão pálido quanto aquele vizinho. Não, ele não sabe, entendi. E fui cuidar do que restava, que é sempre o que se deve fazer.

Porque tem outra coisa: girassol quando abre flor, geralmente despenca. O talo é frágil demais para a própria flor, compreende? Então, como se não suportasse a beleza que ele mesmo engendrou, cai por terra, exausto da própria criação esplêndida. Pois conheço poucas coisas mais esplêndidas, o adjetivo é esse, do que um girassol aberto.

Alguns amarrei com cordões em estacas, mas havia um tão quebrado que nem dei muita atenção, parecia não valer a pena. Só apoiei-o numa espada-de-são-jorge com jeito, e entreguei a Deus. Pois no dia seguinte, lá estava ele todo meio empinado de novo, tortíssimo, mas dispensando o apoio da espada. Foi crescendo assim precário, feinho, fragilíssimo. Quando parecia quase bom, crau! Veio uma chuva medonha e deitou-o por terra. Pela manhã estava todo enlameado, mas firme. Aí me veio a ideia: cortei-o com cuidado e coloquei-o aos pés do Buda chinês de mãos quebradas que herdei de Vicente Pereira. Estava tão mal que o talo pendia cheio dos ângulos das fraturas, a flor ficava assim meio de cabeça baixa e de costas para o Buda. Não havia como endireitá-lo.

Na manhã seguinte, juro, ele havia feito um giro completo sobre o próprio eixo e estava com a corola toda aberta, iluminada, voltada exatamente para o sorriso do Buda. Os dois pareciam sorrir um para o outro. Um com o talo torto, outro com as mãos quebradas. Durou pouco, girassol dura pouco, uns três dias. Então peguei e joguei-o pétala por pétala, depois o talo e a corola entre as alamandas da sacada, para que caíssem no canteiro lá embaixo e voltassem a ser pó, húmus misturado à terra, depois não sei ao certo, voltasse à tona fazendo parte de uma rosa, palma-de-santa-rita, lírio ou azaleia, vai saber que tramas armam as raízes lá embaixo no escuro, em segredo.

Ah, pede-se não enviar flores. Pois como eu ia dizendo, depois que comecei a cuidar do jardim aprendi tanta coisa, uma delas é que não se deve decretar a morte de um girassol antes do tempo, compreendeu? Algumas pessoas acho que nunca. Mas não é para essas que escrevo.

*Zero Hora, 18/3/1995*

## O ciclo seco ataca outra vez

O ciclo seco voltou. Desta vez nem tão seco assim, já que acompanhado por febres, suores abundantes, terror generalizado e, se não generalizado, tão particularizado que num segundo parágrafo não restariam leitores. Uma das inutilidades que ciclo seco mais gosta (“gostar” sendo aqui mera maneira de dizer: ciclo seco não gosta nem desgosta de nada, só acha árido, até beijo em ciclo seco tem gosto de areia) é contestar essas expressões populares tidas como “sábias”. Pois sim...

Da vez passada, eu perguntava para ninguém da utilidade de dar nome aos bois. Para o dono dos bois ou para os próprios bois que, Minotauro ou Mimoso, continuam bois e, o que é mais grave, absolutamente indiferentes ao fato de que foram batizados. Há expressões piores. Vejam por exemplo esta, muito aplicável a filhos alheios: “Quem pariu Mateus que o embale.” Para começar, por que, raios, essa arbitrariedade de, exatamente, Mateus? E se o parido foi João, então não deve ser embalado? Além disso, esse “parir” é terrivelmente machista, pois que eu saiba é coisa exclusiva de mãe: pais não parem, a não ser Schwarzenegger naquele filme idiota. Quem tem que embalar Mateus (ou João, ou Luís) deve ser então apenas a pobre mãe, jamais o pai?

A não ser que, vá lá, Mateus seja filho de mãe solteira, que nem saiba direito quem é o pai, isso sem levar em consideração que o pai talvez nem seja um cafajeste, mas apenas tenha morrido.

A morte é outro problema — e se a mãe tiver morrido de parto, quem há de embalar Mateus? O espírito dela? Mais grave ainda: se Mateus for filho adotivo, a outra mãe não deve embalá-lo, posto que não o pariu? Se vocês acham tudo isso suficiente para desmontar essa expressão, considerem finalmente o seguinte: por que esta maldita obrigação de embalar o chato do Mateus? Por que não o deixar berrar à vontade? Talvez seja o que ele queira. Ou o que merece, quem mandou ter nascido?

Pense agora em “mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, tão irritante que, fosse conhecido o autor, eu seria o primeiro a processá-lo por danos morais e imunológicos. Vamos por partes: por que vale? Coisa mais capitalista, por que um pássaro deve valer alguma coisa? Certo, se for rouxinol ou curió, vá lá, pode-se, suponho, vendê-lo a algum imperador chinês ou compositor de chorinhos, e eu pelo menos não conheço nenhum. Mas se for um reles pardal, e os outros tais voando, sempre supondo, forem um condor e uma garça? O que é que se faz com

um pássaro na mão, a não ser, se você não tiver mesmo nenhum caráter, prendê-lo numa gaiola? Já com os dois voando, mesmo que sejam dois pardais nem um pouco magníficos como a garça e o condor, você pode fazer a única coisa que se deve fazer em relação aos pássaros: vê-los voar. Quanto mais longe de sua mão, melhor. Para eles, claro.

Mas uma das mais reacionárias e repressivas que conheço é “não se deve colocar o carro na frente dos bois”. Ok, mas e se eu quero fazer justamente isso, quem me impede? Se eu quiser dar ré no carro, tem outro jeito? Fazer os bois andarem de costas, talvez, não sou muito bom nessas coisas. E se eu não estiver querendo andar, e sim fazer arte? Afinal, ano passado na Bienal de Veneza vi um bezerro partido ao meio. E se eu decidir tentar fazer com que os bois empurrem o carro com os chifres? E se, antes de qualquer reflexão, eu achar uma pouca-vergonha forçar esses pobres bois a empurrarem aquele carro pesadíssimo e mandar um fax com fotos denunciando tudo à Brigitte Bardot e chamar rádio, TV e jornais para armar um p... escândalo?

Ciclo seco é chato, sim. E implicante. Isso que, por falta de espaço, hoje nem entrei nos méritos do tal “Deus dá o frio conforme o cobertor”. Reflitam no absurdo. Se não molhar um pouco este meu ciclo seco, para desgosto geral volto ao tema. Mas há de chover. Em abril.

*O Estado de S. Paulo, 2/4/1995*

## Os mistérios da Páscoa

Agora é diferente, virou venda frenética de chocolates, pacote turístico, meia dúzia de filmes bíblicos pela TV (Victor Mature, Deborah Kerr, Jean Simmons). Mas naquele período jurássico quando nasci e cresci, Semana Santa era coisa séria. Não apenas séria, mas misteriosa. Mais que misteriosa, até mesmo um pouco aterrorizante.

Vários e vagos mistérios, alguns até hoje não esclarecidos. Não se podia comer carne — e não só na Sexta-Feira Santa, não, que hoje fazem um bacalhauzinho e pronto. A semana toda, ninguém comia carne. “O corpo de Cristo”, diziam, e era inevitável sentir-se meio canibal só em pensar num bom bife. Havia também a obrigação do silêncio. Não se podia brincar barulhento demais, rir muito alto, tinha-se que manter ar contrito, enlutado. Cantar então era um sacrilégio brabo, principalmente na Sexta-Feira, quando não se podia nem ligar o rádio. Mas se o rádio continuava funcionando — e tocando música —, por que não se podia ligá-lo? E os donos das rádios, por que perdiam tempo com as emissoras no ar se era proibido sintonizá-las? De que adianta uma rádio no ar, se ninguém escuta? Não havia resposta. Havia, isto sim, silêncios demais nas Semanas Santas de antigamente.

“Jesus morreu” era a única resposta. E lá estavam na igreja os santos todos cobertos por panos roxos e pretos, assustadores. Na Sexta-Feira (e por que “da Paixão” ninguém explicava), uma mórbida, lívida estátua de Cristo dentro de um caixão de vidro. Me fascinavam as gotas de sangue, rubis sobre a pele. Muitas vezes tive a tentação de arrancar uma com a unha, guardá-la só para mim. O medo do pecado mortal era o que me detinha. No dia em que Cristo está morto, diziam, cada pecado multiplicava-se por mil, pois era também o dia em que o demônio estava solto. E com toda corda, poderosíssimo. Na Sexta-Feira Santa tinha-se que andar na ponta dos pés, falar em voz muito baixa e não cometer absolutamente nenhum pecado — mesmo os mais bestas, tipo espetar bumbum de formiga com agulha de costura — para não atrair o demônio. Com ele solto, pecados normalmente leves tinham a sua gravidade multiplicada, eram capazes de arrastar alguém ao fogo dos infernos por toda a eternidade.

No Sábado de Aleluia, Jesus ressuscitava. Podia-se começar a gritar, a cantar, a dizer palavrão, enfim: a pecar à vontade outra vez. Mas ninguém explicava por que toda aquela tristeza do dia anterior, se todo mundo sabia que Cristo acabaria ressuscitando no dia seguinte. Era puro fingimento? Hoje sei, era mesmo. Ou não fingimento, mas liturgia, rito. Mistério

maior era no domingo, acordar cedo para procurar pela casa toda os ninhos feitos em caixas de sapato, com papel de seda, palha e cola de farinha de trigo danada pra embolar. Os ninhos estavam cheios de ovos de chocolate deixados pelo coelhinho da Páscoa. Ótimo, claro, que criança não adora se empapucar de *sugar blues*?

Mas ninguém nunca explicava qual a relação entre a morte e a ressurreição de Cristo com ovos de chocolate. E muito menos com coelhos. Galinha de Páscoa seria mais lógico. Ou pata, vá lá. Agora, coelho? E tem mais: não era coelha, era coelho mesmo. Coelho então também bota ovo? Só na Páscoa, talvez. Ou talvez apenas faça ovos, não ponha, eu refletia. Eu refletia muito naquele tempo.

Nos anos seguintes devo ter perguntado sobre isso, e até mesmo ouvido alguma resposta satisfatória. Vagamente, na minha cabeça, ronda uma lenda qualquer, talvez polonesa. Ou quem sabe misturo isso àquela tradição polonesa de pintar ovos de Páscoa (aliás, tenho um lindo que ganhei em Curitiba). Acho que não prestei atenção, pelo menos não lembro de nada. Também não quero que me expliquem agora. Tem muita coisa que, francamente, cá entre nós, não faço mesmo questão de saber.

*Zero Hora, 15/4/1995*

## Novas notícias de um jardim ao sul

E o seu jardim, perguntam os leitores, como vai? Vai bem, respondo, embora na minha mente ele seja muito mais, digamos, exuberante que na real. É que jardins são exaustivos feitas relações humanas. Tem que cuidar todo dia, regar, podar, arrancar erva daninha, expulsar caramujo do mal, formiga temática, pragas mais diabólicas que o vírus Ebola. Planta malcuidada fenece que nem amizade sem trato.

Mas tenho aprendido coisas. Gladiólos, por exemplo, uma decepção. Florescem só uma vez — palmas lindas, brancas, espirituais —, depois viram hastes secas. Petúnias, após o deslumbramento inicial, tanta cor (só não tenho das laranja), começaram a churriar escandalosamente. Desconfiei que estavam sendo sufocadas pelas cravinas. Troquei as cravinas de lugar, e no momento são o grande sucesso do jardim, em todos os tons de amarelo e laranja que se possa imaginar. Mas as petúnias continuam a dar pra trás, sem papo nem adubo, que se há de fazer?

Outro sucesso atual é uma folhagem rajada de verde e vermelho, algumas de verde e branco, que meu pai diz chamar-se tinhorão, mas insiste em chamar de tigrina. As tigrinas são ótimas, bem-dispostas, saudáveis, e parecem muito felizes. Há também as zínias, que me fazem lembrar sempre da Emília do Monteiro Lobato, dizendo que a zínia é uma flor que parece que ainda não encontrou sua forma definitiva, tem sempre uma pétala fora do lugar, alguma coisa torta. As minhas são mínimas e discretíssimas, quase ninguém vê. Mais discretas só as minionze-horas, de vez em quando desaparecem durante dias, depois pintam com uma fugaz e deslumbrante florzinha amarela.

E expectativas: crisântemos em vias de florescer, amores-perfeitos por enquanto um pouco aperreados. E gratificações: as íris brancas, e esguias, em forma de pequenos sinos góticos, com cruces lilases dentro e seu doce perfume litúrgico, que só perde para o das angélicas. Aliás, tem uma angélica que ia indo muito bem e agora empacou. Falar em empacotamento, depois de meses, Lygia, a roseira branca, pirou tanto que outro dia tomei um banho para Oxalá com três rosas colhidas diretamente no pé; Sônia, a amarela, está com dois botões muy salerosos; Odete, a vermelha, desde o início a mais perua, com duas rosas escancaradas à la García Lorca e vários botões se preparando. Rosa se prepara tanto para abrir, ela já sabe que é rainha, é por isso mesmo?

No momento não é prudente plantar muito. Plantei tanto no verão que agora volta e meia brota alguma folha que simplesmente não sei o que será. E tenho medo de *atrolhar* a terra por dentro: se houver alguma coisa querendo nascer e não houver espaço? Tem um narciso demoradíssimo que não sei se gorou, *atrolhou* ou estará ainda se preparando. Andei pensando: já que se trata de narciso, será que um espelho ao lado ajudaria? Mas passam muito bem a hortênsia, crescendo a olhos vistos; as duas azaleias, todo dia com flor nova; os brincos-de-princesa que comecei a tramar em cordões para puxar até a sacada do andar de cima, desde dezembro coberta por uma apoteose de alamandas; a ráfia, uma espécie de palmeira que faz pensar em deserto e Egito; o bravo jasmineiro sempre em luta titânica contra formigas canibais.

Agora, as que estão sempre ótimas são as marias-sem-vergonha, as descaradas. Acho crime matar as crescidas, mas já me atrevo a arrancar mudinhas que brotam por todo canto. Rego pouco, não dou muita prosa, deixo bem claro que estão ali por mera covardia minha, vítima da síndrome da Alice do Woody Allen. Maria-sem-vergonha, se você não atina, tomam conta de tudo. E é isso, acho, o que mais me martiriza e conflitua num jardim: como decidir o que deve ou não viver? Pás e tesoura nas mãos, demiúrgico, o poder cabe a mim. Imaginem só, então, a angústia daquele pobre Deus, em algum lugar, contemplando a nós, viventes...

*O Estado de S. Paulo, 16/4/1995*

## O livro da minha vida

Outro dia me perguntaram qual era o filme da minha vida. Sem pensar muito, hesitando entre *Vagas estrelas da Ursa*, de Visconti, e *Paisagem na neblina*, de Theo Angelopoulos, respondi *A história de Adèle H.*, de François Truffaut. Mais tarde, pensando melhor, decidi: o filme da minha vida na verdade é *La strada*, de Fellini. Nada me comoveu tanto no cinema quanto aquela Gelsomina de Giulietta Masina, misto de *clown* e pivete, louca e duende.

Mas se me perguntassem sobre o livro da minha vida, eu não hesitaria um segundo. Esse livro chegou às minhas mãos de maneira meio misteriosa. Eu devia ter uns 9 ou 10 anos quando meu pai apareceu com uma daquelas listas de nome tipo pirâmide (anos atrás foi moda uma com dinheiro, que resultou em mil trambiques, lembram?) — você mandava um livro para o primeiro da lista, colocava seu nome no final, passava a lista para mais três pessoas, semanas depois recebia dezenas de livros. Bom, fiz tudo certo. Mas recebi, nem sei de quem, apenas um livro: era *A pequena princesa*, de Frances Burnett, se não me engano editado pela Melhoramentos, que devorei em poucos dias, encantado.

Era a história de Sarah Crewe, menina nascida na Índia, órfã de mãe indiana e filha de um nobre inglês. Esse nobre está metido num negócio de minas de diamante na Índia, e deixa Sarah no rico internato da cruel Miss Minchin, em Londres. Sarah quer ser escritora, adora ler e contar histórias para as colegas, algumas muito najas (Lavínia e Jessie), que, como boas inglesinhas racistas, desprezam sua pele morena e cabelos negros. Sarah faz amizade também com Becky, a criadinha escrava de Miss Minchin. Lá pelas tantas, o pai de Sarah morre na Índia de uma doença tropical, sem achar os tais diamantes. Sarah fica na miséria. Miss Minchin a obriga a viver na mansarda gelada do sótão, pleno inverno. A pobre Sarah, mais cadela que Becky, sai à rua em frangalhos, com fome, descalça na neve. Sofre horrores, mas continua do bem, sempre inventando histórias com final feliz. Para a casa ao lado, então, muda uma família enorme e cheia de crianças, também vinda da Índia. Na sórdida mansarda de Sarah começam a aparecer misteriosamente tapetes, poltronas, livros, comida, roupas. Para encurtar a história: as crianças da família são encantadas com a finura de Sarah, a quem chamam de “a menina que não é mendiga”, e fazem o criado indiano Ram Dass entrar escondido pela janela para colocar presentes no quarto dela. No final, descobre-se: o pai da tal família era sócio de um nobre inglês num negócio de minas de diamantes na Índia, e veio

para Londres à procura da herdeira, que está riquíssima. Sarah é essa herdeira, claro. Vai morar com a família, leva Becky consigo, e todos vivem felizes para sempre. Como em toda história antiga que se preze.

Em muitas mudanças, e já em frangalhos — eu não me separava dele —, meu livro acabou se perdendo. Em Londres, procurei-o várias vezes sem encontrar, esgotado há décadas. Só uma vez, num sebo em Portobello Road, achei uma primeira edição rara e caríssima, que eu não tinha dinheiro para comprar. Semana passada, peguei na locadora o vídeo de *O jardim secreto*, de Agnieszka Holland. E lá estava — o filme, que é lindo, foi baseado em livro de Frances Hodgson Burnett, que deve ser a mesma autora de *A pequena princesa*. Mas quem foi afinal essa maravilhosa escritora, a necessidade da fantasia e o poder transformador do sonho?

Se alguém souber, me diga, preciso saber. E agora acabei de lembrar que tenho alguns amigos vivendo em Londres, vou escrever pedindo a eles que persigam também a pista dessa escritora. Se descobrir, e espero que sim, conto logo a vocês.

*O Estado de S. Paulo, 11/6/1995*

## O desejo mergulha na luz

Chamava-se Desiderio, mas desconfio que não gostava muito desse nome. Que nem é feio — em italiano, pelo menos, quer dizer desejo. Eu só soube por acaso que era também Desiderio, um dia que pedi a meu irmão para levar uns livros a ele no hospital. A moça da portaria procurou “Fernando”, não havia nenhum. Procurou então “Severino”, e lá estava: Desiderio. Não cheguei a perguntar a ele se não gostava mesmo do nome tão sonoro. Não soube também se chegou a ler *O apanhador no campo de centeio*, que eu mandara naquela tarde. Eu não soube, não perguntei nem disse uma porção de coisas. Não comemos os camarões do Tirol com o doutor Eduardo. Não houve tempo. E a gente não sabia disso.

Só o encontrei há poucos meses, no fim da primavera do ano passado, por intermédio de Marcos Breda, que só conhece pessoas do bem, e com quem ele fazia *Bailei na curva*. Nos vimos poucas vezes depois. Certa tarde eu o arrastei para assistirmos a *Paciente zero*, um filme canadense grosso e feio, na Casa de Cultura Mário Quintana. Fez mal a nós dois. Saí tossindo, ele com febre. Foi nessa mesma tarde que, atravessando as ruas do centro, ele me contou de seus planos de ir a Nova York em fevereiro último. Contei dos meus de ir até as ilhas gregas neste junho que já se foi, e eu não fui (quem sabe em setembro?). Ele também não foi. Não havia tempo, a gente quase nunca sabe disso.

Foi nessa mesma tarde que percebi o quanto ele estava frágil, embora aparentemente normal e bonito como sempre. Mas parecia vacilar às vezes — só parecia, qualquer coisa nos olhos, no passo —, como se fosse cair. Não caía. Por trás da fragilidade física escondia-se uma extraordinária força. Nos meses seguintes, entrando e saindo de hospitais, lutava consigo mesmo como um tigre. E no dia de cumprir a obrigação que ele adorava — fazer mais uma vez *Bailei na curva* —, era o mais animado de todos, Breda contava com admiração.

Nos últimos tempos, falamos muito pouco diretamente. Eu mandava recados, pedia notícias a um, a outro. As notícias eram cada vez piores, e aprendi por experiência própria que muitas vezes a gente prefere ser deixado a sós com o enigma do próprio corpo, quando ele ameaça nos devorar feroz, incompreensível. Lutar em segredo, fechado no quarto, sem que ninguém saiba. Para os outros, mostrar só o melhor de si, a face mais luminosa: Desiderio era assim. Por isso, talvez, sempre era tão leve estar perto dele.

Soube de sua partida numa manhã gelada de inverno. Eu acabara de voltar de um dos morros aqui perto de casa, para colocar balas ao pé daquela árvore-Oxóssi poderosíssima. Pedira por nós, por todos, principalmente por ele, passando por coisas tão duras que nem quero falar delas aqui. Que fique o bom, o belo. Então, quando me contaram, suspirei assim “que alívio, meu Deus, que alívio”. Depois conversei com ele pedindo que fizesse boa viagem e não se preocupasse, que nós vamos tentar continuar cuidando de nós mesmos, que não olhasse para trás e mergulhasse na luz assim como quem se joga do alto do trampolim numa imensa piscina azul dentro de uma manhã alucinada de verão.

Fui cuidar da minha vida. Peguei a tradução da novela de Susan Sontag e, como se fosse por acaso, lá estava este trecho: “Bem, todo mundo está preocupado com todo mundo agora, disse Betsy, parece ser esse o jeito que vivemos, o jeito como nós vivemos agora.” Publicada em 1986 no *New Yorker*, *The way we live now*<sup>3</sup> foi das primeiras ficções escritas sobre a aids. Quase 10 anos mais tarde, continua a ser esse o jeito que nós vivemos agora. Até quando? Sei que não haverá postais, mas outra vez desejo boa viagem a Desiderio Fernando Fernandes Severino com seu sonoro nome de Espanha no centro, Itália no início e morte e vida no fim. Fim? Ora...

*Zero Hora, 1/7/1995*

## S.O.S. para um jardim no inverno

Socorro, o inverno está assassinando o jardim! O susto é tanto que até ponto de exclamação usei. E uma coisa em mim diz olha, pedir socorro neste caso é inútil, ninguém pode ajudar. E outra coisa acrescenta como assim assassinando? Dito desse jeito o inverno não parece algo fatal, natural, inevitável, mas uma espécie de desastre ecológico. Ora, considere, inverno — ou verão ou primavera ou chuva ou ventania ou lua cheia — ou qualquer outro desses, digamos, fenômenos naturais — acontece a tudo e todos, sejam jardins, pássaros, homens, árvores, pedras e o imenso etc. que abrange essa vastidão que sintetizamos singelos como “o mundo”. Ou pelo menos o mundo das coisas visíveis, já que no das invisíveis a gente não sabe mesmo o que se passa. Ou sabe? Alguns dizem que sim. Será?

Mas estou me dispersando. O que quero dizer, com várias coisas dizendo outras coisas dentro de mim, com toda imprecisão e ambiguidade, e desta forma exata, não só com exclamação mas também com exagero da caixa-alta, sinto muito, o que quero mesmo dizer é exatamente isto: SOCORRO, O INVERNO ESTÁ ASSASSINANDO O JARDIM!

É verdade, tenho provas. As rosas, por exemplo. Rosa, eu não sabia, é flor que não para de florescer no inverno. As minhas pelo menos não, embora me lembre das “rosas de abril”, de Vinicius. Mas durante o inverno há botões nas rosas que não chegam a abrir, morrem antes, queimados pelo frio. Outros abrem e morrem no meio da abertura, em pleno ato de desabrochar, compreendem? É tristíssimo. E não é só isso. Há pragas inacreditáveis, assim na linha vírus Ebola, vindas não se sabe de onde, rondando para desabar sobre as plantas aterrorizadas. Caules que se tornam ocos, folhas que começam a amarelar e secar, manchas, e até uns grãozinhos duros que acabam se transformando em medonhas lagartas brancas minúsculas — como aconteceu a um jasmineiro tão jovem que não alcança sequer um metro de altura, e portanto este é seu primeiro inverno, portanto também não tem experiência desse tipo de guerra nem sabe como defender-se. Pois plantas mais antigas, suponho, são sabidonas, mesmo que saibam apenas o básico: que inverno passa. Acontece que meu jardim é quase todo de plantas muito jovens, marinheiras de primeira viagem. Inocentes, despreparadas.

E as formigas? Quanto mais rigoroso o inverno, mais usurárias ficam, naquela ansiedade de guardar, guardar, guardar. Em maio pensei que houvessem encerrado as atividades e, em suas casinhas abarrotadas, se preparassem para seu esporte de inverno preferido: sacanear

cigarras. Nada: numa manhã de junho saíram todas à superfície para devorar uma begônia já grandinha, uma rosa-de-são-jorge (não sei como, é dura de roer), várias folhagens e um brinco-de-princesa já com quase dois metros, que estava sendo tramado até a sacada. Esqueci toda ideologia ecológica e fui de Baygon heavy metal pra cima delas. Santo remédio.

Desastres outros, poda-se o estrago com a tesoura, coloca-se vitamina na terra, água de alho e outros truques que, jardineiro de primeira viagem, também estou aprendendo neste Selvagem Embate Contra As Forças do Mal, assim mesmo em maiúsculas. Mas a luta continua. Fui obrigado a trazer para dentro de casa uma fragilíssima árvore japonesa da felicidade, no momento reduzida a uma minúscula folhinha verde. Cuido, olho, coloco no Sol, rezo. Há situações em que o máximo que se pode fazer é rezar. E esperar, claro, entre suspiros. Mais de meio julho e um agosto inteiro a atravessar. Conseguiremos resistir?

Até setembro. Sim, até setembro. Ah, até setembro.

*O Estado de S. Paulo, 9/7/1995*

## Autógrafos, manias, medos e enfermarias

Tem gente que não faz mesmo. Rubem Fonseca, por exemplo, que eu saiba nunca sentou em livraria para autografar. E não dá entrevistas nem se deixa fotografar. Lembro de certa tarde em Erlangen, interior da Alemanha, pleno verão de 1993, durante a Interlit, encontro internacional de escritores, em que se deixou filmar pela TV. Mas de longe, e sem dizer palavra. Caminhava no parque ao lado de sua tradutora Karin von Schweder-Schreiner, uma das mulheres mais bonitas que conheço. Rubem acha, com razão, que a cara do escritor e o que ele tem a dizer fora do livro não interessam. Interessa o livro, está tudo lá.

Dalton Trevisan também é assim, Greta Garbo perde. Já Lygia Fagundes Telles autografa, sim, mas passa o dia da noite de autógrafos nervosíssima, com uma fantasia obsessiva: ficar sentada sozinha ao fundo de uma livraria deserta, sem que apareça ninguém. Sempre aparece, claro: no caso de Lygia, multidões. Mas no próximo lançamento, a fantasia volta. Moacyr Scliar simplesmente esquece o nome da pessoa para quem vai autografar, algumas muito íntimas. Isso é frequente com escritores, daí a moda de, na hora em que o livro é vendido, colocar um papelzinho dentro com o nome do leitor. Mas muitos, por distração ou por se acharem inesquecíveis, jogam fora o tal papelzinho. Constrangimentos indizíveis — como responder com um seco não a sorridente pergunta “e então, não lembra de mim?”.

Clarice Lispector apenas assinava seu nome. Nada de “para fulano, com simpatia”, coisas assim. E não dizia nada. Quando lançou o seu injustamente esquecido *Tanto faz* num fliperama da rua Augusta, Reinaldo Moraes mandou fazer um carimbo com seu nome. Erico Verissimo autografava, mas dizia sentir-se constrangido como “um camelô de si mesmo”. Há autores que, de nervosos e emocionados, bebem demais no lançamento. Outros chegam atrasados. Outros (já aconteceu) vão, mas o livro não fica pronto. Nenhum, que eu saiba, deu uma de João Gilberto (o cantor, não o escritor Noll) e simplesmente não apareceu no show.

A verdade é que noite (ou tarde, ou manhã, madrugada talvez não) de autógrafos é chata. Que graça tem ficar às vezes horas numa fila, estender um livro e receber de volta um “para fulano, cordialmente”? Claro que, se passarem décadas e o escritor ganhar o Nobel, vai ter valido a pena. Claro que os netos ou bisnetos de Machado de Assis (ele os teve?) devem achar ótimo ter herdado autógrafos valiosíssimos. Mas em geral não tem graça. Ou tem pelos reencontros, pelo coquetel, pelo auê, não pela coisa em si. Que em vernissage a gente olha os

quadros, em pré-estreia teatral ou cinematográfica a gente vê a peça, o filme. Livro não, livro a gente lê depois, em casa. E às vezes nem gosta.

Para o escritor autografante, a coisa é confusa. Lançamento mistura enfermarias afetivas que de outra forma não se misturariam jamais — imagine reunir numa noite mãe, tias, psicanalista, colegas de trabalho, dentista, antigos professores, amantes ex ou não, vizinhos de apartamento, amigos de infância desaparecidos há 30 anos, etc. O liquidificador emocional é intensíssimo. E há a solidão indivisível: em noite de autógrafos, emoções à parte, quem menos se diverte é o próprio escritor. Além dos turbilhões íntimos, precisa maquinar dedicatórias estonteantes, ser simpaticíssimo e lutar contra o impulso de sair correndo e gritando “me tira daqui!”.

Tudo isso para dizer — *et voilà!* que amanhã à noite vou estar na Livraria Cultura, ali no Conjunto Nacional, Paulista com Augusta, coração de Sampa, autografando as minhas *Ovelhas negras*. Será certamente menos chato que de costume, não por mim, sempre feliz de voltar a Sampa e rever os melhores amigos do mundo, mas porque vai ter também Cida Moreira cantando divinamente como só ela. Aparece lá. Tenho medo, pânico, como Lygia, da livraria deserta e eu perdido feito pastor no meio de um rebanho de ovelhas desgarradas...

*O Estado de S. Paulo, 23/7/1995*

## Paisagens em movimento

Ponho todos os cristais ao Sol de sábado, acendo vela para Oxum e de repente pergunto para ninguém: viver é viajar? Sim — é clichê, mas verdadeiro —, viver é viajar. Como pergunto para ninguém, é ninguém que responde? Ou quando se diz *ninguém* isso será apenas a maneira dissimulada de referir-se a um Alguém talvez com maiúscula? Eu não sei? Resisto à tentação de um texto todo feito inteiro de interrogações: quero falar de viagem.

Quando vocês estiverem lendo isto aqui, estarei viajando. E estarei bem porque estarei viajando. Vem de longe essa sensação. Não apenas desde a infância, viagens de carro para a fronteira com a Argentina, muitas vezes atolando noite adentro, puxados por carro de boi, ou em trem Maria Fumaça, longuíssima viagem até Porto Alegre, com baldeação em Santa Maria da Boca do Monte. Outro dia, seguindo informações vagas de parentes, remexendo em livros de História, descobri que um de meus antepassados foi Cristóvão Pereira de Abreu, tropeiro solitário que abriu caminho pela primeira vez entre o Rio Grande do Sul e Sorocaba, imagino que talvez lá pelo século XVII ou XVIII. Deve estar no sangue, portanto, no DNA. Como afirmam que “quem herda aos seus não rouba”, está tudo certo e é assim que é e assim que sou.

Pois adoro viajar. Quem sabe porque o transitório que é a vida, em viagem deixa de ser metáfora e passa a ser real? Para mim, nada mais vivo do que ver o povo e paisagem passar e passar além de uma janela em movimento. Talvez trouxe esta mania dos trens (janela de trem é a melhor que existe), carros e ônibus da infância, porque mesmo em avião hoje em dia, só viajo na janela. Quem já viu de cima Paris, o Rio de Janeiro ou a antiga Berlim do muro sabe que vale a pena.

Topo qualquer negócio por uma viagem. Quando mais jovem, cheguei a fazer mais de uma vez São Paulo-Salvador de ônibus (na altura de Jequié você entende o sentido da palavra *exaustão*), há três anos naveguei São Luís do Maranhão-Alcântara num barquinho saltitante (na maré baixa, você caminha quilômetros pelo manguezal), e exatamente um ano atrás, já bastante bombardeado, encarei Paris-Lisboa de ônibus, e logo depois Paris-Oslo de ônibus também. Não por economia, a diferença de avião é mínima — mas por pura paixão pela janela. Sábia paixão. Não fosse isso, jamais teria comprado aquela fita de Nina Hagen numa lanchonete de beira de estrada nos Países Bascos (tristes e feios) à margem dos Pireneus, ou

visto a cidadezinha onde nasceu Ingrid Bergman, num vale belíssimo na fronteira da Suécia com a Noruega.

Para suportar tais fadigas, é preciso não só gostar de viajar, mas principalmente de ver. Para um verdadeiro apaixonado pelo ver, não há necessidade sequer de fotografar, vídeo então seria ridículo. Quando não se tem a voracidade de registrar o que se vê, vê-se mais e melhor, sem ânsia de guardar, mostrar ou contar o visto. Vê-se solitária e talvez inutilmente, para dentro, secretamente, pois ninguém poderá provar jamais que viu mesmo. Além do mais a memória filtra e enfeita as coisas. Até hoje não sei se aquela Ciudad Rodrigo que vi pela janela do ônibus, envolta em névoas no alto de uma colina no norte da Espanha, seria mesmo real ou metade efeito de um Lexotan dado por meu amigo Gianni Crotti em Lisboa. Cá entre nós, nem preciso saber.

Mando esta da estrada, ando com o pé que é um leque outra vez. Lembro um velho poema de Manuel Bandeira — “café com pão/ café com pão” — recriando a sonoridade dos trens de antigamente. Pois aqui nesta janela, além dela, passa boi, passa boiada, passa cascata, matagal, vilarejo e tudo mais que compõe a paisagem das coisas viventes, embora passe também cemitério e fome. Coisas belas, coisas feias: o bom é que passam, passam, passam. Deixa passar.

*Zero Hora, 29/7/1995*

## Sugestões para atravessar agosto

Para atravessar agosto é preciso antes de mais nada paciência e fé. Paciência para cruzar os dias sem se deixar esmagar por eles, mesmo que nada aconteça de mau; fé para estar seguro, o tempo todo, que chegará setembro — e também certa não fé, para não ligar a mínima às negras lendas deste mês de cachorro louco. É preciso quem sabe ficar-se distraído, inconsciente de que é agosto, e só lembrar disso no momento de, por exemplo, assinar um cheque e precisar da data. Então dizer mentalmente ah!, escrever tanto de tanto de mil novecentos e tanto e ir em frente. Este é um ponto importante: ir, sobretudo, em frente.

Para atravessar agosto também é necessário reaprender a dormir. Dormir muito, com gosto, sem comprimidos, de preferência também sem sonhos. São incontrolláveis os sonhos de agosto: se bons, deixam a vontade impossível de morar neles; se maus, fica a suspeita de sinistros augúrios, premonições. Armazenar víveres, como às vésperas de um furacão anunciado, mas víveres espirituais, intelectuais, e sem muito critério de qualidade. Muitos vídeos, de chanchadas da Atlântida a Bergman; muitos CDs, de Mozart a Sula Miranda; muitos livros, de Nietzsche a Sidney Sheldon. Controle remoto na mão e dezenas de canais a cabo ajudam bem: qualquer problema, real ou não, dê um zap na telinha e filosoficamente considere, vagamente onipotente, que isso também passará. Zaps mentais, emocionais, psicológicos, não só eletrônicos, são fundamentais para atravessar agostos.

Claro que falo em agostos burgueses, de médio ou alto poder aquisitivo. Não me critiquem por isso, angústias agostianas são mesmo coisa de gente assim, meio fresca que nem nós. Para quem toma trem de subúrbio às cinco da manhã todo dia, pouca diferença faz abril, dezembro ou, justamente, agosto. Angústia agostiana é coisa cultural, sim. E econômica. Mas pobres ou ricos, há conselhos — ou precauções — úteis a todos. O mais difícil: evitar a cara de Fernando Henrique Cardoso em foto ou vídeo, sobretudo se estiver se pavoneando com um daqueles chapéus de desfile à fantasia, categoria originalidade... Esquecê-lo tão completamente quanto possível (santo zap!): FHC agrava agosto, e isso é tão grave que vou mudar de assunto já.

Para atravessar agosto ter um amor seria importante, mas se você não conseguiu, se a vida não deu, ou ele partiu — sem o menor pudor, invente um. Pode ser Natália Lage, Antônio Banderas, Sharon Stone, Robocop, o carteiro, a caixa do banco, o seu dentista. Remoto ou

acessível, que você possa pensar nesse amor nas noites de agosto, viajar por ilhas do Pacífico Sul, Grécia, Cancún, ou Miami, ao gosto do freguês. Que se possa sonhar, isso é que conta, com mãos dadas, suspiros, juras, projetos, abraços no convés à luz da lua cheia, brilhos na costa ao longe. E beijos, muitos. Bem molhados.

Não lembrar dos que se foram, não desejar o que não se tem e talvez nem se terá, não discutir, nem vingar-se ou lamuriar-se, e temperar tudo isso com chás, de preferência ingleses, cristais de gengibre, gotas de codeína, se a barra pesar, vinhos, conhaques — tudo isso ajuda a atravessar agosto. Controlar o excesso de informação para que as desgraças sociais ou pessoais não deem a impressão de serem maiores do que são. Esquecer o Zaire, a ex-Iugoslávia, passar por cima das páginas policiais. Aprender decoração, jardinagem, ikebana, a arte das bandejas de asas de borboletas — coisas assim são efficientíssimas, pouco me importa ser acusado de alienação. É isso mesmo; evasão, escapismo. Assumidos, explícitos.

Mas para atravessar agosto, pensei agora, é preciso principalmente não se deter demais no tema. Mudar de assunto, digitar rápido o ponto final, sinto muito perdoe o mau jeito, assim, veja, bruto e seco:.

*O Estado de S. Paulo, 6/8/1995*

## Agostos por dentro

Foi na ponta do Leme, no Rio. Parecia verão pleno, mas era apenas julho, um dia quente e azul, pouco mais de meio-dia, a praia cheia de gente. Já repararam como, em dias quentes e azuis na beira da praia, no Rio, todos parecem deuses? Nesse dia, pareciam. Não só as adolescentes de cintura fina e cabelos encharcados de sal, mas também as mulheres um tanto passadas, e os homens também, e até os velhos pareciam deuses cansados, mas deuses. As cores, talvez, as peles, não sei ao certo. Há sempre um toque de divino no humano em dias assim, pensei.

Da sombra, e vestido, porque não posso tomar sol, continuei olhando e bebendo uma água de coco, porque não posso beber álcool. E era um dia perfeito para torrarse mesmo naquele tipo de sol dos horários mais impróprios que dermatologistas dizem ser assassino. Um dia perfeito também para empapucar-se de chope olhando o horizonte. Mas disso eu não me queixava, porque era um dia perfeito também para apenas contemplar o perfeito, mesmo sem poder fazer a maioria das coisas que o tornariam ainda mais perfeito. Digamos que naquele momento eu não fazia questão dessas tais coisas: tudo que precisava estava ao alcance talvez não exatamente das mãos, mas certamente dos olhos, o que já é alguma coisa.

Devo ter suspirado ou movido um pouco a cabeça para receber melhor no rosto a brisa com cheiro de algas, ou feito qualquer outro desses gestos típicos de quando se quer mudar de parágrafo por dentro, compreendem? Sei que não acendi um cigarro, seria um crime naquele ar, naquele azul, e sei ainda que não lembrei de nada acontecido há poucos ou muitos anos naquela praia onde vivi tantas coisas, tantas vezes. Para o futuro, também não cometi o erro de projetar o pensamento, pois sei que não tentei adivinhar se outra vez, algum dia, voltaria ali. Sem muita consciência do que fazia, não fiz nada que pudesse — a palavra é pedante e um tanto cristã, mas é a que quero usar — macular aquele estar ali.

Nos próximos segundos eu poderia quem sabe levitar, mas com isso chamaria muita atenção, talvez apenas entrasse num discreto satori tropical. A coluna ereta, o pensamento parado e mais vivo do que nunca, sem que ninguém percebesse. Foi então que alguma coisa — eu ia escrever “deu errado”, mas não, nada deu errado, o que houve foi só a continuação do que estava acontecendo, e só seria “errado” se o que estava acontecendo fosse “certo”, compreendem? Nem eu.

Mas o que houve — o tropeço, o solavanco, o esbarrão, a tosse no meio da área lírica —, o que houve foi um pensamento impiedoso e exatamente assim: não faço parte disso.

Não uma dúvida, mas uma certeza. Absoluta.

Sem inveja nem mágoa, revolta ou vontade furiosa de que pudesse ser de outra forma. Secamente, definitivamente, eu não fazia parte daquilo. Não por estar vestido e na sombra, não por viver noutra cidade, não pela água de coco em vez de chope. Por razões que não sei explicar; e nem precisariam tentar ser explicadas porque eram e, pior, continuam sendo completamente indiscutíveis.

Eu não fazia parte, e pronto.

Voltei lento e atordoado para o hotel.

A imensa janela de vidro do 18º andar dava para a praia. Cheia de sol, azul, turquesa, jade, cheia de gente viva. A janela não abria. Feito uma vitrina, uma jaula. Bebi água com gás, coca-cola, não lembro o quê, telefonei para algum número ocupado ou peguei o controle remoto e fiquei dando zaps frenéticos na TV. Não sei o que se fez ou o que eu mesmo fiz depois. Sei, e isso com certeza absoluta, que não teve a menor graça.

Desde então, tenho uns agostos por dentro, umas febres. Uma tristeza que nada nem ninguém conserta. É assim que se começa a partir?

*Zero Hora, 12/8/1995*

## Para uma companheira inseparável

Em Gramado, o Festival de Cinema; em Passo Fundo, a Jornada de Literatura: uma semana de festas no Rio Grande do Sul. Não para mim, que não fui convidado para nenhuma das duas (talvez pensem que já morri?), e mesmo que fosse, quase certamente não poderia ir. É que embora still alive, arrumei uma inimiga poderosa. A Tosse, eu a chamo, assim mesmo, com maiúsculas merecidas, pois já dura uns quatro meses e não tem nada, absolutamente nada, que a cure.

Começou, que eu lembre — e essas coisas a gente nunca lembra bem, começam discretas, quase imperceptíveis —, lá por maio. Foi logo depois de uma gripe e tão generalizada que tinha também um pouco de sinusite, rinite, otite e se outros ites existem no aparelho respiratório, essa gripe certamente também tinha. Tudo foi passando aos poucos. Ela, a Tosse, não.

Xaropes dos mais modernos àqueles mais clássicos, tipo mel-guaco-agrião, a outros feitos em casa, como uma indescritível mistura de abacaxi com alho e limão, foram perfeitamente inúteis, gotas jurássicas (Binelli) não adiantaram nada. Gargarejos, diminuir radicalmente e até, em certos dias, cortar cigarros; dormir em posições exóticas, meio sentado; exercícios respiratórios — tudo, tudo inútil. E chapas no pulmão — meu Deus, uma tuberculose, uma pneumonia: nada. Impávida, a Tosse continua.

Traíçoeira, inadequada, vem principalmente à noite. Tarde da noite, como entidade do mal que é, lá pelas quatro, cinco da manhã, quando faz tanto frio que seria suicídio sair da cama. E não passa. Procuo compreendê-la — de onde brota — para, quem sabe, com algum tipo de postura conseguir impedi-la. Mas é incompreensível, vem sem lógica, seca, constante, às vezes parece que do lado esquerdo da garganta, e a qualquer hora do dia, caminhando, sentado, lendo, comendo. Já não posso ir ao cinema, tenho pena de quem senta perto (ou mesmo longe, ela é poderosa), muito menos ao teatro (já pensou, um acesso desses durante uma pantomima?). Show de *hard rock*, talvez, mas a ideia não me atrai, e também não tem havido nenhum interessante. Às vezes, não consigo sequer falar ao telefone. O remédio é ficar subindo, descendo as escadas de casa. E tossindo, tossindo.

Há também a dor, o esforço muscular para expulsar algo que não existe (é seca, já disse, não há mucos, catarros, gosmas assim); faz doer a barriga, as costas, os ombros. Portanto,

mesmo quando ela, a Tosse, não está, a lembrança dela continua estando lá. E se de repente percebo, felicíssimo e espantado, meu Deus, há uns dez minutos não tusso, ela imediatamente volta. Claro que já considerei a possibilidade de ser psicológico. Digamos que seja. E daí? Continuo tossindo.

Meu médico diz que a causa é uma só — chama-se Porto Alegre, talvez uma das cidades com um dos piores climas do país. Principalmente em agosto, quando as paredes vertem água de tanta umidade, não há sol, o mofo se infiltra e as casas geladas transformam-se numa espécie de Disneyworld de ácaros. Trata-se portanto de atravessar agosto. Falta pouco. Prometo ser forte.

Prometo mesmo? Não garanto, a verdade é que nas últimas semanas não tenho conseguido. Vejam só, por exemplo, o assunto que arrumei para a crônica de hoje. Mas é que se não falasse disso não conseguiria falar de mais nada. Nem mesmo do mal que ACM está fazendo ao que resta de prestígio (resta algum?) a FHC. É que nada mais me interessa além da tosse. E se você acha que estou insuportavelmente chato, imaginem eu mesmo, o que não tenho achado...

*O Estado de S. Paulo, 20/8/1995*

## O mergulho do Príncipe Bailarino

Era uma vez um Príncipe. Alto, louro, bonito. Como devem ser os príncipes. Não posso afirmar se tinha cavalo branco. Talvez não, porque o que ele gostava mesmo era de dançar e de ensinar os outros a dançar também. Com as mãos, com os pés, com cada parte do corpo, até com o pensamento. Aliás, vinha de uma família de bailarinos. Então, o rei e a rainha, pais dele, achavam ótimo que dançasse tanto, em vez de ficar perdendo tempo com guerras idiotas, como a maioria dos príncipes chinfrins de hoje em dia.

Se era um Príncipe Encantado? Não posso garantir. Primeiro que existem vários tipos de encantamento. Sei é que havia alguma coisa nele que o tornava, na verdade, um Príncipe Des-Encantado. Não que fosse triste, mas é que olhava tudo com tanta atenção que começou a observar o movimento do vento, das árvores, das nuvens, da superfície dos lagos, das ondas do mar, de tudo que existe na natureza. Bom, daí ele começou a sonhar em ensinar: não só gente, mas também as coisas a dançar, compreende? E talvez fosse isso que desse o tal desencanto nele, pode ser. A alma dos príncipes bailarinos é tão misteriosa...

Sempre que podia, ele ia olhar o mar. Sentava na areia e ficava olhando as ondas, pensando ah, se aquela ondinha que vem vindo ali virasse um pouco mais para a esquerda ia ficar muito mais bonito. Ou: ah, se aquela outra que vem vindo mais atrás explodisse bem mais alto que todas as outras, jogando espuma em direção ao céu, tão alto que acabasse se misturando com as nuvens. Coisas assim, o Príncipe ficava pensando na praia. Não era loucura não. É que, além de príncipe, era artista. E um artista sempre acha que as coisas podem ser ainda mais bonitas ou melhores do que são. Pelo menos os artistas príncipes, que são poucos, insatisfeitos. Como príncipe e artista, aquele queria sempre o mais belo. De tudo: pessoas e pedras e plantas e águas e estrelas e bichos. Até coreografar o salto dos sapos andou tentando uma época, mas não deu certo porque eram bichos muito mal-educados. Bom, certo dia luminoso de sol e azul o Príncipe foi até a praia e decidiu: vou lá já-já falar com Iemanjá e com Netuno, que mandam em tudo no mar. Tirou a roupa, molhou os pés na água verde tão clarinha que dava pra ver a areia do fundo. Foi entrando. Cada vez mais fundo. Já não dava pé, ele começou a nadar. Aí lembrou que nem sabia direito onde moravam Iemanjá e Netuno. Como são deuses, pensou, devem estar em toda parte, os peixes vão avisar que quero falar com eles. E continuou nadando, nadando. Mar adentro, mar afora, mar a fundo.

O que aconteceu depois ninguém sabe direito. No dia seguinte, o corpo dele foi encontrado morto na areia da praia. Parece triste. Mas eu, que o conhecia, fiquei desconfiado que Iemanjá e Netuno adoraram a sua ideia e imediatamente chamaram um bando de ondinas — as ninfas que moram nas ondas — para começar as aulas. Só havia um problema: para as aulas, tinham que ficar com ele em tempo integral. Devem ter perguntado se queria mesmo ficar. Acho que ele disse sim. E ficou. Quer dizer, a parte dele que dançava separou-se do corpo e ficou por lá no fundo do mar, coreografando as ondas. Questão de, daqui a algum tempo, a gente observar como anda o movimento delas. Vai saber, não? Pois conheci esse príncipe. Era real. Chamava-se Rainer Vianna. Tive até a sorte de tomar umas cervejas com ele algumas vezes no Viena ali do Conjunto Nacional ou na Oficina Oswald de Andrade, onde a gente dava aulas. Há uma semana, Rainer foi encontrado morto, afogado, na praia de São Conrado, no Rio de Janeiro. Tinha 37 anos e muito ainda para fazer. Quem sabe não aqui, mas lá do Outro Lado?

Boa viagem, Rainer, que seja leve teu passo no espaço sobre nós.

*O Estado de S. Paulo, 3/9/1995*

## Aos deuses de tudo que existe

Não, os jardins não morrem no inverno, como os animais ou as pessoas, principalmente as mais velhas, apenas sofrem um pouco mais fundo do que de costume. Alguns, verdade, sucumbem. Minha vó Corruíra, por exemplo, costumava dizer: “Acho que deste agosto não passo.” E houve um do qual realmente não passou. Mas isso talvez fosse o destino, ou morresse mais facilmente no inverno? Sobretudo invernos gaúchos, quando o minuano vara frestas e fendas para cortar a pele feito navalha gelada. Enregelados, atravessamos agostos que parecem eternos e, nos setembros, suspiramos quase leves outra vez: “Meu Deus, passou.” O que vezenquando é puro engano: há pequenos agostos embutidos no entremeio dos doidos setembros.

Coisas assim, eu penso e aprendo olhando meu jardim sobrevivente. Óbvias, quem sabe. Pra mim, não: é que nunca antes na vida tive um jardim. Que nem sequer, e ainda bem, é só meu. Tem a mão mais antiga de meu pai, e também o “dedo verde” de minha irmã Cláudia, que me ensina toques espertos contra pragas. Por que existem as pragas. Ah, se existem. E bem mais que as sete bíblicas. Fora os agostos, formigas-cortadeiras, caracóis, lesmas, pulgões, ácaros, cochonilhas e falanges do mal de nome ainda mais esquisito que esse último. Armados até os dentes, lutamos. Todo santo dia. Guerra sem tréguas, Bósnia.

Contabilizo perdas: foram-se a angélica, begônias, lágrimas-de-cristo que eu achava que eram brincos-de-princesa (meu pai jura que voltam), uma dália amarelinha adorada pelos erês de Oxum e outras muitas. A hortênsia empacou, o jasmineiro agonizou, mas resistiu bravo. Já as margaridas ficaram ainda mais folhudas, os gerânios cresceram loucamente e as roseiras se revelaram inesperadamente fortes, com menos de um ano de vida e de um metro de altura. A branca Lygia certos dias chegou a render nada menos que seis rosas. Todas abertas ao mesmo tempo, numa apoteose a Oxalá (sugestão para fantasia carnavalesca). O belo fica ainda mais belo quando também é forte? Pois é.

E teve certa amarílis, que em julho dei por perdida. Semana passada, arrancando baldes de ervas daninhas de nojentas raízes brancas estranguladoras, a alegria: como uma ponta de espada brotando da terra, miniexcalibur. Ao contrário, lá estava a amarílis nascendo outra vez. Limpei mais, adorei, conversei, bravo, é isso aí, minha filha, não se entrega não. Happy end? Ledo engano: manhã seguinte, a pontinha de espada não passava de um toco roído durante a

noite não sei por que *abantesma* (só mesmo usando essa palavra) das trevas. Continuamos lutando, juntos, a amarílis e eu. Mas quando você pensa que um perigo medonho passou é porque outro ainda pior está vindo? Oh, Deus. E o perigo-passado realmente deixou você mais forte para o perigo-vindouro? E se só ficou o cansaço e se a amarílis desistir? E se eu desistir e for cuidar das verbenas, cravinas e amores-perfeitos que acabei de plantar?

Aprendem-se coisas, eu dizia. Vezenquando, assustadoras.

Mas lutamos, eu também dizia. E olho agora para trás e vejo na estante às minhas costas, bem à frente de um livro com reproduções de Egon Schiele, aquela árvore japonesa da fortuna e da felicidade, quando percebi que não superaria o inverno, transplanteia do jardim para o meu quarto. Era um resto negro calcinado pela geada. E quase invisível, um pontinho verde de vida na base. Fui até lá agora e medi: está com mais de meio palmo de altura empinadíssima, viva.

Então eu agradeço, eu tenho medo e espanto e terror e ao mesmo tempo maravilhamento e outras coisas com e sem nome, mas agradeço. Aos deuses dos jardins, aos deuses dos homens, aos deuses do tempo e até aos das ervas daninhas que nos fazem lutar feito tigres feridos fundo no peito, sim, eu agradeço.

*O Estado de S. Paulo, 17/9/1995*

## Delírios do Puro Ódio

Tenho dificuldade para dormir. Vezenquando por razões objetivas: febres, suores, tosses, aqueles vodus que só soropositivos conhecem. Mas essas nem são as piores noites. Mais horrível é quando não durmo de Puro Ódio, com maiúsculas. Fico então tentado a ligar para Hilda Hilst, outra que também dorme mal. Hilda me disse que reza, e chora, e pensa com pena e dor no planeta, e que tudo se agravou desde que cometi a imprudência de enviar a ela um livro do psicanalista gaúcho Ernesto Bono — exatamente aquele em que ele levanta a inquietante tese de que a Terra está tomada por extraterrestres do Mal, capazes de substituir um ser humano por um clone, ou simplesmente sequestrá-lo. Desde que leu Bono, Hilda — delirante, impressionável, e um pouco por isso mesmo a mais brilhante escritora brasileira viva — acrescentou a suas velhas angústias noturnas mais essa: ser “trocada” por um ET...

Esse medo não tenho, tô muito bombardeado pra interessar a ETs, mas também rezo e penso no planeta com imensa pena. Só não choro porque o Ódio é maior que a pena. Rolando na cama, luzinhas vermelhas do vídeo, computador e baterias brilhando no escuro, teço medonhas fantasias no meio da noite. Como estas:

Amanhã de manhã vou sair pelas ruas desgrenhado como se ainda tivesse cabelos, em robe de chambre e barba por fazer e chinelos em frangalhos aos berros de chega! Chega! E vou até Triunfo, nem que seja a pé, soltar uma bomba na câmara de vereadores e cuspir na cara daquele tal Deusinho e vou gritar aos quatro ventos como é que foi mesmo aquela história do sequestro do pai de Romário? E o massacre dos sem-terra em Rondônia? Por que ninguém fala mais nisso? E quando estiver bem doido eu vou entrar clandestino num avião da Air France para ir até Paris dar um tiro bem no meio dos cornos de Jacques Chirac, pois, cá entre nós, alguém tem que fazer esse servicinho, mas depois vou ficar comovido e vai me baixar uma Teresa de Calcutá de frente e partirei para a Bósnia chorando alto como chorei naquele cinema em Saint-Germain-

-des-Prés ano passado vendo *Bosna!*, documentário que Bernard-Henri Lévi fez lá naquele inferno e tudo isso sempre gritando chega! Chega! Chega! Tomado de cólera divina e asco e. Corta.

Nesse trecho da viagem, se não dormi, o cinza das madrugadas já começou a ficar cada vez mais claro através das frestas das persianas. E é possível que eu ceda à tentação de tomar

mesmo um Lexotan 3mg com 40 gotas de codeína, coisa que faço rarissimamente, vez por mês, modestíssima orgia barbitúrico-estupefaciente. Mas é mais provável que levante bem na hora do lobo, cinco, cinco e meia da matina, para abrir as janelas do quarto lembrando sempre daquela peça de Antônio Bivar, *Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã*, em que Maria Della Costa estuprava uma estátua grega. Certamente irei ao quarto dos fundos que virou biblioteca, também para escancarar janelas e ver o sol nascer atrás dos telhados, enquanto cheiro a malva que Nydia Guimarães me deu em Canela. Pego ao acaso Hoelderlin, Anne Sexton, Mário Quintana ou T.S. Eliot, poetas assim, dessa estirpe, leio meia dúzia de versos, depois desço apaziguado as escadas até a cozinha. E passo café e faço pranaïamas nirvânicos voltado para o Oriente e observo como anda o pé de araçá plantado há um mês e cuido também do alecrim, do poejo, da hortelã, do boldo, da arruda, do manjerição, do capim-cidrô, e só depois suspiro cheio de amor por todas as coisas belas que o Criador fez para o deleite nosso. Beatificado.

Passou, penso, o Puro Ódio passou.

Aí pego os jornais do dia embaixo da porta. No primeiro cigarro, descubro que não, não passou. A moça bonita de Garibaldi jogada no rio, terremotos, vendavais pelo Caribe (ai, Jacques Chirac!), balas perdidas, evangélicos chutando santas, ai, cliques quentintarantinescos do horror nosso de cada dia. Nove da manhã meus pais já levantaram, chegou a diarista. Tomar banho. Lento, limpo, longo. Porque assim é, todo dia, e a gente diz sim, alguns não admitem. Esses me interessam. Welcome, companheiro desta ala Sul da enfermaria Shikasta!

*Zero Hora, 21/10/1995*

## Frida Kahlo, o martírio da beleza

Há anos Frida Kahlo me persegue. Tentei fugir, não consegui. Desde os anos 70, redescoberta pelas feministas, quando fotos dela começaram a aparecer nas revistas, eu tinha medo. E me recusava a ler. Bastava aquele rosto duro, de pedra, metade asteca, metade etrusco, buço e sobrancelhas cerrados, olhar direto, arrogante. Sem saber quase nada, eu intuía qualquer coisa terrível na história de Frida. Descobri depois: era ainda mais terrível do que poderia imaginar.

Veio então um filme mexicano extraordinário, numa exibição especial qualquer, com certa atriz magnífica (não lembro o título, talvez *Frida*, algum cinéfilo me diga por favor). Saí do cinema aos prantos. E devorei, numa noite, uma biografia escrita por Rauda Jamis. Aterrorizado, fascinado. Ó Deus, por que a beleza pode ser tão medonha? Ou ao contrário, por que o medonho pode ser tão belo? Vieram então os quadros. As cores, as corças feridas com cabeça humana, corpos esquartejados, colunas vertebrais metálicas, as pernas amputadas, pregos na carne: a Dor. Maiúscula, maior que tudo. E sempre o rosto. Em todos os quadros, o rosto indescritível.

Em Paris, há três anos, caminhando por uma mostra de arte mexicana no Beaubourg, de repente tive uma espécie de vertigem. Que, estranho, não vinha de dentro de mim, mas emanava de um ponto na parede. Olhei: era uma explosão de cores primárias, brilhantes, exageradas. Era uma das dezenas de autorretratos de Frida Kahlo. Amarelo, vermelho, verde, lilás. Tive febre, depois. E comprei um livro de reproduções, as livrarias de Saint-Germain-des-Prés estavam cheias deles. E as de Amsterdam, as de Berlim, as de Milão e Londres e Oslo também, fui descobrindo. A imagem martirizada de Frida Kahlo estava por toda parte, como um Cristo-mulher contemporâneo. Um Cristo artista, bissexual, bêbado, drogado, adúltero, arrancando sua transcendência do próprio sangue, com as próprias unhas. E eu cruzava a Europa de ponta a ponta ouvindo Adriana Calcanhotto cantar no walkman: “Eu ando pelo mundo/ Prestando atenção em cores/ Cores que eu não sei o nome/ Cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo, cores.”

Agora leio *O diário de Frida Kahlo*, um livro lindíssimo da Livraria José Olympio Editora, publicado no mundo todo este ano a partir de cadernos deixados no Banco do México. Os diários, escritos com tinta colorida, entremeados de desenhos perturbadores, com

símbolos esotéricos hindus, celtas, pré-colombianos, cobrem os anos de 1944-1954. Sempre deitada, coberta de panos e mantas de seda índios, cheia de joias extravagantes, ela olhava-se ao espelho e pintava e escrevia sem parar o que conhecia melhor: a própria dor. A coluna bífida, poliomielite, uma perna esmagada e amputada, várias fraturas na coluna, 35 cirurgias durante uma vida de apenas 47 anos.

Sobre aquele rosto, diz Carlos Fuentes, que a viu apenas uma vez no Palácio das Belas-Artes da Cidade do México: “O corpo é o templo da alma. O rosto é o templo do corpo. E quando o corpo decai, a alma não tem outro santuário a não ser o rosto.” E Frida, que era poeta, diz assim, cito em espanhol, que é mais belo: “*Desde que me escribiste, en aquel día tán claro y lejano, he querido explicarte que no puedo irme de los días, ni regresar a tiempo al otro tiempo. No te he olvidado — las noches son largas y difíciles.*” E diz mais, escute, é importante: “*Lo que más importa es la no-ilusión. La mañana nace.*”

Passo noites longas, difíceis, o sono raro, entre fragmentos febris de suores e pesadelos, assombrado por Frida Kahlo. Choro muito. Não consigo terminar o livro, não consigo parar, não consigo ir em frente. Seguro sua mão imaginária no escuro do quarto e sei que seja qual for a dimensão da minha própria dor, não será jamais maior que a dela. Por isso mesmo, eu a suportarei. Como ela, em sua homenagem, Frida.

*O Estado de S. Paulo, 29/10/1995*

## Entrevisão do trem que deve passar

Está amanhecendo. Não, talvez esteja anoitecendo. Impossível dizer baseado apenas nessa luz nem clara nem escura, suspensa na atmosfera, uma luz que não vem de nada visível, nem de sol nem de lua. Uma luz como essa que costumamos dizer de “um dia sem luz”. Erradamente, pois embora invisível, indefinida, a luz está lá. Sob uma luz dessas, ao ar livre, você está sentado. Não sei se na transição do dia para a noite, da noite para o dia, e nem mesmo se em algum outro tempo no meio da manhã ou da tarde. No meio da noite, não, porque seria escuro, e essa luz — a do escuro, a da não luz — é reconhecível. Mas ela não importa, a luz, seja qual for. Nem importa você estar sentado, em pé ou mesmo deitado. Importa você estar lá. Importa, quero dizer, no que escrevo agora, no que imagino, e não sei ainda direito o que é.

Você está lá. Há aquela luz à sua volta. Não posso descrever seus traços, nem mesmo dizer se é homem ou mulher, vejo apenas um vulto. E sei, mas não sei por que sei, que trata-se de um espaço aberto. Como a plataforma de uma estação. Perto de você há vultos menores, quadrados, retangulares. Parecem malas, bagagens. Sei que são objetos porque não se movem, enquanto você às vezes dá alguns passos, abre ou estende os braços. Imagino então assim: você é alguém que vai viajar para longe, ao amanhecer. Eu poderia até afirmar isso, e ninguém duvidaria, não só porque sou dono e soberano de minha própria imaginação, mas porque é exatamente isso o que imaginaria qualquer um que entrevisse o mesmo que entrevejo. O problema para descrever é esse: apenas entrevejo.

Apenas entrevendo, continuo a entrever.

Não há mais ninguém nessa estação. Ou por algum motivo não entrevejo os outros que talvez estejam também lá, apenas você, num zoom seletivo que exclui os demais. E por se tratar de uma estação, deve haver um trem que não chega, não passa nem parte. O que passa é apenas o tempo. Sei que passa não porque a luz se modifique ou aconteça alguma coisa, mas pelos seus pequenos movimentos, um passo, um braço, que revelam ansiedade e espera. O que se pode fazer numa situação como essa — mesmo para mim, que deveria ser o dono dela, mas me recuso — a não ser esperar? Esperamos, todos. O que está lá, o que conta sobre isso e os que leem sobre isso. Esperamos então. Horas, dias, meses, anos e anos. Ninguém sabe o quanto. Podemos nos distrair enquanto esperamos, ligar o rádio, olhar pela janela, abrir a geladeira, mastigar alguma coisa, beber mais água neste dia seco, até mesmo ligar a TV para

entrar noutras histórias, falsas ou verdadeiras, mas onde aconteçam coisas, em vez de ficarmos parados nesta onde nada acontece desde as primeiras palavras. E voltar a ela como quem volta a chamar um número de telefone eternamente ocupado, só para constatar que continua ocupado e apenas para ter a sensação de não desistir. Desistir não é nobre. E, arduamente, não desistimos.

Então acontece. É tão surpreendente que aconteça que pouco importa seja a única coisa que poderia acontecer. O trem chega e para. Na plataforma você começa a tentar colocar as bagagens dentro dele. Mas elas não saem do chão. O trem apita, o trem vai partir. Você percebe que não pode levar nada além de você mesmo. E entra no trem. Mas isso que você tenta fazer entrar no trem, e que é o seu corpo, também não pode entrar. Então você o deixa, deixa o vulto que entrevejo jogado na estação junto com as bagagens. O trem então parte levando de você algo que nem você nem eu sequer conseguimos entrever. Outra coisa, talvez nada, porque nada podemos garantir ter visto partir dentro do trem.

Você não grita nem acorda. Não há terror, mesmo sendo aterrorizante: é assim que é. E pior ainda, não se trata de um sonho. Começa a amanhecer. Ou a anoitecer. Ninguém sabe quando passa o trem. Nem para onde vai. E não se leva nada. Isso é tudo que sabemos.

*O Estado de S. Paulo, 12/11/1995*

## Os anjos da febre e a mão de Deus

Não sei se é só comigo que acontece. Já andei perguntando a outras pessoas e ninguém confirma. Mas são como visões? Perguntam, e eu digo sim, só que o extraordinário não é isso. Tento explicar: são seres pequenos, minúsculos que vivem dentro (ou junto, ou ao lado) das visões, e que me conduzem a elas para me mostrar as visões. Como anjos, duendes, menores ainda, do tamanho de uma unha, menores até. Não posso afirmar porque tudo acontece sempre e apenas naquele estado febril de corpo molhado, boca seca, lábios partidos.

Seres noturnos habitam o País ardente da febre. Há mais de ano e praticamente toda noite, jamais durante o dia, quem sabe não gostam da luz. Liliputianos, me ocorre agora, isso é o que são. A cama às vezes fica coberta deles, o quarto apinhado. Não são do Mal, nada têm a ver com pesadelos. E que coisas mostram? Bem, esqueço sempre na manhã seguinte. Na verdade esqueço já no primeiro gole d'água, quando finalmente consigo tomar um. Dão muita sede, meus pequenos amigos noturnos. E se exacerbados, racham os lábios da gente, dão calafrios, o que mostram, você quer saber? Vagamente, porque da febre na manhã seguinte resta apenas o Corpo cada vez mais devastado, lembro de inconfundíveis delicadezas orientais. Fragmentos de mandalas, intrincados labirintos, estamparias de tecidos, objetos. Houve, suspenso no espaço, um vaso de opala azul (embora eu não lembre ao certo como é uma opala, e muito menos se pode ser azul) que tentei pegar a noite toda. E jurei que me movia em direção a ele, enquanto diziam “a opala azul, pega a opala azul”, até que acordei encharcado de suor, bebi aquele gole d'água e o vaso de opala azul desapareceu. Para sempre. É impossível tocar as coisas que eles trazem, e essas coisas jamais voltam. Se tocá-las alguma um dia, me pergunto, talvez também eu não volte mais? Não sei responder. Quem sabe esta será a passagem para o lado encantado dos mágicos crepitantes (salamandras?). Não tenho medo. Seria uma bela forma de partir e, desde que belas, as formas nunca me assustam.

Mas outro dia, outro dia eles passaram a noite me mostrando as mãos de Deus. Em fragmentos de razão uma parte de meu cérebro argumentava, mas, meninos, a gente nem sabe se Deus existe e, se existir, muito menos se terá corpo, que dirá mãos. Insistiram. As mãos de Deus vezenquando eram fortes, calosas, unhas grossas, quebradas como as de um camponês, um lenhador: outras, com longas, recurvas, repugnantes feito as de Zé do Caixão; e também revi, tão dolorosas, mãos iguais às de Clarice Lispector após o incêndio — calcinadas, tocos

de dedos, cicatrizes. Havia luvas medievais de ferro com pregos engastados nas palmas, prestes a se abater sobre a testa dos ímpios, outras com magros dedos brancos de pianista, nervosas como as de Jane Fonda no filme *Julia*, e garras, deformidades, patas também, translúcidas como ilustrações de livros sobre devas. Mãos de todo jeito, as de Deus, até não humanas, monstruosas, aterradoras. Ninguém respondeu quando perguntei se seriam várias, e todas de Deus (um polvo, uma deusa Shiva?). Não tentei tocá-las. Seria definitivo demais. Também porque, antes disso, eu já sabia que algumas delas são mestras em cravar-se fundo em nosso coração, garras de águia.

Não, não tomei nenhuma liberdade com as mãos de Deus, nenhuma ousadia. Fiquei a noite toda com sede, transpirando e olhando e pensando, mas quais, quais afinal serão verdadeiras? Provavelmente todas. Agora é de manhã, vou trocar os lençóis como faço todo dia, e como todo dia procurar pelos seres da febre em alguma fimbria, em alguma dobra. Não estarão lá, nem haverá vestígio algum. Mas sei que voltam. E até sorrio, carregando uma espécie de saudade enquanto a noite não chega outra vez.

*O Estado de S. Paulo, 26/11/1995*

## Mais uma carta para além dos muros

Ela se debruçou sobre mim, tão próxima que consegui ver meu rosto inteiro refletido em suas pupilas dilatadas. Era bonita? Pergunta Alguém-Ninguém, a quem tento contar esta história que nem história seria. Fico aflito, tenho sempre tanto medo que me desviem do que estou tentando desesperadamente organizar para dizer; qualquer atalho poderia me perder, e à minha quase história, para todo o sempre. E nada mais triste que histórias abortadas, arrastando correntes, fantasmas inconsoláveis.

Mesmo assim, pacientíssimo, respondi: Não, querido. Era, sim, uma cara de verdade. A de Simone Signoret no final, lembra? A de Irene Papas, Anna Magnani, Fernanda Montenegro. Sem artificios, crua. Adélia Prado, Jeanne Moreau. Uma cara que se conquista e ousa, que a vida traça, impõe e esculpe fundo em lascas e vincos feitos num mapa em relevo. Anouk Aimée, Marguerite Duras, Vanessa Redgrave. Alguém-Ninguém entusiasma-se com o glamour dessas comparações. Cala-se, olho parado divaga em outras imagens, outras divas. Nem ouve mais, eu continuo a contar.

Nas pupilas dela, desmesurados buracos negros que a qualquer segundo poderiam me sugar para sempre, para o avesso, se eu não permanecer atento — nas pupilas dela vejo meu próprio horror refletido. Eu, porco sangrando em gritos desafinados, faca enfiada no ventre, entre convulsões e calafrios indignos. Eu gritava Senhor de Toda Luz e de Tudo que Existe, dai-me Força, Fé e Luz. Gritei também não palavras, uivos, descobrindo na carne que o berro alivia a dor. Gado no matadouro, recém-nascido após o tapa e o choque, aterrorizado com a clareza dura e o ruído insuportável do mundo cá de fora. Grito também: Senhor, não agora, porque eu não quero que seja agora. Minhas histórias não escritas, meu jardim? Desafiei Deus, sinto muito, era a única maneira de me salvar. Ele me entendeu. Suponho, embora nunca seja confiável, como diz Hilda Hilst. Então confiei apenas no meu berro de cachorro atropelado na estrada deserta, gato de espinha quebrada a pau rastejando na sarjeta do poema de Ferreira Gullar. Ai, Frida Kahlo...

Naquela cara viva, transbordando para além das pupilas-buracos-negros vi não apenas o meu horror, mas o horror e a beleza de tudo que é vivo e pulsa e freme no Universo, principalmente o humano. Aleph, quem sabe Anima. Não parecia cruel, apenas exata, meticulosa sacerdotisa. Sabre na mão, prestes a arrancar o coração palpitante do menino e da

virgem que eu também era. Cumpria sua tarefa. Parca, Moira, Harpia. Sua pele nem transpirava. E de repente, talvez porque eu tenha lido e sonhado e visto filmes demais, a cara transformou-se na da Górgona. Nada de cabelos de cobras entrelaçados, dentes pontiagudos de marfim.

Continuava de certa forma linda, mas também medonha, e agora também mítica. Grega, etrusca, asteca, bizantina, a teia enorme de cabelos negros emaranhados em torno dos pômulos de pedra.

Tão próxima da minha a cara do meu horror de verme vivo, seria fácil ir com ela. Mergulhar em alívio no buraco negro meu de bicho vil, no meu pedantismo de animal aculturado. Para sempre: ir. Para o outro lado, onde? Eu não quis. Ou foi Deus que não deixou? Não era hora ou Deus nem tem nada a ver com isso ou qualquer outra coisa, e sequer existe. Não sei. Sei, sem dúvida, que a vi. Depois, emergindo do coma artificial da morfina, cateteres enfiados nas veias, nunca mais a vi. Pelos corredores sangrentos das CTIs, pelos brancos labirintos hospitalares, empurrando macas, fazendo curativos, em nenhum lugar estava mais. Desapareceu. Não temo que volte um dia. E voltará, sina de todo humano. E sei, sabemos perfeitamente quem é essa cara nossa de cada dia, sempre à espreita. Alguém-Ninguém parece despertar. Como se chamava? Pergunta. Respondo em voz tão baixa que nem sei se chego a falar. Nem é preciso.

Amanhã à meia-noite volto a nascer. Você também. Que seja suave, perfumado nosso parto entre ervas na manjedoura. Que sejamos doces com nossa mãe Gaia, que anda morrendo de morte matada por nós. Façamos um brinde a todas as coisas que o Senhor pôs na Terra para nosso deleite e terror. Brindemos à Vida — talvez seja esse o nome daquele cara, e não o que você imaginou. Embora sejam iguais. Sinônimos, indissociáveis. Feliz, feliz Natal. Merecemos.

*O Estado de S. Paulo, 24/12/1995*

## No dia em que Vargas Llosa fez 59 anos<sup>4</sup>

Na manhã do dia em que Vargas Llosa fez 59 anos em Porto Alegre, acordei bastante cedo e nem li jornal nem nada, fiquei desde logo tentando escrever, tanta coisa atrasada, e já às oito e meia tocou o telefone avisando que um amigo estava hospitalizado, vou aí à tarde, prometi, mas só depois de desligar lembrei que não posso mesmo ir a hospital, essas tais defesas baixíssimas, e continuei tentando escrever, a impressora enlouqueceu outra vez, mas já aprendi o jeito, tem que sair do *Windows*, voltar ao *Windows* e fazer tudo de novo, pois fiz tudo de novo enquanto tentava esclarecer por telefone por que, raios, tinham me dado a assinatura de um jornal de SP depois desdado, só queria saber se iam redar ou se precisava fazer uma nova, mas a linha caiu várias vezes, agora tem uma moda infernal, você liga e não faz sinal nenhum, e eu fui tentando telefonar e tentando escrever ao mesmo tempo, o que não é possível, e de repente era depois de meio-dia e eu estava tonto de fome e fui almoçar sem ter escrito nada.

Na tarde do dia em que Vargas Llosa fez 59 anos, fiquei tentando escrever enquanto ligavam de uma revista turística querendo saber se eu preferia falar sobre Köln ou Nantes e eu disse que ia pensar, só queria continuar tentando escrever, mas a secretária exigiu nome-completo-rg-cic-conta-e-código-de-banco e eu tinha também que assinar uns papéis para a compensação de direitos autorais de Berlim e não conseguira mesmo escrever nada quando me dei conta que eram 15h e a hora no médico era às 14h45, enfiei uma camiseta, saí correndo, peguei um táxi até Petrópolis e aí foi a melhor do dia, porque além de afirmar que não tenho mesmo nada nos pulmões o médico ficou falando em descer o Nilo de barco, subir nas pirâmides e ver o Vale dos Reis, depois seguir até a Grécia, quero morrer em Creta, eu disse, chegar em Creta e pum! Uma parada cardíaca fulminante literalmente divina e sobretudo mítica, pensando nisso eu fui voltando a pé do outro lado da cidade, mas começou a soprar um vento gelado e achei melhor tomar um Fusca todo arreventado, o motorista ficou contando que tinha alugado *Lobo* no vídeo, mas tomou cerveja demais, dormiu antes do fim e teve que devolver sem ver, pediu pra eu contar e eu disse que Michele Pfeiffer virava loba também, mas ele fez ar de desprezo e disse que preferia a Sharon Stone, achei melhor não discutir, já estava chegando mesmo no Menino Deus e antes de voltar para casa e continuar tentando escrever precisava passar na farmácia para comprar própolis, foi então que a dona da

farmácia veio direto dizendo que queria *usar* meu nome para um artigo sobre homeopatia, e eu estava começando a me sentir tão, mas tão cansado que concordei com tudo, saí pensando droga, não posso mais voltar aqui, e vim embora continuar tentando escrever.

Na noite do dia em que Vargas Llosa completou 59 anos, sem querer eu dormi às seis da tarde para acordar à meia-noite com a casa toda escura e resolvi deixar para escrever amanhã, então liguei a TV e só então fiquei sabendo que Vargas Llosa estava fazendo 59 anos, em Porto Alegre, mas esperei paciente só para ver um pouco a Audrey Hepburn em *Funny Face*, aquele visual fantástico de Richard Avedon, mas só depois de atravessar todos os crimes e o aumento dos juros dos importados foi que o filme começou e para meu espanto lembrei da letra quase toda de “Think Pink”, futilidade é o que mais salva a gente, gente, às três da manhã desisti do filme e de repente pensei em Hilda Hilst sozinha na fazenda, 64 anos, 15 cachorros mais nada nem ninguém, lembrei de J.D. Salinger afastando a tiros quem se aproxima de seu sítio, abri as cartas de Rimbaud e caiu justo naquele episódio de Bruxelas, quando Verlaine deu o tiro na mão dele, eu não conseguia dormir e acabei tomando um Lexotan, o que é raro, e acabei deixando para escrever amanhã, quer dizer, hoje, agora, aqui, assim, é isso.

Agora eu nunca estou sozinho  
na pior das hipóteses  
estou com Deus!

Henry Miller

## Outros títulos do autor pela Editora Nova Fronteira

Caio de A a Z

Caio 3D: O essencial da década de 1970

Caio 3D: O essencial da década de 1980

Caio 3D: O essencial da década de 1990

A Comunidade do Arco-Íris

Os dragões não conhecem o paraíso

As frangas

Limite branco

Morangos mofados

O ovo apunhalado

Onde andarás Dulce Veiga?

Pedras de Calcutá

Triângulo das águas

Teatro completo

A vida gritando nos cantos

EQUIPE EDITORIAL

*Daniele Cajueiro*

*Ana Carla Sousa*

*Maria Cristina Antonio Jeronimo*

*Guilherme Bernardo*

*Adriana Torres*

*Pedro Staite*

*Alex Machado*

*Leandro Liporage*

*Maicon de Paula*

*Vinicius Louzada*

REVISÃO

*Eduardo Carneiro*

DIAGRAMAÇÃO

*Filigrana*

# Notas

- 1 Publicada no livro *Estranhos estrangeiros*. (N. do E.)
- 2 “O crachá nos dentes”, do livro de Lygia *A noite escura e mais eu*. (N. do E.)
- 3 Publicado no Brasil pela Companhia das Letras com o título *Assim vivemos agora*, em tradução de Caio Fernando Abreu. (N. do E.)
- 4 Esta crônica não chegou a ser publicada em jornal. Recebeu o título de “No dia em que Vargas Llosa fez 59 anos” na primeira edição de *Pequenas epifanias*, Editora Sulina. (N. do E.)